



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
Instituto de Estudos da Linguagem

THIAGO MARCONDES VALENZUELA BOLIVAR

**ATTITUDES E IDEOLOGIAS LINGUÍSTICAS  
SOBRE O PORTUGUÊS E O ESPANHOL NA  
TRÍPLICE FRONTEIRA**

**ATTITUDES AND IDEOLOGIES TOWARDS THE  
PORTUGUESE AND SPANISH LANGUAGES IN  
THE TRI-BORDER AREA**

CAMPINAS, 2023

THIAGO MARCONDES VALENZUELA BOLIVAR

**ATITUDES E IDEOLOGIAS LINGUÍSTICAS  
SOBRE O PORTUGUÊS E O ESPANHOL NA  
TRÍPLICE FRONTEIRA**

Tese apresentada ao Instituto de Estudos da Linguagem, da Universidade Estadual de Campinas, como parte dos requisitos exigidos para obtenção do grau de Doutor em Linguística, sob orientação da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Anna Christina Bentes da Silva.

Thesis presented to the Institute of Language Studies, of the University of Campinas, in partial fulfilment of the requirements for the degree of Doctor in Linguistics, under the supervision of Dr. Anna Christina Bentes da Silva.

O arquivo digital corresponde à versão final da dissertação/tese defendida pelo aluno Thiago Marcondes Valenzuela Bolivar e orientada pela professora doutora Anna Christina Bentes da Silva.

CAMPINAS, 2023

Ficha catalográfica  
Universidade Estadual de Campinas  
Biblioteca do Instituto de Estudos da Linguagem  
Leandro dos Santos Nascimento - CRB 8/8343

Bolivar, Thiago, 1978-  
B638a Atitudes e ideologias linguísticas sobre o Português e o Espanhol na Tríplice Fronteira (Brasil-Paraguai-Argentina) / Thiago Marcondes Valenzuela Bolivar. – Campinas, SP : [s.n.], 2023.

Orientador: Anna Christina Bentes da Silva.

Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Tríplice Fronteira (Argentina, Brasil e Paraguai). 2. Ideologias linguísticas. 3. Atitudes linguísticas. I. Bentes, Anna Christina, 1963-. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

Informações Complementares

**Título em outro idioma:** Attitudes and ideologies towards the Portuguese and Spanish languages in the tri-border area (Brazil-Paraguay-Argentina)

**Palavras-chave em inglês:**

Tri-Border Area (Argentina, Brazil and Paraguay)

Language ideologies

Linguistic attitudes

**Área de concentração:** Linguística

**Titulação:** Doutor em Linguística

**Banca examinadora:**

Anna Christina Bentes da Silva [Orientador]

Sebastião Carlos Leite Gonçalves

Regina Celia Fernandes Cruz

Livia Oushiro

Emilio Gozze Pagotto

**Data de defesa:** 10-05-2023

**Programa de Pós-Graduação:** Linguística

**Identificação e informações acadêmicas do(a) aluno(a)**

- ORCID do autor: <https://orcid.org/0000-0003-3026-8449>

- Currículo Lattes do autor: <http://lattes.cnpq.br/4541879404930264>



**BANCA EXAMINADORA:**

**Anna Christina Bentes da Silva**

**Livia Oushiro**

**Emilio Gozze Pagotto**

**Regina Celia Fernandes Cruz**

**Sebastião Carlos Leite Gonçalves**

**IEL/UNICAMP  
2023**

**Ata da defesa, assinada pelos membros da Comissão Examinadora, consta no SIGA/Sistema de Fluxo de Dissertação/Tese e na Secretaria de Pós Graduação do IEL.**

A mi Triple Frontera — a veces bastante querida, a veces no tanto — que me regaló todo esto. Quién lo hubiera dicho: independiente de mis humores a tu respecto, soy tuyo.

## AGRADECIMENTOS

Há quase vinte anos, quando eu estava na segunda metade de meus estudos de graduação, e com o apetite recém aberto pelo universo da pesquisa acadêmica, tive a oportunidade de fazer uma iniciação científica — minha primeira atuação como pesquisador de verdade. Uns cinco anos depois, eu estava defendendo um mestrado; e agora, após um extenso hiato, me encontro no momento da defesa de um doutorado. Ao longo de todo esse percurso, em que me foram sugeridos e apresentados diversos caminhos na forma de leituras, metodologias, cursos, trabalhos práticos e mais uma infinidade de aportes, houve uma constante, na forma de uma presença humana para além da deste autor: minha professora orientadora, Anna Bentes. Este profundo agradecimento que faço à Anna não se refere, portanto, somente à culminação do trabalho atual, mas às duas décadas de convivência, com toda a instrução e apoio que recebi desta brilhante expoente da Linguística brasileira.

Agradeço também aos professores que, como membros das bancas de qualificação e/ou de defesa da tese, ou na qualidade de suplentes desta última, participaram diretamente do processo de aperfeiçoamento deste trabalho, dedicando seu tempo a revisá-lo em seus rumos e em seus parágrafos, corrigindo o que foi necessário e sugerindo as modificações que procurei seguir da melhor maneira que pude: Leandro Diniz, Livia Oushiro, Sebastião Gonçalves, Emilio Pagotto, Regina Cruz, Maria Vieira e Bruno Petzoldt. Devo dizer que, em tudo o que envolve o processo de orientar um pesquisador que busca avançar em seu caminho acadêmico — desde a indicação de referências até as críticas em um momento de arguição —, percebo uma dimensão de cuidado ou até mesmo de carinho que é recebida, neste caso, com a devida gratidão mas também com o constrangimento de quem pouco ou nada tem a oferecer em troca. Professores: apenas posso esperar que o resultado final, mesmo com as imperfeições de minha parte que devem ter persistido, não os desaponte em demasia.

Para além dos acadêmicos diretamente envolvidos com o aperfeiçoamento desta pesquisa, o elenco humano é tão extenso que me causaria receio a possibilidade de esquecer alguns nomes fundamentais ao resolver citar ‘todos’. Recebi o precioso apoio de colegas professores, de alunos, de ex-alunos, de vizinhos, de pessoas às vezes pouco conhecidas que mesmo assim se dispuseram a ajudar a quem viram em necessidade.

Agradeço à minha universidade — a UNILA — por fomentar de diversas maneiras o meu aperfeiçoamento acadêmico, e ao IEL/UNICAMP, na pessoa de todos os seus

funcionários e comunidade em geral, por ser mais uma vez o cenário de uma caminhada acadêmica deste seu filho.

Em uma esfera mais pessoal, devo agradecer pelo amparo que obtive de pessoas como a Mãe Arara e a Graça — cujo reavivamento do contato acabou sendo um presente oferecido pelas dificuldades pessoais que encontrei no processo, e que me trouxe, por consequência, o apoio de Dona Jo e do senhor Bruñeras.

Permeando tudo isto, enfim, esteve a energia do grande amigo Yogananda que, em certo momento de angústia, fez chegar até mim, de forma inusitada mas certa, a mensagem que me tocou a continuar: “*sorgenfrei*”!. Muito obrigado!

## RESUMO

Este trabalho objetivou identificar, analisar e descrever questões de ideologia linguística na chamada Tríplice Fronteira entre Brasil, Argentina e Paraguai, com foco em dois dos principais idiomas locais: o Português e o Espanhol. De início, é apresentada uma descrição do panorama sociolinguístico da região, que é particularmente rica em contatos etnolinguísticos para muito além dos idiomas enfocados; e, na sequência, discorre-se a respeito de questões teóricas envolvendo ideologias linguísticas (segundo Verschueren 2012; Gal e Irvine, 2000), ilustradas por meio de observações etnográficas na região (com base principalmente na Antropologia Linguística de Duranti, 1997) e em outros contextos geográficos. Após argumentar que as atitudes linguísticas são algumas das expressões mais salientes das ideologias linguísticas que possam circular em uma determinada comunidade, o autor traz uma maior materialidade às discussões por meio da aplicação de um teste conhecido como *matched-guise* (concebido por Lambert, 1960), que neste caso objetivou verificar as atitudes de um total de 60 sujeitos — entre brasileiros, argentinos e paraguaios da região — sobre os idiomas enfocados. Os resultados demonstram uma tendência dos brasileiros a avaliarem melhor o Português (e representações de si mesmos) frente ao Espanhol (e representações de seus vizinhos), o que é corroborado ao menos em parte por argentinos e paraguaios.

*Palavras-chave: Tríplice Fronteira; ideologias linguísticas; atitudes linguísticas.*



## ABSTRACT

This study aimed to identify, analyse and describe issues of linguistic ideology in the so-called Tri-Border area between Brazil, Argentina and Paraguay, focusing on two of the main local languages: Portuguese and Spanish. Initially, a description of the sociolinguistic panorama of the region — which is particularly rich in ethnolinguistic contacts going far beyond the languages in focus — is presented, followed by a discussion on theoretical issues involving linguistic ideologies (according to Verschueren 2012; Gal and Irvine, 2000), illustrated by ethnographic observations in the region (based mainly on Duranti's 1997 *Linguistic Anthropology*) and in other geographic contexts. After arguing that language attitudes are some of the most salient expressions of the linguistic ideologies that may circulate in a given community, the author brings greater materiality to the discussions through the application of a test known as the 'matched-guise' (conceived by Lambert, 1960), which in this case aimed to verify the attitudes of a total of 60 subjects — among Brazilians, Argentines and Paraguayans in the region — towards the languages in focus. The results demonstrate a tendency for Brazilians to better evaluate Portuguese (and representations of themselves) compared to Spanish (and representations of their neighbours), which is corroborated at least in part by Argentines and Paraguayans.

*Keywords: Tri-Border (Brazil, Argentina, Paraguay); language ideology; language attitudes.*

## RESUMEN

Este trabajo tuvo como objetivo identificar, analizar y describir cuestiones de ideología lingüística en la llamada Triple Frontera entre Brasil, Argentina y Paraguay, centrándose en dos de los principales idiomas locales: portugués y español. Inicialmente se presenta una descripción del panorama sociolingüístico de la región, particularmente rico en contactos etnolingüísticos que van mucho más allá de las lenguas en foco; y luego discute cuestiones teóricas que involucran ideologías lingüísticas (según Verschueren 2012; Gal e Irvine, 2000), ilustradas por medio de observaciones etnográficas en la región (basadas principalmente en la Lingüística Antropológica de Duranti, 1997) y en otros contextos geográficos. Luego de argumentar que las actitudes lingüísticas son algunas de las expresiones más destacadas de las ideologías lingüísticas que pueden circular en una determinada comunidad, el autor aporta mayor materialidad a las discusiones mediante la aplicación de un test conocido como *matched-guise* (concebido por Lambert, 1960), que en este caso tuvo como objetivo verificar las actitudes de un total de 60 sujetos — entre brasileños, argentinos y paraguayos de la región — sobre las lenguas en foco. Los resultados demuestran una tendencia de los brasileños a evaluar mejor el portugués (y las representaciones de sí mismos) en comparación con el español (y las representaciones de sus vecinos), lo que es corroborado, al menos en parte, por argentinos y paraguayos.

*Palabras claves: Triple Frontera; ideologías lingüísticas; actitudes lingüísticas.*

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b>	<b>12</b>
1.1 Princípios: uma universidade como espaço de metainvestigação	13
1.2 Espaço geo-histórico	15
1.3 Espaço sociolinguístico	20
<b>2. A TRÍPLICE FRONTEIRA À LUZ DE TEORIAS SOCIOLINGUÍSTICAS</b>	<b>31</b>
2.1 A Tríplice Fronteira como ‘comunidade de fala’: visões possíveis	31
2.2 Valores linguísticos na Tríplice Fronteira	34
<b>3. PERCURSO TEÓRICO-METODOLÓGICO</b>	<b>47</b>
3.1 Línguas em Contato	47
3.2 Atitudes Linguísticas	52
3.3 Ideologias Linguísticas	62
3.4 Acomodação Comunicativa	68
3.5 A metodologia do matched-guise	79
<b>4. METODOLOGIA</b>	<b>91</b>
4.1 Projeção e elaboração do teste de matched-guise	91
4.2 Processo de coleta de dados	99
4.3 Dinâmicas de quantificação geral dos dados	103
<b>5. ANÁLISE DOS DADOS</b>	<b>106</b>
5.1 Análise preliminar: comparativos entre grupos etnolinguísticos	106
5.2 Interconexões: gênero e idade	113
5.3 Dimensões de status e solidariedade	124
5.4 Interpretação dos resultados	128
<b>6. ALGUMAS CONCLUSÕES</b>	<b>140</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	<b>143</b>
<b>ANEXOS</b>	<b>149</b>

## 1. INTRODUÇÃO

A proposição básica deste trabalho – que o guiou através de todo o processo de busca por teóricos pertinentes, de revisão de trabalhos relacionados e de hipóteses prévias, de responsabilidade do próprio autor, e, finalmente, de seleção e adaptação de metodologias de coletas de dados mais eficazes para a aplicação dentro do contexto particular – é a identificação e a análise de *atitudes linguísticas* que possam dar conta de lançar luz sobre disposições de *ideologias linguísticas* na inter-relação entre os idiomas Português e Espanhol na região da chamada Tríplice Fronteira – entre Brasil, Argentina e Paraguai.

Fenômenos resultantes do contato entre línguas e falantes nacionais, nessa região fronteiriça particularmente rica em movimentos migratórios diversos, ocuparam o interesse deste autor desde que passou a residir no município de Foz do Iguaçu, PR, para assumir um cargo de professor assistente em uma universidade federal brasileira, que nesse então (outono de 2011) contava com apenas um semestre de funcionamento efetivo. Não apenas o contexto de fronteira, mas também as próprias características especiais da universidade em si, contribuíram para amadurecer os interesses de investigação sociolinguística que serão aqui delineados.

Nosso objetivo principal, como aludido acima, foi permitir a visualização de ideologias linguísticas sobre os idiomas Português e Espanhol através da materialidade das atitudes linguísticas de sujeitos brasileiros, argentinos e paraguaios residentes na Tríplice Fronteira. Tal materialidade seria obtida, idealmente, por meio de uma metodologia que tivesse o potencial de acessar conteúdos não explicitados diretamente pelos sujeitos; ou seja, que não envolvesse uma situação de entrevista acerca das línguas em foco. No teste de *matched-guise* – que será descrito em suas generalidades na seção 3.5 deste texto, e em suas especificidades contextuais ao longo do quarto capítulo – encontramos tal metodologia ideal. A aplicamos, então, a um total de 60 sujeitos de diferentes grupos de idade e variadas ocupações, com resultados que permitiram, de fato, identificar certos padrões atitudinais em recortes sociais diversos – especialmente quando tomamos em conta o pertencimento a um dos três grupos nacionais (ou etnolinguísticos, como os descreveremos mais adiante) e a variável sexo/gênero (tanto com relação aos sujeitos como às representações nacionais por eles avaliadas no teste). Mais além, de modo a trazer mais solidez a nossas análises e conclusões, buscamos realizar comparações de tais dados a outros que foram coletados em

uma pesquisa preliminar, que teve como foco a *acomodação comunicativa* entre o Português e o Espanhol no mesmo espaço geográfico (BOLIVAR, 2013).

Neste capítulo introdutório, procederemos a uma caracterização — física, bem como sociolinguística — dos espaços pertinentes da Tríplice Fronteira (doravante TF), tomando a liberdade de focar, como um condutor principal, o próprio percurso do autor como etnografista (baseado em Duranti, 1997) e sujeito interagente nesses espaços. Certas especificidades da região ainda servirão para ilustrar algumas questões de cunho mais teórico que, por sua densidade, serão abordadas no capítulo seguinte.

### 1.1 Princípios: uma universidade como espaço de metainvestigação

Embora apenas parte de nossos dados tenham sido coletados entre sujeitos universitários, muitas das questões relacionadas a contatos linguísticos que nos chamaram a atenção no contexto mais geral da TF foram primeiro observadas em determinado espaço acadêmico local. É por esse motivo que o descreveremos nesta oportunidade.

Com uma proposta diferenciada, única entre as instituições congêneres<sup>1</sup>, a Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA) reservava idealmente 50% de suas vagas discentes e 50% de suas posições docentes para sujeitos nacionais de diversos países classificados como latino-americanos — desde o México até o Chile e a Argentina, passando pelo Caribe. Embora a autoestabelecida cota ‘estrangeira’ de 50% não seja alcançada todos os anos, já que costuma haver mais matrículas de estudantes brasileiros, a significativa quantidade de estudantes e professores cuja primeira língua (L1) é o Espanhol, ou o Crioulo Haitiano, o Guarani, o Quechua, etc., acabou por criar um ambiente acadêmico único no Brasil, em que o multilinguismo, com ênfase especial no bilinguismo Espanhol-Português, é uma das primeiras características informalmente associadas ao ‘ser UNILA’. De fato, verifica-se que o mencionado caráter bilíngue consta de suas normativas<sup>2</sup> e, como observado desde dentro por este autor, é fomentado e defendido pela maioria de seus docentes e discentes. No entanto, cabe colocar que há regulamentos federais brasileiros que, entrando ocasionalmente em conflito com tal ‘igualdade de condições’ idealizada entre o

---

<sup>1</sup> Pouco depois (julho de 2010), a Universidade Federal da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) surgiu com proposta semelhante, voltada, como seu nome sugere, a países africanos cuja uma das línguas oficiais seja o Português.

<sup>2</sup> Por exemplo, no artigo quinto de seu Estatuto: “A UNILA rege-se [pela] (...) educação bilíngue: português e espanhol”. Disponível: <https://unila.edu.br/sites/default/files/files/ESTATUTO%20UNILA%20de%2026%20DE%2009%282%29%281%29%281%29.pdf> acesso: 1/2/2022.

Português e o Espanhol — por exemplo, a exigência de que sejam preenchidos exclusivamente na primeira língua documentos oficiais diversos, incluindo os planos de ensino — devem ser respeitados, sobrepondo-se ao que se desejaria efetivamente fazer dentro do contexto idealizado. Mais além, é de grande importância destacar que a categoria universitária que até agora não mencionamos — a de servidores técnico-administrativos — é toda ela, por força de lei federal, composta por cidadãos brasileiros, nascidos no país ou naturalizados. O fato de que a categoria responsável, entre outras coisas, pelos trâmites legais e acadêmicos que devem ser realizados por discentes e docentes, seja composta exclusivamente por sujeitos brasileiros, cria condições de interesse para o estudioso de fenômenos gerais ligados ao contato linguístico<sup>3</sup>. A razão pela qual mencionamos questões voltadas ao cotidiano interacional deste espaço universitário em particular é o interessante fato de como pode ser tomado como um excelente laboratório em microescala de contatos linguísticos instalado dentro de um contexto macro que é a própria Tríplice Fronteira — tal como aludimos no título desta seção, ao fazer referência a uma ‘metassituação’ investigativa. Mais adiante, além disso, retomaremos e aprofundaremos algumas das questões que mencionamos brevemente neste parágrafo, sobretudo para traçar paralelos que auxiliem na explicação de fenômenos pertinentes.

A situação observada pelo autor em seu cotidiano profissional era comparável àquela observada em seu dia-a-dia como um novo residente de Foz do Iguaçu e da Tríplice Fronteira. Seriam os fenômenos de contato que ocorriam no contexto micro análogos, e mesmo reflexos, daquilo que ocorria no universo macro que o circundava e o incluía? Como transitavam o Português e o Espanhol — para ficar somente nessas duas línguas — pelos três vértices da região? O que ocasionaria certos padrões de comportamento linguístico que começavam a ser identificados? Tais questionamentos resultaram em um amplo período de observação etnográfica natural e voluntária, e em pequenos trabalhos<sup>4</sup> que, investigando temas pontuais, buscaram obter algumas respostas pertinentes. A organização e o agrupamento de todos os questionamentos em torno de uma meta mais clara e abrangente, no entanto, surgiu somente através das orientações acadêmicas que recebemos quando da consolidação da decisão de estudar o tema em nível de doutorado. Foi assim que compreendemos que o tema central de

---

<sup>3</sup> Por exemplo, Germano (2014) verificou como a comunicação oral presencial entre estudantes hispanofalantes e servidores técnicos da UNILA era quase que invariavelmente conduzida no idioma Português, descrevendo casos em que os estudantes tratavam ao máximo de convergir para esse idioma, mesmo que demonstrassem estar longe de dominá-lo, sendo que raramente a contrapartida era realizada. Em nossa prática diária no mesmo espaço, verificamos informalmente como a convergência para o Português também é a norma em interações orais ou escritas entre docentes e discentes (mesmo em casos em que é o discente o ‘nativo’ lusofalante) e entre docentes. Não raro, no contexto de reuniões pedagógicas, por exemplo, observamos como é o Português a língua utilizada na interação entre dois docentes ‘nativos’ hispanofalantes.

<sup>4</sup> Por exemplo, Bolívar (2013) — detalhado mais adiante.

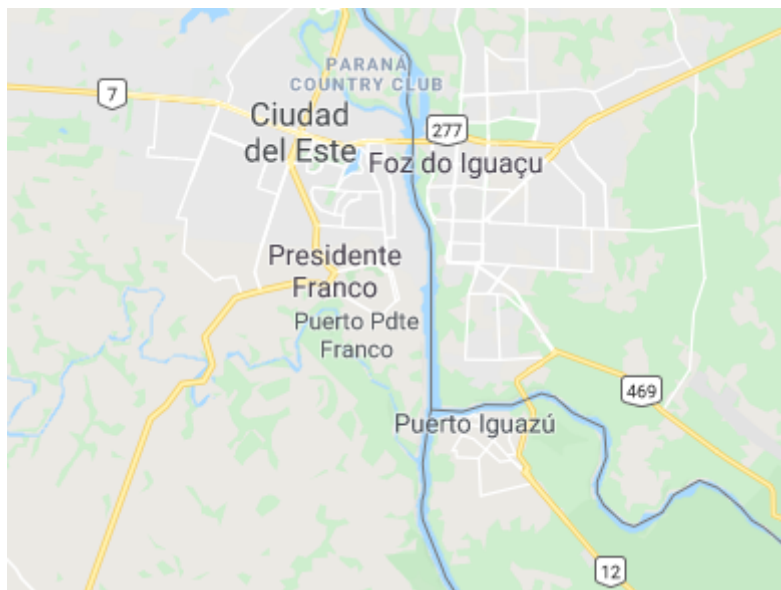
nossas buscas acadêmicas se caracterizava como *'language ideology'* (como originalmente descrito por Verschueren [2012] e por Schieffelin *et. al.* [1998] — cujos trabalhos descreveremos em breve), acima mencionada.

A presente seção introdutória deste texto seguirá com descrições de aspectos geográficos, históricos e sociolinguísticos da região pesquisada, a fim de melhor caracterizá-la. Seguindo-se a isso, descreveremos as diversas teorias, metodologias e trabalhos pertinentes que tratam de fenômenos ligados ao contato e à ideologia linguística, seja em âmbito geral, seja em ligação mais direta ao contexto estudado. Particular ênfase será dada à metodologia de coleta de dados que utilizamos — ou seja, o teste de *matched-guise*. Finalmente, apresentaremos os dados coletados, oferecendo nossas análises sobre os mesmos, bem como as conclusões que, sobre tal base, nos permitiremos colocar.

## **1.2 Espaço geo-histórico**

A região a que chamamos Tríplice Fronteira é aquela formada pela confluência dos rios Iguazu e Paraná, que por sua vez, nessa área em específico, traçam as atuais fronteiras nacionais entre o Brasil, a Argentina e o Paraguai. O primeiro dos rios, menor e menos volumoso, conflui para o segundo em um trajeto leste-oeste, que então encontra perpendicularmente a direção norte-sul que o Paraná percorre nesse trecho. Dessa forma, sem que se causassem grandes distorções, o mapa local (figura 1) poderia ser esquematizado a partir da figura de um 'T' que se encontrasse rotacionado em noventa graus no sentido anti-horário. A linha horizontal separaria o território brasileiro, ao norte, do território argentino, ao sul; e a linha vertical demarcaria os limites da soberania paraguaia, a oeste. Conforme se na imagem, as cidades que são consideradas como integrantes da TF, compondo os respectivos vértices de um triângulo imaginário, são Foz do Iguazu, no Paraná; Puerto Iguazú, na Argentina; e Ciudad del Este, no Paraguai.

*Figura 1 - Mapa da Tríplice Fronteira, encontrado no Google Maps.*



Até que se estabelecesse a atual configuração geopolítica, no entanto, é razoável supor que a região tenha passado por profundas mudanças nesse aspecto.

O encontro dos mencionados rios se dá ao redor de um lar ancestral — provavelmente milenário — de grupos de etnia Guarani, com prováveis incursões de Kaingangues, conforme podemos supor a partir da leitura de Ambrosetti (2006 [1896]), que descreve encontros efetuados no século XIX, nos rios da região, entre missionários cristãos ‘brancos’ e indígenas dessa etnia, que, de qualquer forma, preferiam viver nas regiões mais altas da província argentina de Misiones e do Sul do Brasil onde cresciam florestas de araucárias (não sendo esse o caso específico das terras baixas da TF). Quando a região recebeu as primeiras incursões de invasores europeus, no século XVI<sup>5</sup>, os povos autóctones sofreram a mesma sorte de massacres, escravidão e êxodos forçados que marcou a história do continente em praticamente todos os contatos entre europeus e americanos. No entanto, cabe observar o fato de que o Guarani se firmou como uma língua falada na região, a ponto de terminar sendo reconhecido como oficial dentro do Paraguai bilíngue — algo que se manteve inédito durante muito tempo entre as nações modernas das Américas. Em grande parte graças a certas ações promovidas por missionários religiosos<sup>6</sup>, o Guarani atravessou os conflitos entre as coroas Portuguesa e Espanhola na região, incluindo as chamadas Guerras Guaraníticas do século XVIII. Em seguida, vieram as disputas entre as nações do Brasil, da Argentina e do Paraguai,

<sup>5</sup> Primeiramente encabeçadas pelo conquistador espanhol Cabeza de Vaca (Núñez Cabeza de Vaca, 2005 [1555]).

<sup>6</sup> Os jesuítas, estabelecidos na região a partir do século XVII, adotaram o Guarani autóctone como língua de catequização. Os sacerdotes católicos aprendiam e utilizavam correntemente esse idioma, além de editarem bíblias traduzidas no mesmo, conforme pode ser visto em Haubert (1990).



em que a posse do território da atual província de Misiones, bem como de áreas do sudoeste paranaense e oeste catarinense, flutuou consideravelmente entre os três países. A configuração atual foi estabelecida somente após o término da chamada Guerra do Paraguai, em 1870, quando Misiones terminou sendo oficialmente incorporada à República Argentina.

A ocupação humana da forma que classificamos como moderna, com o estabelecimento de municípios compostos por vilas e cidades, pode ser considerada muito recente em toda a TF. Foz do Iguaçu, por exemplo, foi fundada oficialmente em 1914, a partir de um posto militar do Exército Brasileiro<sup>7</sup>. Puerto Iguazú, no lado argentino, um pouco antes, em 1901; e Ciudad del Este, que até o final da década de 1980 (segundo observação pessoal do autor) contava com pouquíssimas vias asfaltadas, e que era chamada oficialmente Puerto Stroessner, em referência ao ditador militar de mesmo nome (Alfredo Stroessner), somente recebeu sua fundação em 1957. Vilas e cidades menores nessa região do extremo-oeste paranaense, que também poderiam ser consideradas integrantes de uma ‘Grande Tríplice Fronteira’ (por exemplo, em municípios chamados ‘lindeiros’ do Parque Nacional do Iguaçu, cujos moradores são, para certas finalidades, classificados como ‘locais’ em Foz do Iguaçu), têm datas de fundação ainda mais recentes, como por exemplo 1960 (caso de Matelândia<sup>8</sup>), 1961 (São Miguel do Iguaçu<sup>9</sup>), 1968 (Céu Azul<sup>10</sup>), entre outras — o que faz com que parcela considerável de seus moradores, hoje em dia, seja mais velha que a própria localidade.

Os levantamentos demográficos mais recentes de que dispomos indicam uma população de aproximadamente 256 mil habitantes em Foz do Iguaçu, Paraná<sup>11</sup>; 306 mil em Ciudad del Este, Paraguai<sup>12</sup>; e 82 mil habitantes em Puerto Iguazú, Argentina<sup>13</sup>. Esses números, que somados perfazem a cifra de 644 mil habitantes, se aproximariam de 1 milhão de habitantes caso fossem acrescidas as populações de cidades limítrofes no Paraná (como algumas das citadas acima) e no Paraguai (como Presidente Franco e Hernandarias), sendo que a Argentina, na região em questão, é mais escassamente povoada, e por conta disso consideramos que, dentro desse território nacional, apenas Puerto Iguazú estaria em posição de figurar como verdadeira integrante da TF.

A experiência do autor deste trabalho como morador da TF vindo de outro Estado, e como realizador de algumas observações de cunho etnográfico, pautadas nas noções da

---

<sup>7</sup> Tais dados relativos a Foz do Iguaçu e às duas cidades seguintes se encontram em Rhi-Sausi e Oddone (2010).

<sup>8</sup> Ver <https://www.matelandia.pr.gov.br> Acesso: 12/12/2019.

<sup>9</sup> Ver <https://www.saomiguel.pr.gov.br/historia/> idem.

<sup>10</sup> Ver <https://ceuzul.pr.gov.br> ibidem.

<sup>11</sup> Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, disponível em <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/painel/painel.php?codmun=410830>>. Acesso: 13/12/2019.

<sup>12</sup> Dirección General de Estadística, Encuestas y Censos, disponível em <<http://www.dgeec.gov.py>>. idem.

<sup>13</sup> Instituto Nacional de Estadísticas y Censos. Disponível em <<http://indec.gov.ar>> ibidem.

Antropologia Linguística tais como apresentadas por Duranti (1997), lhe permite discorrer razoavelmente bem sobre os esquemas de imagens que, por um lado, a região tem de si mesma, levando também em conta sua posição no país como um todo; e, por outro, aqueles que o Brasil associa à região. Por exemplo, é certo dizer que ‘Foz do Iguaçu’ evoca a imagem das Cataratas do Iguaçu, destino turístico conhecido internacionalmente; mas ao mesmo tempo, e com não menos força, o nome da cidade é associado ao Paraguai como sua porta de entrada, e àquilo que o brasileiro médio associa por sua vez ao país vizinho: produtos variados — desde roupas e eletrônicos originais a falsificações diversas e drogas tanto lícitas como ilícitas — encontrados a preços mais convidativos que os similares disponíveis no Brasil; e a passagem (informal, ilegal) desses produtos através das fronteiras, para uso pessoal ou posterior revenda, driblando controles alfandegários e policiais. Frequentemente, quando em outros Estados ou mesmo outras regiões do Paraná, o autor menciona viver em Foz do Iguaçu, a reação observada envolve a expressão de certo humor sarcástico, em que o tema de ‘mercadorias paraguaias’ não raro vem à tona.

Na própria cidade de Foz do Iguaçu, ‘o Paraguai’ (frequentemente resumido ao microcentro de Ciudad del Este, segundo a experiência da maioria dos sujeitos) não é visto necessariamente de forma negativa, mas sim como o lugar aonde se deve ir quando se deseja fazer compras além do básico, já que ali se encontraria virtualmente de tudo, e a preços comparativamente melhores. O deslocamento entre Foz do Iguaçu e Ciudad del Este é relativamente fácil e rápido por meio de veículos motorizados, contanto que não haja trânsito na ligação terrestre entre as duas localidades (a Ponte da Amizade). Estando essa via desimpedida, em não mais de quinze minutos o motorista que deixar o centro de uma das cidades chegará ao centro da outra. Muito raras — dado o altíssimo fluxo de motoristas e pedestres — são as vezes em que particulares são submetidos a revista ou a controle de entrada e saída entre as duas aduanas. Para além do trânsito motorizado, cabe destacar que pode ser considerado intenso o fluxo de pedestres em ambos os sentidos da ponte.

‘A Argentina’ de Foz (ou seja, Puerto Iguazú) evoca um conjunto ligeiramente diferente dentro do imaginário do brasileiro da TF. Se ‘o Paraguai’ é o lugar aonde se vai quase sempre durante o dia, idealmente em apresentação e atitude mais informal (apesar de não serem raras as visitas a shoppings, cassinos e clubes noturnos de Ciudad del Este, em que se espera outro tipo de apresentação pessoal), a ponte que leva até ‘a Argentina’ é cruzada, em geral, por iguaçuenses em busca de algo como um jantar de boa qualidade, regado a vinhos locais. A ponte em questão (que leva o nome do ex-presidente brasileiro Tancredo Neves) está mais distante do centro de Foz do Iguaçu em comparação à ponte paraguaia; porém, ainda

assim, em menos de vinte e cinco minutos um motorista cruzaria esta fronteira, em condições livres de trânsito. À diferença de Ciudad del Este, no entanto, a aduana de Puerto Iguazú realiza controle de entrada e saída de *todos* os sujeitos sem exceção, além de frequentes revistas nos veículos que entram no país. Desse modo, há ocasiões em que se formam, antes da referida aduana, filas que não são transpostas antes de duas ou três horas de espera — segundo a experiência pessoal do autor. Puerto Iguazú pode ser descrita como ‘mais turística’ que a vizinha brasileira quando se trata da acessibilidade geral: em comparação a esta última, é uma cidade menor em população e, fundamentalmente, em extensão territorial. Turistas europeus com quem conversamos informalmente afirmaram preferir a experiência ‘argentina’ à ‘brasileira’ quando visitam a região: no primeiro caso, podem percorrer a cidade a pé, em meio a uma concentração de pousadas, lojas, bares, restaurantes e atrativos turísticos (à exceção das Cataratas em si, distantemente situadas); já na grande e espalhada Foz do Iguaçu, os mesmos sujeitos em geral se queixam de que a locomoção é praticamente impossível sem meios de transporte — em específico um automóvel particular ou táxi, já que o transporte público não costuma ser classificado como excelente. Por fim, cabe destacar que — dentro de nossas observações informais — não é absolutamente raro encontrar jovens iguaçuenses que, tendo vivido os 18 ou 20 anos de sua existência na cidade, jamais cruzaram tal fronteira.

Foz do Iguaçu, por sua vez, não costuma ser referida como ‘o Brasil’ pelos vizinhos, que mencionam especificamente o nome da localidade quando, por exemplo, falam sobre a ocasião de fazer-lhe uma visita. Esse pequeno contraste com relação aos iguaçuenses (para quem, como vimos, Ciudad del Este é ‘o Paraguai’ — ou *vice versa* — e Puerto Iguazú é ‘a Argentina’ — *idem*) pode parecer pouco relevante, mas acreditamos ser digno de nota por indicar uma diferença no alcance da geovisão e no grau de conhecimentos mútuos que se tem a respeito dos países e das culturas da TF: o Brasil seria conhecido também através de suas produções televisivas, obras literárias e música popular, enquanto que a Argentina ou o Paraguai se resumiriam, de fato, à experiência pessoal imediata de cruzar a fronteira — ou, até, à falta da mesma. Seja como for, nosso percurso etnográfico parece indicar que a cidade brasileira pode ser vista, em certa medida, como um pequeno pólo regional no que diz respeito a serviços diversos. Essa importância só não é maior porque Foz se encontra bastante eclipsada pela vizinha paraguaia enquanto centro de compras, como já mencionamos.

Cabe destacar ainda que, algumas vezes, a região trinacional também apareceu associada ao terrorismo (especificamente islâmico) em veículos de comunicação dos três países<sup>14</sup>, se bem que com muito menor frequência no Brasil comparativamente aos vizinhos.

Com tais observações encerramos, então, esta breve caracterização do universo populacional abordado neste trabalho. Outras questões pertinentes, com implicações de ordem mais sociolinguística (por exemplo: o trânsito de estudantes hispanos<sup>15</sup> matriculados na UNILA, em Foz; o trânsito de estudantes brasileiros matriculados em cursos de Medicina em Ciudad del Este, entre outras), serão abordadas na seção seguinte.

### 1.3 Espaço sociolinguístico

Acima, mencionamos como dialetos do que se reconhece como ‘o Guarani’ foram provavelmente as variedades de língua faladas originalmente na TF, pelos primeiros de seus ocupantes humanos de que se tem notícia. Também comentamos a respeito do sucesso da sobrevivência do Guarani como idioma local, não obstante os séculos de violências e opressões diversas sofridas por seus falantes. A ideia de que as Três Fronteiras seriam também uma região de (apenas) três línguas — o Guarani, o Espanhol e o Português — é, no entanto, muito diferente do quadro que se observa na realidade.

Definir quais são as línguas faladas em uma dada localidade pode ser uma tarefa tão difícil e tão cheia de poréns quanto listar quantas línguas estão em uso no mundo atualmente. Além das questões epistemológicas relativas às fronteiras entre línguas, e também à problemática sobre o ‘falar nativo’, coloca-se a pergunta de quantos falantes seriam necessários para atestar a presença da língua na localidade. Apenas um? Sendo esse o caso, seria muito difícil conceber uma cidade ‘grande’, ou simplesmente ‘média’ — digamos, acima de duzentos mil habitantes — em qualquer parte do mundo atual, que não contasse como ‘suas’ várias dezenas ou mesmo centenas de línguas. Diante disso, recorreremos mais uma vez a nossas observações ao redor da TF para traçar um quadro relativamente confiável das línguas em circulação na região, cujos falantes componham comunidades étnico-nacionais reconhecidas localmente, não se resumindo a pequenos números individuais ou famílias

---

<sup>14</sup> Cf. UNILA (2019), disponível em [https://portal.unila.edu.br/noticias/levantamento-mostra-como-jornais-da-argentina-brasil-e-paraguai-relacionam-a-tríplice-fronteira-ao-terrorismo-1\\_Acesso: 10/12/2019](https://portal.unila.edu.br/noticias/levantamento-mostra-como-jornais-da-argentina-brasil-e-paraguai-relacionam-a-tríplice-fronteira-ao-terrorismo-1_Acesso: 10/12/2019).

<sup>15</sup> Utilizaremos o termo *hispano*, ao longo do texto, para fazer referência a sujeitos cujo Espanhol seja L1 e que sejam nacionais de países latino-americanos, independentemente de sua ancestralidade.

isoladas. Gostaríamos de dispor de dados mais sólidos a esse respeito<sup>16</sup>, mas acreditamos que o resultado de nossas observações cumpre com o dever pontual de fornecer um panorama geral e aproximado da riqueza etnolinguística que pode ser encontrada em um espaço populacional relativamente pequeno.

Proporemos aqui uma classificação própria para as línguas da TF, com base nos percursos geográficos de seus falantes. Mais adiante, em espaço pertinente, faremos referência à categorização original proposta por Appel e Muysken (2005). Para fins práticos, duas das categorias que visualizamos, às quais chamaremos, com referência à numeração abaixo, vi) *línguas de trânsito externo* e vii) *línguas globais*, serão excluídas do esquema principal, já que aquele tem como objeto a referência exclusiva àquelas línguas que são faladas, como L1 ou L2, por residentes da TF; e, nesse caso, o Holandês ou o Japonês falado por grupos de turistas durante sua estadia na região (categoria vi), bem como o Inglês como língua estrangeira que é aprendido por residentes paraguaios, brasileiros ou argentinos, para fins diversos (caso vii), não entrariam em tal quadro. A leitora<sup>17</sup> deverá perceber que qualquer dada língua (por exemplo, o Português) poderá pertencer a mais de uma categoria simultaneamente, conforme o caso e a perspectiva a partir da qual seja considerada.

i) *Línguas autóctones*: nesta categoria, entrariam línguas chamadas ‘indígenas’, faladas na região antes que fosse invadida por colonizadores europeus com suas respectivas línguas na bagagem. No caso da TF, apenas variedades do Guaraní comporiam o conjunto. Tal língua, falada originalmente por indígenas nascidos no atual Brasil ou Argentina (há aldeias Guaraní em ambos os países, dentro de um raio de poucas dezenas de quilômetros do encontro entre o Iguaçu e o Paraná), seria autóctone nessas duas repúblicas. O Guaraní falado em Ciudad del Este, por sujeitos nacionais paraguaios, além de autóctone, faria também parte da categoria ii; e essa mesma língua poderia ser tomada como integrante das categorias iv e v, a depender da situação: pensemos no caso de imigrantes paraguaios guaranifalantes vivendo em cidades paranaenses da TF, ou cidadãos paraguaios (idem) que cruzem a fronteira para fazer negócios em Foz do Iguaçu ou em Puerto Iguazú. Sobretudo se for possível a

<sup>16</sup> Não conhecemos dados estatísticos ou trabalhos acadêmicos que tenham focado a região trinacional dentro do tema específico. Em uma região fronteiriça próxima (Paraná, Santa Catarina e Argentina), porém de contexto consideravelmente diferente, Amâncio (2007) investigou atitudes linguísticas e identidade entre os falantes. Corbari (2012) fez o mesmo com respeito às línguas de herança utilizadas no município de Irati, no centro-leste do Paraná (quase no outro extremo do Estado). Poderíamos citar outros estudos semelhantes — sempre com a ressalva de que não tratam, especificamente, da região que aqui investigamos.

<sup>17</sup> O autor desta tese, em várias instâncias e por conta de uma opção política, faz uso do gênero gramatical feminino na referência a um coletivo de seres humanos ou a um ser humano genérico e hipotético.

caracterização de uma ‘variedade paraguaia’ da língua, ficaria mais fácil colocá-la também dentro das últimas categorias mencionadas, segundo o caso.

ii) Línguas oficiais / de colonização: na região, seria o caso do Português e do Espanhol, lembrando que o Guaraní também entraria como ‘língua oficial’ no território da República do Paraguai, e como ‘língua provincial’ em Misiones.

iii) Línguas de imigração ‘antiga’: incluímos aqui dialetos do norte da Itália (Vênetos, Lombardos, etc.), da Alemanha (Hunsrückish, Plattdeutsch), da Polônia e da Ucrânia, que, segundo observamos informalmente, sobrevivem de maneira algo escassa e fragmentária na TF, principalmente no lado brasileiro e especificamente em Santa Rita, no lado paraguaio. A história da presença dessas línguas na TF poderia render um capítulo à parte. De forma resumida, podemos dizer que chegaram à região como parte de longos percursos imigratórios, como aqueles apontados por Altenhofen (2013) no caso de variedades germânicas: de colônias originais estabelecidas por imigrantes europeus chegados no século XIX — em geral a leste dos Estados sulistas, próximo ao litoral e às capitais —, as línguas foram seguindo seus falantes conforme os mesmos se deslocavam, com o passo das gerações, nas direções oeste e noroeste. Graças a esse fenômeno, autores como o que recém citamos atestam, hoje em dia, a existência de variedades alemãs até mesmo no sul da Amazônia. Sua presença no Paraguai também mereceria um capítulo à parte: em cidades onde a ocupação dos chamados ‘brasiguaios’ (*i.e.*, imigrantes brasileiros — em geral grandes agricultores — estabelecidos em território paraguaio, bem como a primeira geração ali nascida) é grande, como o exemplo da mencionada Santa Rita, as línguas predominantes acabam sendo tanto o Português como ‘o Alemão’, em contraste a outras localidades paraguaias em que o predomínio seria do Guaraní e/ou do Espanhol. De qualquer forma, observamos que o conhecimento de tais línguas entre falantes brasileiros e ‘brasiguaios’ sofreu um acentuado declínio entre as gerações mais jovens.

iv) Línguas de imigração ‘recente’: a diferença desta categoria com respeito àquela que a antecede está no fator ‘tempo relativo’: em contraste a um movimento imigratório que, com seus desdobramentos posteriores, ocorreu ao longo do século XIX (e envolveu, sobretudo, grupos europeus), falamos agora de movimentos ‘recentes’ sobre a TF, com início nas últimas décadas do século XX e que se estendem até o período atual (e que além disso envolvem essencialmente não-europeus: imigrantes do Oriente Médio, Ásia Oriental, Caribe). Na região, línguas como as chinesas (Mandarim, Cantonês), o Coreano, o Árabe e o Crioulo Haitiano (Kreyòl)

entram nessa categoria. Imigrantes sírios, libaneses, egípcios e de outros países considerados árabes estabeleceram-se na região a partir do final do século passado, majoritariamente como comerciantes e empreendedores; e, em menor escala, imigraram também chineses e coreanos, ocupando espaços socioeconômicos e profissionais idênticos. Esses grupos, em geral, detêm grande poder aquisitivo e foram quase que invariavelmente apontados, por sujeitos com os quais conversamos informalmente, como ‘ricos’. Caminhos sociais diferentes foram percorridos pelos imigrantes haitianos, falantes do Kreyòl e do Francês: na TF, chegaram há relativamente poucos anos como trabalhadores assalariados (principalmente em indústrias, em funções não-especializadas) ou como estudantes da UNILA. Relatam, por vezes, sofrer diversos tipos de preconceitos por parte da população brasileira ‘branca’, incluindo casos mais extremos de agressões físicas com comprovada motivação xenofóbica e racista<sup>18</sup>.

v) *Línguas de trânsito local*: nesta categoria podem entrar o Português que é falado por brasileiros que visitam Ciudad del Este ou Puerto Iguazú, e o Espanhol ou o Guarani de argentinos ou paraguaios que visitam Foz do Iguaçu. Seriam línguas que, nesses casos, poderiam ser classificadas como ‘de imigração temporária’, mas que à diferença de uma categoria visualizada e descrita como *iv*, acima, são línguas nacionais da TF, faladas por moradores locais que cruzam as fronteiras locais dentro do espaço de um ou de poucos dias.

Quem estiver mais familiarizado com o contexto sociolinguístico do Paraguai deverá notar a ausência do Jopará entre as línguas acima elencadas. Foi o que apontou a banca que primeiro examinou este texto: por que não havíamos incluído essa língua? Na reflexão autocrítica que se seguiu a esse questionamento, percebemos que não cogitamos considerar o Jopará como ‘uma língua’, mas, talvez, como um fenômeno de mudança de código entre o Espanhol e o Guarani. Ao submetermos essa consideração a uma análise mais apropriada, pautando-nos na literatura específica, percebemos que os autores que se debruçaram sobre o tema encontraram incertezas similares no que diz respeito à sua classificação. Como tal processo é de interesse aqui — já que introduz considerações sobre ‘língua’ e sobre fenômenos

---

<sup>18</sup> Ver, por exemplo, <http://g1.globo.com/pr/oeste-sudoeste/noticia/2016/05/haitiano-e-vitima-de-agressao-no-centro-de-foz-do-iguacu-no-parana.html>. Acesso: 31/07/2021.

diversos relacionados ao contato linguístico, que serão aprofundados no próximo capítulo — decidimos dedicar alguns parágrafos à sua discussão.

A noção de mudança de código — ou, em uma terminologia mais leiga, de ‘mistura’ — entre o Espanhol e o Guarani está presente no próprio significado de ‘jopara’ nessa última língua: segundo apontado por Lustig (1996), significa precisamente ‘mistura’. Seria, no entanto, uma ‘mistura’ *estabelecida, padronizada* em pelo menos alguns de seus aspectos estruturais (o que, sem dúvida, tornaria mais fácil caracterizá-la como ‘uma língua’)? Poderia ser uma língua crioula? Zajícová (2009) rejeita a noção de crioulição, argumentando que, além da devida falta de evidência estrutural nesse sentido, não se deram, na história de relações entre o Espanhol e o Guarani, os processos típicos pelos quais se estabelece uma língua crioula. Poderíamos pensar, então, que a classificação de ‘interlíngua’ entre as variedades recém nomeadas estaria mais próxima de apontar para a realidade dos fatos; porém, segundo Stewart (2017), que afirma que ser especialmente difícil a definição linguística do Jopará, não é possível apontar que seu uso advenha da dificuldade de se transitar entre o Espanhol e o Guarani, e nem tampouco que seja resultante de uma aquisição imperfeita de uma ou de outra dessas línguas. As tentativas de definição propostas por Lustig (*op. cit.*) rendem o seguinte comentário, que consideramos deveras interessante:

[É] linguagem entrelaçada de Espanhol e Guarani na qual grande parte dos paraguaios se comunica em seu dia-a-dia. Chegou a ser caracterizada como a *terceira língua* do Paraguai, e não seria exagero chamá-lo de a língua geral desse país sul-americano, embora escape, em um sentido estrito, à definição de uma *língua*. É provavelmente mais adequado descrevê-lo como uma *mistura entre línguas* do que como uma *língua misturada*. (1996, p. 1; grifos do autor, em tradução nossa)<sup>19</sup>.

A falta de padronização e sistematização do Jopará (que, tomando-se como base a distribuição lexical na composição de orações, ora pode parecer um ‘Espanhol com elementos de Guarani’, ora o oposto) é apontada, direta ou indiretamente por todos esses autores, como a maior dificuldade interposta ao processo de estabelecê-lo sob um determinado rótulo. Seja como for, parece haver um acordo um tanto ‘solto’ no sentido de classificá-lo como uma instância muito variável de mudança de código entre o Espanhol e o Guarani, com suas especificidades sociolinguísticas. Stewart (*op. cit.*) afirma que, “quando muito, o Jopará pode ser visto como uma recusa de se separar completamente o Espanhol do Guarani”,

---

<sup>19</sup> “[es] lenguaje entremezclado de español y guaraní en el cual gran parte de los paraguayos se comunican día a día. Se ha caracterizado como la tercera lengua del Paraguay, y no sería exagerado llamarlo la lengua general de este país sudamericano, aunque en sentido estricto escapa a la condición de una lengua. Probablemente es más adecuado describirlo como una mezcla de lenguas que como lengua mezclada.”



comentando, a seguir, a respeito dos benefícios que a “mistura de línguas” pode trazer a falantes bilíngues, especialmente quando negociam sua identidade. É nessa direção que vai nosso próprio entendimento, reforçado pelas análises dos autores que consultamos: o Jopará seria, nessa concepção, uma ‘entidade linguística’ que se caracterizaria como a alternância de código entre o Guaraní e o Espanhol. De qualquer forma, não podemos ignorar um fato que o diferencia daquilo que é descrito, por exemplo, na seção 2.2 deste trabalho (*i.e.*, a mudança de código entre o Francês e o Árabe Tunisiano): o Jopará *tem um nome*. Falantes podem apontar (segundo nossa experiência) que, por exemplo, “fulana estava falando Jopará”. Por outro lado, falta a esta ‘entidade linguística’ um reconhecimento oficial e mesmo a vaga padronização de que goza o Portunhol (descrito aqui em 3.3). É por tais considerações que, embora seja evidente a sua materialidade, não nos vemos capazes de classificá-la, neste momento, dentro de alguma das categorias que elencamos. Caso se estabeleça mais firmemente como ‘língua’ em si mesmo, o Jopará talvez demandaria uma categoria própria, que desse conta de descrever uma língua não-crioula que tivesse como base uma língua ‘autóctone’ e outra ‘de colonização’.

Voltando agora ao esquema acima apresentado, fazemos notar que todas as línguas ali elencadas têm grupos relativamente numerosos e estáveis de falantes residentes na TF, que está, portanto, longe de ser uma região de ‘três línguas’, e muito menos de ‘duas’, como verificamos ser, muitas vezes, a concepção que (especialmente) brasileiros de outras regiões têm a respeito da mesma, com relação ao tema. De qualquer forma, tomamos como objeto deste estudo justamente duas daquelas línguas que gozam de caráter oficial e possuem o maior número de falantes entre os residentes. Ao longo deste trabalho, em diferentes seções, retomaremos alguns dos casos e relações aqui apontados, com o devido aprofundamento empírico de acordo à situação. Ainda neste espaço, faz-se pertinente descrever algumas das hipóteses surgidas das observações iniciais que efetuamos logo ao concretizar-se nossa mudança para Foz do Iguaçu, PR.

Ao cruzarmos as fronteiras, logo de início chamou-nos bastante a atenção o fato de que, aparentemente, não se fazia necessário qualquer conhecimento da Língua Espanhola para circular e comunicar-se em Ciudad del Este ou em Puerto Iguazú — e isso não exatamente porque os falantes ‘nativos’ de ambas as línguas, na região, conseguiam entender-se mutuamente, mas sim porque o Português parecia ter grande penetração em ambas as cidades estrangeiras. Víamos o Português escrito em, principalmente, anúncios comerciais em vias públicas e em cartazes feitos à mão dentro de espaços de lojas — em que os preços, não raras vezes, eram anunciados em Reais (em alguns casos, *exclusivamente* assim). Oralmente, o

Português — com variados graus de proficiência — parecia ser falado por praticamente todos os cidadãos paraguaios e argentinos das cidades em questão, especialmente no comércio. Atestamos esse fato ao percorrermos essas localidades em companhia de brasileiros não-hispanofalantes, ou simplesmente observando casualmente diversas interações que se efetuavam entre turistas ou visitantes brasileiros e sujeitos locais. O comportamento comunicativo típico dos brasileiros de regiões diversas (a julgar pelo ‘sotaque’), ao entrarem em estabelecimento comercial ou de serviços e dirigirem-se à pessoa atendente, foi por nós sumariado pelo seguinte esquema:

*Brasileiro*: aproximação física do pretendido interlocutor.

*Brasileiro*: expressão de demanda (sobre preços, horários, direções), em Português.

*Atendente hispano*: resposta em Português.

*Brasileiro*: conclusão da interação ao afastar-se fisicamente.

Tais interações, por curtas que sejam, certamente suscitariam a atenção de pragmaticistas e sociolinguistas, dada sua riqueza em dados analisáveis por ambos os ramos da Linguística. Os primeiros, sem dúvida, apontariam para o ‘atropelo’ de alguns turnos de fala esperados em tais situações interativas, tanto na ótica da cultura brasileira lusofalante como na das culturas hispanofalantes em questão: em primeiro lugar, a falta do turno de ‘saudação’, esperado do brasileiro (‘olá’, ‘bom dia’, etc.); bem como, da mesma forma, a falta de uma fórmula de ‘encerramento’ antes de seu afastamento físico (por exemplo, uma expressão de agradecimento). Além disso, cabe registrar que, quase que invariavelmente, a demanda era colocada de forma ‘nua’ pelo sujeito brasileiro, sem o revestimento de um modalizador (como ‘por favor’ ou verbos no condicional); e, mais além, em alguns casos em que observamos que a pessoa atendente foi a iniciadora da parte verbal da interação (preenchendo o turno esperado ao saudar o interlocutor brasileiro que se havia aproximado), ainda assim não houve ‘devolução’ da saudação por parte do interlocutor, que prosseguiu colocando sua demanda. Os efeitos pragmáticos de tais ‘violações’ culturais poderiam, a princípio, causar uma impressão de falta de polidez dos brasileiros. Se considerarmos o esquema abaixo, em que reproduzimos de forma aproximada um diálogo relevante<sup>20</sup>, poderemos visualizar um *continuum* de graus de polidez em ordem decrescente (em que, talvez, as posições 3 e 2 possam ser desafiadas):

---

<sup>20</sup> Nas saídas a campo efetuadas antes da realização deste trabalho, registramos, principalmente como notas escritas, certos detalhes de interações como a que apresentamos a seguir.

5. *Bom dia! Por favor, a senhora poderia me dizer se tem casacos de couro?*
4. *Bom dia! Por favor, tem casacos de couro?*
3. *Por favor, tem casacos de couro?*
2. *Bom dia! Tem casacos de couro?*
1. *Tem casacos de couro?*

Dentre cinco opções possíveis (e talvez haja mais), com as correspondentes interpretações de graus de ‘polidez’ ou ‘deferência’ segundo a ótica de cada uma das culturas (que, neste caso, julgamos funcionar de maneiras bastante semelhantes — embora se faça necessária aqui uma comprovação empírica), o falante brasileiro, na situação observada, frequentemente escolhia o nível mais baixo — sem perder de vista que, para tal, *utilizava exclusivamente o Português*. Começamos então a questionar: Por que o brasileiro não utiliza o Espanhol — mesmo fórmulas básicas de saudações, que provavelmente seriam de conhecimento universal entre os visitantes? Seria por não saber o idioma, ou por achar que não teria razão para convergir em direção ao mesmo? Por que o interlocutor hispano, por sua vez, convergia para o Português? E que ‘impressões’ (desembocando empiricamente em ‘atitudes linguísticas’) poderia causar, nos sujeitos argentinos e paraguaios, o comportamento conversacional dos brasileiros? Em algumas ocasiões, o próprio autor, que é bilíngue Espanhol-Português, iniciou certas interações no mesmo contexto utilizando sua variedade do Espanhol (que, segundo observado pela maioria dos interlocutores, tende para a portenha). Ao revelar, ao longo da conversa, que vivia em Foz do Iguaçu e era brasileiro, encontrou reações que, por vezes, começavam com a dúvida por parte dos interlocutores, e em seguida expressões de admiração (em geral, a surpresa pelo fato de um brasileiro falar ‘tão bem’ o Espanhol, o que — como muitas vezes foi colocado — era bastante incomum).

O fato de Ciudad del Este e Puerto Iguazú parecerem prontas a atender o sujeito brasileiro — ao menos nos ambientes comerciais — em Português parecia indicar, de qualquer forma, que o fluxo desses cidadãos nacionais por ali, no papel de consumidores, seria relativamente intenso. De fato, as observações iniciais foram realizadas ao longo de 2011, ano em que o Brasil ainda se projetava como liderança regional e sua economia poderia ainda ser considerada comparativamente forte (especialmente em relação aos vizinhos, e em relação ao momento desta escritura, no começo da década seguinte), sendo então grande o poder de compra de um turista ou visitante brasileiro nas mencionadas localidades fronteiriças. Seria esse o fator mais decisivo no desenho do quadro sociolinguístico que parecíamos enxergar?

Particularmente em Ciudad del Este, percebemos como, ao aproximarmos-nos em silêncio de certos comércios, éramos abordados imediatamente em Português, por padrão — e por atendentes que comprovamos serem paraguaios. Foi-nos sugerido que esses sujeitos talvez julgassem que não teríamos características étnicas e/ou visuais gerais de ‘sujeitos locais’. Porém, frente a isso, observamos como uma cidadã paraguaia, que nos acompanhava em certa ocasião, foi abordada em Português ao entrar sozinha em uma loja.

Por padrão, então, vendia-se para brasileiros, e estes movimentariam as economias dos vértices hispanos da TF. A Economia, então, seria realmente a força motriz que traçava os limites das línguas no contexto? Sendo esse o caso, e considerando que as situações econômicas nacionais são sujeitas a consideráveis flutuações ao longo dos anos, se inverteria o fluxo de compra-venda em épocas pretéritas ou futuras de Brasil mais fraco e de Argentina ou Paraguai mais fortes? (E com ele, por lógica, se inverteria também o poder de penetração das línguas sobre as fronteiras nacionais?). Para além da situação estritamente econômica, o poder relativo (político, militar, cultural) do Brasil frente aos vizinhos garantiria também a sobrevivência do Português como língua forte através das fronteiras brasileiras?

Procuramos observar, então, os comércios brasileiros em Foz do Iguaçu, buscando situações contrapartidas. Logo de início, chamou-nos a atenção a dificuldade de se encontrarem instâncias em que turistas ou visitantes paraguaios ou argentinos abordassem lojistas ou prestadores de serviços brasileiros — o que parecia confirmar a direção do fluxo compra-venda que havíamos hipotetizado. Quando finalmente pudemos encontrar e identificar as instâncias interacionais desejadas, percebemos que, na maioria dos casos, o turista ou visitante argentino ou paraguaio procurava falar Português (com relativamente pouco sucesso, no caso de ser oriundo de Buenos Aires ou regiões argentinas mais afastadas; e com proficiência considerável no caso de ser da TF), e recebia atendimento ou instruções também em Português. De qualquer forma, destacava-se o esforço do visitante para convergir em direção à língua local, e — salvo raríssimas exceções observadas — a ausência de qualquer esforço de convergência da outra parte.

Dentro de nosso percurso e treinamento em Linguística na época, tal quadro nos remeteu aos estudos de Lawson e Sachdev (1996; 2000) na Tunísia, em que os pesquisadores testaram a acomodação comunicativa (cf. seções 2.2 e 3.4 deste texto) entre o Árabe e o Francês, no referido país, empregando pesquisadores de diferentes etnias (brancos, árabes, negros) que pediam direções aos sujeitos locais ora em uma das línguas mencionadas, ora na outra. Foi, assim, amadurecendo a ideia de uma pesquisa preliminar, na TF, que aplicasse metodologia semelhante e levasse em conta as hipóteses nascidas das observações

etnográficas que realizamos. Tal trabalho (BOLIVAR, 2013), assim como os de Lawson e Sachdev (*op. cit.*), será descrito em detalhes mais adiante.

Finalmente, no encerramento da presente seção, gostaríamos de apontar para uma situação migratória relativamente recente, com decididas implicações para o quadro de contato linguístico na região. Trata-se do fluxo (que pode ser classificado como intenso) de brasileiros das diversas regiões do país que vão ao Paraguai a fim de estudar Medicina nas universidades locais. Sabemos que cidades como Asunción (a capital do país), Pedro Juan Caballero (esta última na fronteira com Ponta Porã, no Mato Grosso do Sul), e seguramente outras, também registram a presença de estudantes de Medicina brasileiros em seus quadros; porém, Ciudad del Este, em específico, parece ser o destino principal a ser considerado pelos brasileiros que buscam a meta mencionada. Este autor conversou com diversos sujeitos brasileiros que atualmente estudam em universidades de Ciudad del Este (por exemplo, María Serrana, UPE, etc.), bem como com alguns sujeitos paraguaios, além de observar notícias e publicações diversas em redes sociais a respeito do fenômeno.

Em consideração estritamente informal — visto que não realizamos coletas de dados empíricas e nem mesmo uma etnografia aprofundada a esse respeito — apontamos que os brasileiros, como mencionado, vêm de todas as regiões do país (desde o próprio PR até o AP e o RS — quase que literalmente, portanto, “do Oiapoque ao Chuí”), estabelecendo-se ora em Foz do Iguaçu, ora na própria Ciudad del Este. As dificuldades em matricular-se em Medicina no Brasil (seja pelo desafio de obter classificações suficientes para ingressar em instituições públicas, seja pelo valor das mensalidades em instituições privadas), aliadas às facilidades análogas oferecidas pelo sistema do país vizinho (não há qualquer teste de ingresso, e as mensalidades, que são cobradas por todas as instituições, custam uma fração do valor brasileiro), impulsionam o fluxo migratório. Dos sujeitos brasileiros com os quais conversamos — em número de dez — somente um afirmou e demonstrou ter conhecimentos avançados em Espanhol, além de compreender rudimentos de Guaraní. Os demais afirmaram ter um conhecimento apenas ‘básico’ da primeira língua; e, quando questionados sobre como então conseguiam acompanhar um curso de Medicina em outro idioma, afirmaram não encontrar grandes problemas: faziam exames escritos em Português, e compreendiam satisfatoriamente os professores hispanofalantes. Segundo os mesmos sujeitos, aproximadamente nove em cada dez — “senão mais” — dos integrantes das turmas de Medicina de suas universidades eram brasileiros. Chegamos a ouvir descrições de turmas formadas *exclusivamente* por brasileiros.

É razoável intuir que tal situação terá desdobramentos no quadro que estamos analisando. Ouvimos dos sujeitos brasileiros a expressão de incômodo por terem que aprender o Guarani (que consta da grade curricular dos cursos de Medicina, em se tratando de uma das línguas nacionais do país que oferece os cursos), e chegamos a ver, por parte de paraguaios em redes sociais, manifestações de rechaço moderado a respeito da “invasão” de brasileiros. A problemática merece estudos próprios que a analisem desde diversos pontos de vista e diversos ramos das ciências da linguagem.

Havendo descrito até aqui algumas das particularidades gerais da TF em seus diversos aspectos físicos e sociais, com ênfase nas relações sociolinguísticas desse lugar, completaremos tal abordagem no capítulo seguinte, com maior suporte teórico.

## 2. A TRÍPLICE FRONTEIRA À LUZ DE TEORIAS SOCIOLINGUÍSTICAS

Neste capítulo daremos prosseguimento à caracterização da região pesquisada, com o diferencial de que será necessário, agora, endereçar questões teóricas um tanto mais densas. Esta inserção precede a apresentação de teorias mais gerais relacionadas à pesquisa atual.

Em primeiro lugar, lançaremos um olhar a uma questão-chave da Sociolinguística: a noção de ‘comunidade de fala’. Percorreremos as principais caracterizações a respeito, marcando nossa posição de acordo com Duranti (1997), e analisaremos como a região multilíngue pesquisada — toda a TF, para além das fronteiras nacionais — poderia (ou não) ser tomada como uma ‘comunidade de fala’ em si.

Posteriormente, discorreremos a respeito dos *valores* relativos do Português e do Espanhol na TF. No emprego desse termo associado às Ciências Econômicas, estaremos fazendo referência direta ao ‘mercado linguístico’ caracterizado por Bourdieu (2008). A seção específica apresenta trabalhos (LAWSON e SACHDEV, 1996; 2000) sobre acomodação comunicativa (GILES *et al.*, 1973), que aqui figurarão tanto por seu valor teórico-metodológico quanto por terem servido de molde a uma pesquisa específica, dentro dessa temática, realizada na TF. Os resultados de tal trabalho (BOLIVAR, 2013), por sua vez, serão posteriormente confrontados aos produzidos pela metodologia utilizada na presente ocasião, de forma a permitir uma melhor visualização das atitudes e ideologias que são o foco principal deste texto.

### 2.1 A Tríplice Fronteira como ‘comunidade de fala’: visões possíveis

Em *Linguistic Anthropology*, Alessandro Duranti (1997) afirma que “antropólogos linguistas partem do conceito de que qualquer noção de variedade linguística pressupõe uma comunidade de falantes” (1997, p. 72; em tradução nossa, como todas as citações da referida obra), e que compartilham com sociolinguistas o entendimento de que uma ‘comunidade de fala’ diz respeito a “um grupo real de pessoas que têm algo em comum no modo em que utilizam a linguagem” (*idem*)<sup>21</sup>. A especificação acerca da ‘realidade’ do grupo reforça a tomada de uma posição contrária àquela de Chomsky (1965 e além), cujas análises partem da homogeneização ideologizada, e daquilo que um ‘falante ideal’ tomaria como adequado ou

---

<sup>21</sup> “linguistic anthropologists start from the assumption that any notion of language variety presupposes a community of speakers”; “a real group of people who share something about the way in which they use language.”

inadequado com respeito à ‘sua’ variedade de língua — perspectiva que remete ao tema das ideologias sobre a língua(gem), que será discutido no próximo capítulo.

Note-se como uma noção de comunidade de fala que implique, primordialmente, entendimentos comuns e compartilhados sobre o uso da linguagem, não necessariamente exige que os membros dessa comunidade utilizem ‘a mesma língua’ para serem reconhecidos como tais. De fato, pode-se dizer que é muito mais regra do que exceção encontrarmos, ao redor do mundo atual, grupos humanos que são essencialmente bilíngues ou multilíngues, e que convivem em uma mesma rede de intercâmbios sociais com outros grupos que podem ser monolíngues — por exemplo, em uma mesma cidade, região ou país. Seja em diversos Estados da Índia, seja no Québec, seja na Catalunha ou na Frankfurt das últimas décadas, poderíamos, sem qualquer dúvida, estudar em separado grupos falantes de línguas ‘maternas’ específicas dentro do recorte local maior (se bem que, ao menos no exemplo do primeiro país, é provável que muitos sujeitos tenham legítima dificuldade em estabelecer qual é sua ‘L1’ dentre os dois, três ou mais idiomas que utilizam no seu dia-a-dia); mas isso não deveria significar que a separação por línguas seria definidora de limites de comunidades de fala, como critério supremo e intransponível.

Duranti (*op. cit.*) lembra que, quando levamos em conta o fato de que a língua é variável e mutável, a definição dos limites de uma comunidade de fala é uma tarefa ainda mais complicada. De qualquer forma, comenta a respeito da noção laboviana sobre o tema:

Para Labov, a participação na mesma comunidade de fala é definida com base em padrões compartilhados de variação e avaliação de comportamentos linguísticos. Enquanto falantes que possuam diferentes padrões de uso entendam e avaliem as diferentes formas linguísticas da mesma maneira, poderemos dizer que pertencem à mesma comunidade de fala. Se, no entanto, suas avaliações variarem, não poderemos mais dizer que pertençam a uma mesma comunidade de fala. (1997: 80)<sup>22</sup>.

Recordemo-nos de que os trabalhos labovianos pioneiros e prototípicos, como os que analisaram Martha’s Vineyard, as lojas de departamentos de Nova York ou as ruas da Filadélfia, debruçaram-se sobre grupos monolíngues ou — mais acertadamente — sobre determinados usos e avaliações a respeito dos fenômenos de *alguma* língua majoritária na comunidade.

---

<sup>22</sup> “For Labov, participation in the same speech community is defined on the basis of shared patterns of variation or evaluation of linguistic behavior. As long as speakers who have different patterns of use understand and evaluate the different linguistic forms in the same way, we can say that they belong to the same speech community. If their evaluation varies, however, we can no longer say that they belong to the same speech community.”.



Duranti (*op. cit.*) também comenta a noção de ‘comunidade linguística’ tal como apresentada por Gumperz (1968a), que, definida pela frequência de padrões de interação social (seus limites seriam aqueles desenhados pelos pontos de fraqueza — *i.e.*, de escassez de contatos — nessa estrutura de teia interativa), poderia ser tanto mono- como multilíngua; e, então, apresenta sua própria proposta de definição de comunidade de fala, que entendemos ser bastante próxima à recém-mencionada:

Proponho que tomemos uma comunidade de fala como *o produto das atividades comunicativas protagonizadas por um determinado grupo de pessoas*. Esta definição toma a noção de comunidade de fala como um ponto de vista de análise, em vez de um objeto de investigação previamente constituído. Reconhece a natureza constitutiva da fala como uma atividade humana que não apenas pressupõe ‘comunidade’, mas que a constrói. De acordo com tal definição, fazer pesquisa em linguística antropológica significa, acima de tudo, olhar para os contatos cotidianos de um grupo de pessoas, umas com as outras, desde o ponto de vista de seus intercâmbios comunicativos e dos recursos de comunicação que empregam (1997, p. 82; grifos do autor)<sup>23</sup>.

Ao subscrevermo-nos a tais noções que, na definição e na construção de uma comunidade de fala, dão centralidade tanto às práticas interativas quanto aos entendimentos compartilhados sobre comportamentos linguísticos, vemos como perfeitamente possível a consideração de uma Tríplice Fronteira como comunidade de fala que englobe três países, três idiomas oficiais e a presença de diversas outras variáveis em termos etnolinguísticos. O fato é que as pessoas da TF interagem regularmente entre si através das fronteiras geográficas, nacionais e linguísticas; e, nesse processo, fazendo alusão ao raciocínio de Duranti, acima citado, *constroem* uma comunidade de fala. Com respeito a como se daria tal construção, temos alguns indícios que foram aqui apresentados ao longo de nossa caracterização do espaço sociolinguístico local; e, mais adiante, a descrição de um trabalho de campo previamente realizado (ver seção seguinte) deverá lançar mais luz sobre essa rede de interações. Por ora, em linhas gerais, deve ter ficado evidente que os sujeitos brasileiros de Foz do Iguaçu, apesar de serem os grandes movimentadores do comércio de Ciudad del Este e, em menor escala, de parte do turismo de Puerto Iguazú, são — desde certa ótica — muito mais estáticos no que diz respeito ao trânsito entre fronteiras linguísticas e culturais. É graças aos ‘esforços’ dos falantes paraguaios e argentinos (principalmente os primeiros, mais

---

<sup>23</sup> “I propose that we take a speech community to be *the product of the communicative activities engaged in by a given group of people*. This definition takes the notion of speech community to be a point of view of analysis rather than an already constituted object of inquiry. It recognizes the constitutive nature of speaking as a human activity that not only assumes but builds “community”. According to this definition, to engage in linguistic anthropological research means, first of all, to look at a group of people’s daily dealings with one another from the point of view of the communication they exchange and the communicative resources they employ.”

‘móveis’ em quase todas as dimensões, e portanto detentores de mãos mais ativas na construção da comunidade) que os brasileiros terminam por interagir mais amplamente para além dos limites do próprio grupo, sendo assim costurados de forma mais passiva à rede geral de interações. Além disso, o provável entendimento comum (entre os três grupos etnolinguísticos pesquisados) acerca de quais falantes devem utilizar — e/ou *são capazes* de utilizar — quais línguas em determinadas situações interativas, ajudaria a consolidar a visão de uma comunidade de falantes da TF: Duranti (*op. cit.*) menciona Rossi-Landi (1973, p. 82) para comentar que as formas e conteúdos linguísticos usados pelos membros de uma comunidade têm um valor, tal como bens têm um valor no contexto de um mercado, e é especificamente tratando da ocupação dos espaços linguísticos na região como resultado de entendimentos comuns sobre os valores relativos das línguas locais que abordamos essa questão complementar no trabalho cuja apresentação, na seção seguinte, deverá contribuir para fortalecer a presente argumentação.

Como veremos adiante, o acordo sobre as atitudes linguísticas aqui investigadas parece ‘casar’ bem entre brasileiros e paraguaios no que se refere a valores de status e solidariedade atribuídos mutuamente entre grupos etnolinguísticos diferentes, em uma situação na qual um deles detém mais prestígio ou poder socioeconômico; porém, no caso dos argentinos da TF, vemos um quadro algo divergente a esse respeito. Esse pode ser um indício de um maior intercâmbio entre brasileiros e paraguaios, comparativamente aos contatos com argentinos por parte de ambos os grupos anteriores — o que, talvez, possa sugerir que a noção de comunidade seja mais forte, mais típica, entre brasileiros e paraguaios, ficando os argentinos um pouco à margem dentro de algumas considerações possíveis. Discorreremos mais a respeito de tal indicativo nas conclusões deste trabalho, em que também veremos se a proposta de Duranti se aplicaria, de fato, frente ao conjunto de dados empíricos que teremos apresentado.

## **2.2 Valores linguísticos na Tríplice Fronteira**

Nesta ocasião, abordaremos conceitos como convergência e divergência linguísticas, que foram concebidos no âmbito da Teoria da Acomodação Comunicativa (cf. GILES e OGAY, 2007) — aqui apresentada na seção 3.4 — e que associaremos, como se verá, à noção de ‘valor’ na perspectiva de capital linguístico de Bourdieu (2008). A fim de que esta seção possa ser devidamente compreendida à luz da mencionada teoria, explicamos brevemente que a Acomodação Comunicativa enfoca determinados ajustes que dois interagentes podem

realizar ao se comunicarem entre si; mais especificamente, aproximando-se ou distanciando-se de determinados traços observados no discurso de seu interlocutor, que iriam desde a língua ou o ‘sotaque’ específico — nos casos que envolvem uma interação intercultural — até detalhes mais sutis como o volume, a velocidade ou ritmo da fala e o uso de determinados marcadores (como “tá”, “certo” e outros). Tanto a aproximação quanto o distanciamento (chamados tecnicamente de ‘convergência’ ou ‘divergência’) envolveriam diversas considerações de ordem sociopsicológica por parte dos falantes. Com respeito aos ‘valores’ mencionados, deverá ficar claro ao longo da leitura que, ao utilizar o termo, fazemos referência a construções simbólicas/ideológicas que podem colocar as línguas pesquisadas como mais ou menos ‘importantes’ ou ‘úteis’ nas rotinas interacionais dos falantes.

Antes de enfocarmos a Tríplice Fronteira, lançaremos um olhar à Tunísia — um país no extremo-norte da África, banhado pelo Mediterrâneo, em que coexistem principalmente duas variedades do Árabe (o ‘Moderno Padrão’ e o ‘Tunisiano’, em diglossia<sup>24</sup>) e o Francês (língua de colonização relativamente recente), como os principais idiomas em uso cotidiano. Nesse cenário, Lawson e Sachdev realizaram dois trabalhos (1996; 2000) que se complementam na abordagem de fenômenos ligados à acomodação comunicativa, investigando dimensões de atitude e comportamento linguístico, e levando em conta diversos fatores como gênero e até mesmo identidade visual étnica em trabalhos de campo. Como dissemos anteriormente, apresentaremos aqui, de forma resumida, as hipóteses, as metodologias e as conclusões desses trabalhos, já que foi com base nos mesmos que realizamos uma pesquisa sobre acomodação comunicativa na TF (a ser apresentado em sequência) cuja hipótese girou em torno de um maior *valor* (ou prestígio) do Português frente ao Espanhol no mercado linguístico local.

A primeira abordagem frente ao fenômeno de alternância de código na Tunísia se deu por meio da aplicação de um teste de *matched-guise* (LAWSON e SACHDEV, 2000), que, em virtude da disposição dos temas presentes neste texto, será descrito na seção 3.5, em conjunto a outros trabalhos que selecionamos dentre os que fizeram uso da mesma metodologia. Outra frente de análise foi coberta por meio da metodologia de “diários linguísticos”, em que os sujeitos selecionados (dentre estudantes de Inglês) deveriam autorreportar, dentro de um espaço de 6 dias, todas as suas escolhas linguísticas em diferentes contextos comunicativos e com diferentes interlocutores. Como esta metodologia em específico traz pouco interesse para

---

<sup>24</sup> Talvez seja até possível falar em ‘triglossia’, se levarmos em conta, em primeiro lugar, a diglossia que envolve o Árabe Clássico e o Árabe Coloquial, presente em todos países que falam ‘o Árabe’. O Árabe Tunisiano, segundo entendemos, está contraposto na pesquisa em questão ao Árabe Coloquial mais ‘internacional’ — ali apresentado como ‘Árabe Moderno Padrão’.

a discussão atual, passaremos diretamente à terceira e última frente de análise, representada pela pesquisa de campo experimental realizada pelos autores na localidade de Sousse.

No ambiente das ruas, a que chamam “neutro” e “relativamente anônimo”, “*onde as pessoas podem estar inclinadas a agir ‘naturalmente’*” (1996, p. 65), os autores buscaram

determinar como a origem étnica (...) e gênero de um falante, e a língua (...) em que davam voz a um pedido verbal de assistência, afetariam o comportamento cooperativo de árabes tunisianos. O estudo foi realizado nas ruas de uma cidade (Sousse) em que ocorrem níveis elevados de interação intergrupos (...).

Esperou-se que a língua preferida em encontros *intragrupo* (*i.e.*, entre árabes tunisianos) em nosso estudo seria o Árabe Tunisiano (...). Em encontros *intergrupo* (por exemplo, entre árabes e europeus), no entanto, a norma poderia ser o uso do Francês. Isto se deve principalmente ao alto status historicamente conferido à Língua Francesa, e ao nível de competência geralmente baixo no Árabe por parte de estrangeiros não-árabes que visitam ou residem no país.

[As] expectativas com relação a gênero e uso linguístico basearam-se nas descobertas de estudos prévios no contexto do Norte da África. Há certa evidência na literatura de que mulheres utilizam mais Francês do que homens (...).

(LAWSON e SACHDEV 1996, p. 65; grifos do autor; tradução nossa, como todas as citações da obra neste texto).

O pedido em questão, que deveria elicitar o comportamento comunicativo e linguístico dos sujeitos anônimos, dizia respeito à localização da agência de correios mais próxima. Este pedido foi classificado pelos autores como ‘turno 1’. Seria registrada então a língua utilizada na resposta do sujeito (‘turno 2’) entre as possibilidades que incluíram o Francês ou o Árabe Tunisiano, bem como a alternância entre as duas. A interação seria levada adiante pelo/a pesquisador/a, ao perguntar se seria possível fazer um telefonema na agência (‘turno 3’). Novamente, o comportamento linguístico do sujeito nessa nova fala esperada (‘turno 4’) seria registrado.

As três variáveis independentes foram: a etnia e o sexo dos pesquisadores, bem como a língua em que fizeram a pergunta no turno 1 e no turno 3 (...).

A variável dependente foi a língua da resposta. As falas dos sujeitos foram, assim, registradas dentro de uma entre três categorias: *convergência* (... por exemplo, 100% Francês ou 100% Árabe Tunisiano, etc.), em que responderam exclusivamente na língua em que foram abordados; *alternância* (... *i.e.*, variedade que emprega a alternância de código entre o Árabe e o Francês), em que responderam utilizando ao menos uma palavra em uma segunda língua; e *divergência* (...), em que responderam somente na outra língua. (p. 66-67).

Dada a combinação de todas as variáveis envolvidas, a discussão dos resultados pode ser bastante extensa. Resumida e seletivamente, comentamos que os autores encontraram: i) maior proporção de convergência quando a língua utilizada pelos pesquisadores foi o Árabe Tunisiano, comparativamente ao Francês, sendo que, de qualquer forma, sempre houve mais

convergência nas respostas em geral (82% no primeiro caso e 63% no segundo); ii) uma maior proporção de convergência total quando a/o pesquisador/a era de etnia europeia, comparativamente a um/a de etnia árabe, independente da língua na qual os sujeitos foram abordados; iii) a divergência foi um resultado obtido com mais frequência quando a pesquisadora era do sexo feminino, especialmente quando de etnia árabe, e mais ainda quando, além disso, utilizava o Francês.

O estudo foi então ampliado em um segundo momento (cf. LAWSON e SACHDEV, 1996), em que os autores decidiram incluir um pesquisador africano negro, que abordaria os sujeitos das mesmas maneiras descritas anteriormente. A inclusão deste novo fator étnico no estudo produziu os resultados que consideramos mais interessantes: em todos os casos, foi marcante a proporção de divergência na acomodação a este pesquisador, tomando-se sua etnia comparativamente às outras duas que haviam sido testadas anteriormente. Quando a língua de abordagem no ‘turno 1’ foi o Árabe Tunisiano, por parte de pesquisadores do sexo masculino, os europeus receberam 98% de convergência e 2% de alternância (*code-switching*); os árabes receberam 79% de convergência e 21% de alternância; e o pesquisador negro recebeu 67% de convergência e 31% de *divergência*. Interessantemente, a divergência à língua utilizada por este último pesquisador acentuou-se quando se tratou do Francês. Nesse caso, os árabes receberam 53% de convergência, 33% de alternância e 13% de divergência; os europeus receberam 74% de convergência, 18% de alternância e 8% de divergência; e, finalmente, o pesquisador negro recebeu 39% de convergência, 2% de alternância e 59% de divergência.

Tal comportamento, por parte dos sujeitos árabes tunisianos de Sousse<sup>25</sup>, parece indicar que os mesmos buscaram um distanciamento que lhes permitiria marcar uma fronteira para com africanos subsaarianos em geral — grupo representado pela individualidade do pesquisador. De fato, como os próprios autores fazem notar, “a divergência é uma função do desejo do falante por uma auto-imagem distintiva, por dissociar-se do interlocutor e definir o encontro em termos de intergrupos” (1996, p. 74); e, em sua interpretação do recorte específico, “[e]videntemente, o africano de sexo masculino foi tratado com níveis mais baixos de *deferência linguística* em relação aos seus homólogos árabes e europeus” (1996, p. 73; grifos nossos). Mais além, levando-se em conta o prestígio associado à Língua Francesa no contexto pesquisado, poderíamos dizer que o aumento de divergência ao pesquisador negro quando este abordou os sujeitos na língua em questão parece ser indicativo de que, por meio de seu comportamento comunicativo, os sujeitos estariam negando a esse grupo étnico o

---

<sup>25</sup> Os autores afirmam que “somente árabes” foram abordados neste estudo, o que acreditamos ter sido realizado através de algum critério de identificação visual que não foi totalmente esclarecido.

prestígio em questão: “esta língua não deveria ser utilizada por você (*i.e.*, seu grupo étnico)” parece ser a mensagem codificada pelo fenômeno. Como o estudo nos leva a entender que a divergência ao Árabe Tunisiano só pode ter sido efetuada por meio do uso do Francês, e vice-versa (considerando-se o *code-switching* como uma dimensão intermediária), abre-se caminho para mais hipóteses: na divergência ao Árabe Tunisiano utilizado pelo pesquisador negro, o Francês utilizado pelos sujeitos pode ser expressão da seguinte crença: “se você (seu grupo) fala a língua local e cotidiana, devo mover-me linguisticamente para o patamar mais alto no qual eu (meu grupo) acredito estar, com relação a você (seu grupo)”. No caso oposto, como sugerimos, a divergência pelo uso da “língua local e cotidiana” pode funcionar como uma força que pretende puxar o interlocutor, como representante de seu grupo, para o nível no qual ‘deveria’ estar.

Como vimos, estes estudos nos demonstram os (enormes) potenciais contidos em análises de acomodação comunicativa no sentido de revelar-nos atitudes e ideologias linguísticas através de técnicas que, na classificação de Labov (1984), seriam denominadas ‘*rapid and anonymous surveys*’ (‘pesquisas rápidas e anônimas’); ou seja, com dados coletados fora de um ambiente estereotípico de experimentação ou de laboratório, em uma simulação perfeita, ou praticamente perfeita, de uma interação natural sem a presença de uma pesquisadora (já que, ao menos durante o transcurso da interação, o sujeito não tem conhecimento de que seu comportamento linguístico está sob registro e análise). Foi com base nessas considerações, e especificamente nos estudos que acabamos de apresentar, que realizamos uma pesquisa de acomodação comunicativa entre o Português e o Espanhol nos ambientes comerciais da TF, que apresentaremos a seguir.

Como apontado nas seções anteriores, este autor efetuou diversas observações etnográficas na região da TF desde que se mudou para a mesma (ou seja, em 2011), sendo que, formal ou informalmente, trata-se de um trabalho contínuo. Tais observações levaram à proposição da hipótese de que, regionalmente, o Português gozaria de mais prestígio, ou, mais acertadamente, teria maior *valor* dentro do que seria o mercado linguístico local, frente ao Espanhol. Aproveitemos este momento para introduzir uma necessária discussão contrastiva sobre os termos ‘valor’ e ‘prestígio’, da forma que os concebemos aqui. É sobretudo para marcar o que exatamente queremos dizer com respeito ao primeiro dos termos, em uma consideração simbólica, que tal discussão se faz necessária.

Embora, em geral, ‘valor’ e ‘prestígio’ costumem caminhar de mãos dadas pelo campo semântico, não teremos dificuldades em buscar, dentro de nossas diversas experiências

de mundo, entidades abstratas ou mesmo mais palpáveis (talvez *principalmente* as últimas) que possam carecer de uma das propriedades ao mesmo tempo em que detenham a outra — especialmente se tomarmos ‘valor’ em uma acepção mais caracteristicamente econômica. Nesta discussão, ‘valor’ teria precisamente tal aplicação mais prática, enquanto que ‘prestígio’ estaria mais ligado a abstrações, a considerações de ordem muitas vezes afetiva. Um determinado bairro pode ser prestigiado por diversas razões, sem que necessariamente os aluguéis de seus imóveis tenham mais valor (econômico) que os equivalentes em bairros menos prestigiados da mesma cidade (embora, é claro, uma coisa possa frequentemente levar à outra).

No caso de uma forma linguística, pode parecer ainda mais difícil dissociar as duas coisas: seria, talvez, uma mera questão de tempo até que uma língua tida como ‘de prestígio’ passasse a ter um ‘valor’ prático para seus conhecedores/usuários em suas interações (*i.e.*, em suas maneiras de colocar-se socialmente em suas redes). Da mesma forma, a perda de uma das características terminaria levando, gradualmente como fosse, à perda da outra. Acreditamos que tais considerações sejam válidas, e por esse mesmo motivo queremos destacar o fato de que é teoricamente possível localizar uma determinada língua que possa estar atravessando algum desses processos que aproximam ou distanciam ‘prestígio’ de ‘valor’, a meio-caminho de uma determinada resolução em que ou a presença de ambos, ou ausência de ambos, se encontre definitivamente consolidada em um dado contexto. O Francês, no Brasil dos anos 1990, provavelmente era uma língua que ainda detinha certo prestígio declinante, mesmo que restrito a determinados grupos sociais: para as gerações nascidas até os anos 60 (e boa parte dos brasileiros não concluiu, ou sequer frequentava, a escola nesse então) foi a principal ou a única língua estrangeira ensinada no âmbito escolar; era a língua de intelectuais de diversas áreas, citados em conversas que, provavelmente, ajudavam a traçar fronteiras entre os grupos que as podiam acompanhar e aqueles que não teriam tal capacidade. Ao mesmo tempo, dificilmente diríamos que o Francês, por essa época, teria um ‘valor’ de ordem mais prática e direta no Brasil, como defendemos que seja o caso do Português na TF, da forma exposta nesta seção. O ato de matricular-se em um curso de Inglês, no Brasil dos anos 90, seria certamente impulsionado por propósitos diferenciados, e abriria ao estudante portas mais amplas e inclusive até mais locais, com respeito a um curso de Francês.

Mais além, notemos que é possível encontrar o termo ‘prestígio encoberto’ na literatura pertinente, mas desconhecemos referências a um ‘valor encoberto’. O conceito foi delineado primeiramente por Labov (*op. cit.*) ao observar a manutenção de certas formas desprestigiadas ou mesmo estigmatizadas entre certos falantes novaiorquinos, que tinham

plena consciência acerca do referido desprestígio ou estigma. Tal manutenção serviria para colocar-se, individualmente, dentro de um certo limite social — cujos usos linguísticos não seriam de todo vistos negativamente *no interior* do próprio grupo, e até poderiam conferir ao falante certo prestígio local. A esse respeito, podemos pensar no /r/ retroflexo associado aos ‘manos’ da capital paulista: originalmente estigmatizado como traço do ‘Português Caipira’, foi ressignificado de forma positiva ao ser utilizado dentro do grupo (OUSHIRO, 2015). Posteriormente a Labov, Trudgill (1972) elaborou melhor o conceito ao ilustrá-lo com pesquisas que envolviam, principalmente, diferenças de uso e percepções de ‘correto’ na linguagem entre falantes de ambos os sexos no norte da Inglaterra. Uma das descobertas-chave desses trabalhos pode ser apontada como a que envolveu a autoavaliação de homens e mulheres sobre seus usos: os sujeitos homens tendiam a *subavaliar* a própria fala com respeito ao que consideravam ‘um Inglês correto’, enquanto que os sujeitos mulheres iam na direção oposta, *superavaliando* sua fala; ou seja, o primeiro grupo declarava falar ‘menos corretamente’ do que de fato se observava empiricamente, e o oposto ocorria entre o segundo grupo. Levando-se em conta as disposições sexistas da sociedade e o poder exercido pelos homens, a conclusão a respeito dessa problemática é que, embora houvesse um acordo comum explícito sobre a materialidade e o prestígio do ‘falar correto’, os usos (‘incorretos’) do grupo dominante adquiriam um prestígio específico — encoberto — justamente por estarem associados a formas de poder. Em outras palavras, falar ‘correto demais’ seria associado a construções de feminilidade, das que os homens pesquisados buscaram afastar-se (e das que as mulheres, ao contrário, buscaram aproximar-se). A discussão que aqui fazemos a respeito do caso de um imigrante latino-americano na Suécia (cf. seção 3.4), embora não envolva questões de gênero, também pode ser vista à luz do conceito de prestígio encoberto: ao expressar-se em Sueco na presença de outros imigrantes latinos, o falante em questão *opta* por manter um ‘sotaque’ especificamente associado a seu grupo étnico porque, ao menos dentro do julgamento desse grupo, tal uso denotaria um prestígio especial (além de confirmar sua aliança ao grupo).

Voltando à nossa utilização do termo ‘valores’, a analogia econômica que aqui fazemos também pode ser tomada de forma literal e explícita, já que, como uma das explicações possíveis para o fato inicialmente observado de que o Português teria muito mais penetração para fora das fronteiras do Brasil do que o Espanhol teria para dentro das mesmas, sugerimos que o poder relativo das economias dos países envolvidos, redundando em poder político e preponderância cultural, e refletido no poder de compra dos sujeitos locais e na direção principal do fluxo compradores/vendedores na TF, teria peso decisivo na configuração



de tal quadro sociolinguístico. A analogia então realizada entre a Linguística e as Ciências Econômicas se amparou em Bourdieu (2008). De fato, defendemos que os intercâmbios na região, através de fronteiras nacionais e/ou linguísticas, podem ser regidos em grande parte pelos valores atribuídos (literalmente) às moedas locais, que influiriam em valores de ordem mais simbólica como aqueles atribuídos às línguas atreladas a tais moedas<sup>26</sup>.

Como acreditamos que o comportamento linguístico dos falantes em intercâmbios intergrupos (lusofalantes e hispanofalantes) diretos e presenciais poderia ser mais bem observado em ambientes comerciais ou afins (que possuem algumas das características ‘da rua’ tais como apontadas anteriormente nos estudos tunisianos); e como essa situação interativa em específico invocaria justamente o cruzamento simbólico entre o valor da moeda que o falante (como potencial cliente) levaria no bolso e a língua por ele utilizada, decidimos realizar um estudo de acomodação comunicativa em espaços comerciais da TF (BOLIVAR, 2013).

Especificamente, decidimos verificar o que ocorreria, em uma situação de interação oral, direta e presencial, se sujeitos-vendedores do comércio das três cidades fossem confrontados com uma cliente que não falasse uma das línguas oficiais do país; ou seja, que empregasse exclusivamente o Português em Ciudad del Este e em Puerto Iguazú, e somente o Espanhol em Foz do Iguacu. A primeira situação, envolvendo o uso do Português nas cidades de fora do Brasil, descreve exatamente o fenômeno que nos chamou a atenção durante as observações informais da etnografia: seria o comportamento típico de um sujeito-cliente brasileiro nessas localidades, que receberia sempre a convergência a seu Português por parte do vendedor hispano. A hipótese seria, então, posta à prova empiricamente, da maneira que descreveremos abaixo. No caso do uso do Espanhol no contexto descrito, seria realmente uma situação praticamente inédita para o pesquisador, já que a escassez de observações desse tipo de situação impedia que fosse lançada com base sólida a hipótese de que os vendedores brasileiros não convergiriam ao Espanhol. Cabe também notar que, no tipo de interação específico, levando-se em conta o contexto cultural e os papéis pragmáticos em ação, *seria esperada a convergência* por parte do sujeito-vendedor. Tal deferência ao cliente, além de culturalmente esperada, funcionaria como uma estratégia para ajudar a potencializar as

---

<sup>26</sup> Por exemplo, poderíamos defender que ‘valerá mais’ o currículo de um sujeito paraguaio que, na busca por um emprego em uma loja qualquer de Ciudad del Este, liste um conhecimento avançado da Língua Portuguesa — frente a outro currículo que não informe esse diferencial específico, ou que liste um conhecimento menor em questão. Provavelmente, aliás, um sujeito que não possua tal capital linguístico sequer será considerado apto a ocupar a posição específica. No caso que poderíamos considerar como ‘inverso’ — ou seja, um sujeito brasileiro que busque emprego em uma loja qualquer de Foz do Iguacu — o saber Espanhol deverá contar relativamente pouco; certamente, na maioria dos casos, deverá representar um diferencial muito menor que o saber Português dentro do contexto anterior: no câmbio local, embora tenha algum poder, estará francamente desvalorizado.

vendas; afinal, é de se supor que, se o cliente não compreender totalmente o que lhe está sendo dito, e/ou se acreditar que foi tratado com menos educação do que o esperado, a tendência é de que deixe de comprar produtos ou serviços na ocasião, e provavelmente também ao longo do tempo.

Para alcançar os objetivos propostos, empregamos uma pesquisadora hispanofalante ‘nativa’ (paraguaia, branca, na primeira metade dos 20 anos) e uma pesquisadora lusofalante ‘nativa’ (brasileira, branca, na primeira metade dos 20 anos). Naturalmente, a primeira percorreria estabelecimentos comerciais diversos em Foz do Iguaçu, utilizando apenas o idioma Espanhol na abordagem aos vendedores e na sequência da interação (que deveria prolongar por, ao menos, dois outros turnos e mais um ‘encerramento’); e a segunda faria o mesmo percurso em Ciudad del Este e em Puerto Iguazú, utilizando apenas o Português.

A todo momento durante a coleta de dados, a pesquisadora principal (ou seja, aquela que, no momento, estaria interagindo com o sujeito) seria acompanhada da outra pesquisadora e do pesquisador líder, compondo assim a equipe que teria a função de avaliar, em conjunto, o comportamento acomodativo dos sujeitos imediatamente após cada interação. Na abordagem dos sujeitos, foi observada a seguinte mecânica: alguns passos à frente, entraria no local comercial (ou se aproximaria do sujeito) a pesquisadora principal, seguida pelos outros dois componentes da equipe. Esta saudaria, então, o sujeito (ou responderia a sua saudação, caso esta se desse antes) na língua teoricamente divergente, e faria então perguntas a respeito de produtos, horários de funcionamento e petições diversas, entre outras estratégias com o fim de prolongar a interação por ao menos dois turnos além do primeiro. Durante o diálogo, os outros dois membros da equipe se manteriam como observadores passivos, sempre silenciosos, aguardando estaticamente o fim da interação da pesquisadora ou observando eventuais produtos no interior do estabelecimento, entre outras estratégias que lhes permitissem manter-se dentro de alcance auditivo sem que, no entanto, corressem o risco de ser incorporados ativamente à interação — o que deveria ser evitado. Em determinado momento (o que geralmente se deu nos turnos de fechamento da interação), a pesquisadora deveria perguntar também a nacionalidade do sujeito, a fim de garantir que os dados relativos a cada cidade fossem produzidos somente por cidadãos nativos do país — o que colocamos como exigência metodológica. Encerrada a interação, a pesquisadora principal deixava o local (ou a proximidade do sujeito abordado) conjuntamente com os outros dois membros; e toda a equipe, ao afastar-se suficientemente dos campos visual e auditivo do sujeito, discutia então o comportamento observado, chegando a um julgamento possível entre ‘convergência’, ‘resultado parcial’ e ‘divergência’. A presença dos mesmos três pesquisadores (em vez de

apenas um) durante todas as instâncias de coleta de dados se colocaria como um fator que traria maior objetividade a tais julgamentos. Da mesma forma, o afinamento de critérios a respeito do que exatamente compreenderia cada resultado (o que explicitaremos a seguir) garantiu que pouquíssimas fossem as ocasiões em que a equipe teria encontrado diferenças internas de veredito (caso no qual valeria o julgamento da maioria). Foram coletadas, dessa maneira, 30 interações com sujeitos-vendedores em cada uma das três cidades pesquisadas.

Um fator que não controlamos foi o do gênero dos vendedores. Da mesma forma, como empregamos apenas pesquisadoras do sexo feminino como participantes das interações, tampouco houve espaço para que pudéssemos fazer comparações entre a acomodação recebida por homens e por mulheres. Tais acréscimos, se realizados, poderão lançar mais luz sobre o quadro local, caso sejam encontradas particularidades dignas de nota.

À diferença dos estudos tunisianos de Lawson e Sachdev (*op. cit.*), não consideramos o fenômeno de *code-switching* (alternância) como um resultado que poderia ser, no caso, intermediário entre a convergência e a divergência. Os autores descrevem o uso alternado de Francês e Árabe (Tunisiano) como uma possível ‘forma de falar’ local (comparável, dentro de certos limites, ao Jopará que descrevemos anteriormente). Em nosso contexto, e especificamente nas interações observadas, defendemos que uma eventual alternância entre os (relativamente próximos) Português e Espanhol se daria mais por conta da influência de uma sobre a outra. Colocamos então o ‘resultado parcial’ como um degrau intermediário entre dois outros comportamentos:

- a) Convergência (alta/total): o sujeito fala a língua da pesquisadora, seja com pequenos erros, seja com fluência; b) Resultado parcial: o sujeito demonstra conhecer algumas palavras ou fórmulas de atendimento, usando-as sempre que possível, e procura seguir a conversa utilizando isoladamente palavras da língua da pesquisadora; c) Divergência (alta/total): o sujeito não fala a língua da pesquisadora, ou é meramente capaz de saudar ou agradecer nessa língua. (BOLIVAR, 2013:276).

Observadas essas considerações, chegamos a um resultado que comprovou de forma decisiva a hipótese inicial no caso de Ciudad del Este e de Foz do Iguaçu, sendo que, em Puerto Iguazú, a convergência ao Português, ainda que muito maior que a escassa convergência ao Espanhol observada em Foz do Iguaçu, terminou sendo decididamente menor que no caso de Ciudad del Este. Na tabela 1, abaixo, é possível ver a distribuição radicalmente diferente de comportamentos acomodativos envolvendo o Português e o Espanhol na TF, sobretudo quando tomamos o Brasil e o Paraguai comparativamente:

Tabela 1: *Acomodação comunicativa envolvendo o Português e o Espanhol nas cidades da Tríplice Fronteira (BOLIVAR, 2013, p. 279).*

Acomodação	Ciudad del Este	Puerto Iguazú	Foz do Iguaçu
<i>convergência</i>	28	9	3
<i>parcial</i>	1	11	3
<i>divergência</i>	1	10	24

Uma questão importante que devemos levar em conta é que, dado o desenho metodológico do estudo, não pudemos controlar o fator ‘bilinguismo’ entre nossos sujeitos. Aqueles que demonstraram conhecimentos bilíngues (efetuando convergência que foi considerada total ou parcial) obviamente o são, dentro da maioria das considerações a respeito (ver seção 2.1); porém, não podemos ter certezas sobre aqueles que divergiram — o que, por consequência, leva a uma interrogação que fica aberta: os sujeitos que divergiram o fizeram através de uma *escolha* (i.e., não falar a língua do interlocutor, que lhes seria conhecida) ou simplesmente porque não tiveram outra opção? No caso da última possibilidade, talvez sequer pudessemos chamar tecnicamente de ‘divergência’, e nem mesmo de ‘manutenção’, o comportamento do sujeito (já que, provavelmente em sua concepção original, os termos implicariam realmente uma escolha). Aparentemente, estudos do tipo em certas áreas do mundo (na Tunísia, no Québec e em outras), apoiados em dados empíricos que sustentariam tal configuração, tomam por certo que os sujeitos anônimos serão bilíngues por padrão. Talvez o mesmo tipo de suposição poderia guiar as conclusões de uma pesquisa similar que envolvesse o Guarani e o Espanhol em certas localidades do Paraguai, por exemplo; porém, em nosso caso, nos parece mais plausível supor que a maioria dos vendedores brasileiros possua apenas um conhecimento muito básico do Espanhol, que talvez lhes permitisse convergir apenas *parcialmente* em alguns casos, e que mesmo assim foi subempregado por esses sujeitos: em suma, haveria *menos* poder de escolha a sua disposição; mas dentro dessa limitação, de qualquer forma, tendeu-se fortemente ao uso exclusivo do Português. O autor apoia estas suposições em seus conhecimentos contextuais como professor de Língua Espanhola em Foz do Iguaçu, e também em certas observações efetuadas nos momentos de coleta de dados: em muitos dos casos (já que, como observamos, a função prática de sua fala deveria ser facilitar uma venda), as vendedoras brasileiras demonstravam esforçar-se bastante para serem compreendidas — em *sua* língua — utilizando estratégias como repetição de termos, diminuição acentuada do ritmo da fala, apoio de gestos etc. A suposição destes

sujeitos parecia ser a de que o cliente hispano *deveria* falar o Português. Já na Argentina, e sobretudo no Paraguai, a suposição parecia ser a de que o cliente brasileiro *não iria* falar o Espanhol (por não ser capaz de fazê-lo?), e portanto o esforço se despendia no sentido de que esse cliente fosse compreendido *em sua própria língua*.

Seja qual for o motivo pelo qual os comportamentos comunicativos dos sujeitos, separados por sua nacionalidade, levaram a um quadro tão desigual de acomodação, percebe-se como o sujeito hispano no Brasil — ou ao menos na fronteira de Foz do Iguaçu — pode sentir-se tratado com menor *deferência* (para utilizar um termo de Lawson e Sachdev, 1996) do que aquela que é dada a um sujeito brasileiro em tais países hispanos — ao menos nas zonas fronteiriças pesquisadas. Se o sujeito brasileiro não fala o Espanhol porque o conhece pouco, esse fato, em si, já nos traz indicações sobre o pouco prestígio, a pouca relevância que o sujeito e determinados órgãos governamentais educativos atribuem a esse idioma, o que o *desvaloriza* frente ao Português nos mercados linguísticos da TF.

Lembremo-nos, por fim, de que se o prestígio em questão está atrelado a fatores que, por sua vez, dependem em grande parte de uma relação de poder econômico, as (constantes) flutuações nesse âmbito podem redundar em flutuações equivalentes nos valores locais das línguas. Na época da realização da pesquisa, provavelmente havia um fluxo muito menor de compradores argentinos e paraguaios nas lojas brasileiras do que o oposto — fator este que, por sua vez, pode explicar o desinteresse dos brasileiros em aprender o Espanhol. Pode ser que, em um contexto passado ou futuro em que se encontrem as condições de ‘moeda argentina/paraguaia mais valorizada (frente à moeda brasileira)’ e ‘situação socioeconômica interna argentina/paraguaia mais fortalecidas (frente à situação brasileira)’, o fluxo principal se modifique e sejam argentinos ou paraguaios a assumirem o papel de principais compradores da TF, ficando os brasileiros com o papel de vendedores de produtos que serão, provavelmente, mais baratos que os similares nos países vizinhos. Assim sendo, especialmente em um contexto de estabilização e consolidação desse quadro ao longo de alguns anos, provavelmente terminarão sendo os vendedores de Foz do Iguaçu os bilíngues Português-Espanhol, atendendo em Espanhol clientes que utilizarão apenas o Espanhol durante a interação. A esse respeito, observamos informalmente como, dentro de certas ocupações ligadas ao turismo no litoral de Santa Catarina, as capacidades bilíngues Português-Espanhol dos brasileiros parecem ser maiores que as apontadas em nosso contexto, dado o número de turistas de veraneio provenientes principalmente da Argentina que movimentam parte da economia local.

Acreditamos, junto aos autores que desenvolveram a teoria da acomodação comunicativa (cf. seção 3.4), que o comportamento comunicativo de um falante, em uma situação de encontros intergrupos e/ou interlínguas, permite ver uma grande extensão de suas atitudes linguísticas frente ao grupo/língua do interlocutor, e por conseguinte permite que sejam traçadas hipóteses sobre as eventuais ideologias linguísticas que estão em jogo em dados contextos. Note-se que, em trabalhos como o das lojas da TF ou o das ruas de Sousse, chega-se a hipóteses sobre a atitude por meio de uma maneira indireta — sem que se pergunte ao sujeito a respeito; e, na realidade, o sujeito sequer se vê em situação estereotípica de teste. Porém, faz-se necessária aqui uma nota de cautela: *uma determinada atitude nem sempre redundará em um tipo de comportamento comunicativo correspondente*, já que, na situação da fala, poderá haver diversos fatores em jogo com poder de restringir a manifestação da atitude por meio de um comportamento ‘condizente’; e, além disso, pode ser que o próprio falante, de forma consciente e intencional, acabe manifestando um comportamento que não reflita sua atitude frente ao grupo representado pelo interlocutor.

Há uma outra metodologia indireta que tem a possibilidade de atingir mais claramente a atitude e que, porém, é colocada ao sujeito como um teste a ser realizado: é a do *matched-guise*. Como esta é central ao presente trabalho, discorreremos primeiramente sobre aspectos gerais de sua metodologia, citando os casos de alguns estudos que a utilizaram de diferentes maneiras. Feito isso, abordaremos a nossa própria aplicação do *matched-guise* em capítulo separado e exclusivo.

Procederemos, a seguir, a uma discussão teórica que incluirá a análise de trabalhos que abordem questões pertinentes, tanto em âmbito geral como diretamente ligados à TF. Frequentemente, durante esse percurso, faremos remissão a muitas das questões e hipóteses aventadas acima, a fim de lançar luz ao que colocamos em caráter informal.

### 3. PERCURSO TEÓRICO-METODOLÓGICO

Neste capítulo, apresentaremos o rumo principal deste trabalho, que é a busca pelas *ideologias linguísticas* sobre o Português e o Espanhol que possam estar em circulação pela TF. Após descrever nosso embasamento teórico, esclarecendo o que exatamente entendemos por ‘ideologias linguísticas’, comentaremos as temáticas e frentes de pesquisa diversas que se relacionam à questão (por exemplo, *acomodação linguística* e *atitudes linguísticas* – todas elas, acreditamos, inter-relacionadas em maior ou menor grau). Nesse processo, apresentaremos uma série de métodos que podem ser utilizados para atingir o objetivo proposto, fazendo referências ocasionais ao trabalho que apresentamos no capítulo anterior (seção 2.2). O capítulo será finalizado com a apresentação da metodologia escolhida para dar conta do problema proposto: o teste de *matched-guise*. Antes de nos debruçarmos sobre essas questões, no entanto, realizaremos um breve percurso teórico sobre a problemática geral das *línguas em contato*, que contemplamos de maneira mais localizada e específica na parte introdutória deste texto.

#### 3.1 Línguas em Contato

Acima (cf. seção 1.3), realizamos uma abordagem preliminar da questão das línguas em contato na TF. O tema geral do contato linguístico será aqui retomado, a fim de que seja tratado de forma mais abrangente, dentro do empirismo de Appel e Muysken (2005)<sup>27</sup>. Embasando-nos em tais discussões teóricas, voltaremos a lançar olhares para o quadro local sempre que pertinente.

“O contato linguístico leva inevitavelmente ao bilinguismo”, afirmam os autores logo ao abordarem o tema. As evidências de que dispomos a respeito de uma Puerto Iguazú, e especialmente uma Ciudad del Este amplamente bilíngues Espanhol-Português; e uma Foz do Iguaçu essencialmente monolíngue em Português (cf. BOLIVAR, 2013), em um contexto no qual existe considerável contato linguístico entre os três grupos, nos conduzem a um questionamento que, por sua vez, traz à luz um aspecto-chave que se deve ter em conta antes de qualquer abordagem que se deseje fazer sobre o tema: o bilinguismo pode ser individual ou societal.

---

<sup>27</sup> Sobre esta ampla temática, em que decidimos enfocar uma obra mais moderna, remetemos também a Weinreich (1968).

As dificuldades de se estabelecer o que seria uma língua se intensificam quando buscamos estabelecer quem ‘poderia’ ser considerado bilíngue; que atributos, e que níveis de proficiência seriam necessários para merecer o rótulo. Seja como for, visualizar as diferenças entre os níveis individual e social é algo que não deverá trazer grandes dificuldades: é possível que haja indivíduos considerados monolíngues em uma sociedade considerada bi- ou multilíngue. Mais além, é possível que haja grupos (étnicos, nacionais, dentre outros) reconhecidos como monolíngues, ao mesmo tempo em que serão considerados como integrantes de uma sociedade maior que abarque grupos reconhecidos como bilíngues<sup>28</sup>. Esquemas de bilinguismo societal, em suas possibilidades de configuração, podem ser vistos na figura 2, que traz a concepção original de Appel e Muysken (*op. cit.*). A configuração I, em que cada grupo fala apenas sua língua, nos parece difícil de ser exemplificada por meio de situações atuais; e, de fato, os autores sugerem que seria típica do período colonial, envolvendo falantes de línguas europeias e aqueles de línguas ‘locais’ (africanas, americanas, etc.), cujos territórios eram invadidos pelo primeiro grupo. A configuração II, em que os dois (todos) os grupos falam as duas (todas) as línguas, poderia ser exemplificada pelo caso do Paraguai com relação ao Espanhol e ao Guaraní, ainda que nos pareça difícil — senão impossível — separar por linhas nítidas ‘paraguaios hispanos’ e ‘paraguaios guaranis’ (ou seja, não se trataria de dois grupos étnicos marcadamente distintos que falariam “a língua um do outro”). Exemplos mais típicos poderiam ser encontrados fora deste continente: por exemplo, na África. Finalmente, a configuração III nos traz situações em que um grupo (ou grupos) é bilíngue, coexistindo em comunidade com outro que é monolíngue. Frequentemente, este último grupo fala apenas ‘a sua’ língua porque não necessitaria aprender a outra, ou as outras. Ou seja, trata-se de um grupo que exerce poder social sobre o outro, que é minoritário ou minoritarizado, e que por sua vez, como necessidade para o efetivo trânsito social, se vê forçado a aprender e utilizar a língua do grupo dominante. Um exemplo clássico é o que envolve canadenses anglos e canadenses francos, tomando-se o Canadá como um todo: os primeiros seriam basicamente monolíngues em Inglês, e os últimos geralmente bilíngues Francês-Inglês: mesmo em um país comparativamente igualitário e socialmente nivelado como o norte-americano, diferenças resultantes de processos históricos e econômicos levaram a esse quadro — sem perder de vista, é claro, a preponderância atual do Inglês como ‘língua franca’ global. Se tomarmos a TF como uma comunidade de fala, nos termos que

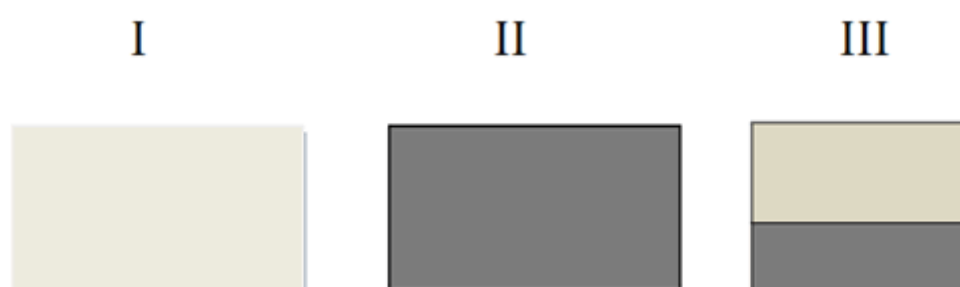
---

<sup>28</sup> Os autores em questão afirmam utilizar, muitas vezes, o termo ‘bilíngue’ para fazer referência a ‘mais de uma’ língua, e não especificamente a apenas ‘duas’. Seguiremos aqui o mesmo procedimento, excetuando-se os casos em que seja fundamental fazer referência ao uso de três ou mais idiomas.



anteriormente defendemos, então poderemos entender os brasileiros de Foz do Iguaçu como membros monolíngues dessa comunidade, que, no nível social, deverá ser vista como ‘bilíngue Português-Espanhol’, por meio da competência de falantes argentinos e paraguaios de Puerto Iguazú e de Ciudad del Este, que formariam os grupos que se veem na necessidade de aprender e utilizar o Português. A TF, então, funcionaria dentro da configuração III recém-mencionada. Porém, resta-nos perguntar: por que, exatamente?

*Figura 2: Esquemas de bilinguismo social, segundo Appel e Muysken (2005).*



O Brasil, a julgar pelos dados constantes no World Factbook<sup>29</sup>, tem atualmente renda *per capita* maior que a do Paraguai (US\$15,500 *versus* US\$9,800), mas menor que a da Argentina (US\$20,700). Ou seja, não se trata do país cuja população é a mais rica dentro do contexto — algo que deveria ser típico em casos com a configuração de bilinguismo social que enxergamos na região. Porém, a esse respeito, deveremos tomar dois fatores em conta: primeiro, ao observarmos as diferenças regionais pertinentes à Argentina e ao Brasil (este último, país notoriamente desigual), veremos que o Paraná está entre os primeiros Estados brasileiros em escalas de indicadores socioeconômicos<sup>30</sup>, enquanto que Misiones aparece variavelmente entre as últimas e entre as intermediárias da Argentina nas mesmas escalas<sup>31</sup>; e, mais importante ainda, deve-se enxergar a força econômica do Brasil como um todo frente aos vizinhos: impulsionada pela população cerca de cinco vezes maior que as da Argentina e do Paraguai somadas, tal força superior redundando em preponderância não apenas econômica, mas política e cultural dentro da esfera regional (algo que discutimos em mais detalhes, aqui, nas seções introdutórias). Portanto, localmente, Foz do Iguaçu (ainda) funcionaria, em momentos atuais, como o vértice da TF que detém certos tipos de poder, o que se refletiria

<sup>29</sup> CIA, 2019.

<sup>30</sup> PNUD Brasil <http://www.atlasbrasil.org.br/2013/consulta/>. Acesso: 14/12/2021.

<sup>31</sup> PNUD Argentina

<http://www.ar.undp.org/content/argentina/es/home/presscenter/articles/2017/05/12/-c-mo-est-n-la-argentina-y-las-provincias-en-los-rankings-de-desarrollo-.html> idem.

nos comportamentos linguísticos de seus falantes, que reconheceriam — no nível consciente ou abaixo do mesmo — sua posição relativa dentro do contexto.

Voltemos agora a análises mais gerais sobre o tema do contato linguístico, abordando as situações que, segundo Appel e Muysken (*op. cit.*), ao mesmo tempo propiciariam e configurariam a tipologia desse fenômeno. Os autores esclarecem que “a Sociolinguística não é como a Química, e quando duas línguas são colocadas juntas nem sempre a mesma coisa acontece”<sup>32</sup> (2005, p. 5, em tradução nossa como todas as citações da obra neste texto). Obviamente, aquilo que ocorrer quando o Português e o Espanhol entrarem em contato dependerá de fatores sociais diversos, e até mesmo temporais: Em áreas de fronteira entre a Espanha e Portugal, ocorrerá o mesmo que na TF? A própria situação linguística da TF foi sempre igual, e se manterá igual em futuros que testemunhem flutuações de ordem econômica ou política relativas aos países da região? Acreditamos que não, ou não necessariamente. Por isso, a afirmação dos autores é importante quando se deseja tomar um universo de análise que seja amplo tanto na dimensão do tempo quanto na do espaço.

Uma primeira situação de contato que mencionam é a que chamam de “arquipélago linguístico”, que caracterizam como “rara” no dias atuais, mas que “deveria ser frequente na era precolonial [como atualmente na] bacia amazônica e no deserto australiano”<sup>33</sup> (2005, p. 5). Seriam situações nas quais diversas línguas diferentes, com relativamente poucos falantes, coexistiriam em uma mesma “ecoesfera”. A segunda situação mencionada envolveria “fronteiras mais ou menos estáveis entre famílias linguísticas”, cujos exemplos dados são aqueles entre línguas românicas e germânicas em países europeus, e entre línguas indo-europeias e dravídicas na Índia. Uma terceira situação apresentada pelos autores é aquela que resulta da “expansão colonial europeia”. Segundo eles, tal movimento fez não apenas com que as línguas dos colonizadores entrassem em contato com as línguas locais, mas também levou ao surgimento de variedades próprias das primeiras línguas, e até mesmo à criação de crioulos — variedades reconhecidas como línguas próprias, que frequentemente têm uma base fundada em uma língua colonial e acréscimos de línguas locais em diversos níveis de sua estrutura — em locais como “o Caribe, a África Ocidental e o Pacífico”. A quarta situação de contato linguístico apresentada reflete bolsões individuais de falantes de línguas minoritárias, isolados pelas línguas nacionais circundantes. Os exemplos dados vêm da Europa, como o Basco na Espanha e na França, entre outros. A quinta e última situação da tipologia é a das

---

<sup>32</sup> “Sociolinguistics is not like chemistry, and when you put two languages together the same thing does not always happen.”

<sup>33</sup> “must have been frequent in the precolonial era [as in the present-day] Amazon basin and the Australian desert”.

migrações pós-coloniais, “reversas”: ou seja, um movimento que poderia ser generalizado como ‘sul-norte’, em que falantes de países classificados pelos autores como “de terceiro mundo” se deslocam para países “industrializados”.

Relembramos que, na seção 1.3, apresentamos nossa própria categorização variável acerca das origens das diversas línguas da TF com os diversos tipos de contatos linguísticos passíveis de realização naquele universo mais localizado. Seja como for, fica claro que o contato linguístico — qualquer que seja sua causa ou classificação — envolve algum tipo de movimento. Tal ação caracterizou-se, ao longo de quase toda a história da humanidade falante, como um movimento de pessoas: expansões pacíficas ou belicosas, ou simples ‘encontros’ entre indivíduos ou grupos com fala diversa. Com a invenção da escrita (meio que se manteve extremamente restrito, como seja, até muito recentemente), palavras ‘fora de tempo real’ puderam, em ocasiões a princípio muito raras e especiais, circular por entre falantes de outras línguas através de pergaminhos, mensagens grafadas, livros. Mais alguns passos adiante na história da humanidade, invenções como o telégrafo, o rádio, o telefone e a televisão trouxeram novas possibilidades de contatos entre línguas — agora com a inclusão de palavras ‘vivas’, em meio a interações diretas e em tempo real — sem a necessidade de deslocamento (e presença física) de seus falantes no ato da comunicação. Um passo além, e nos vemos no mundo atual ‘de altíssima mobilidade’<sup>34</sup> como o descrito por Jacquemet (2005), em que — especialmente em pequenos países da Europa, mas não exclusivamente — é comum que as pessoas nasçam em um país, recebam formação profissional em um segundo, residam em um terceiro, e trabalhem de forma simultânea em um quarto e um quinto. Em tal contexto, conceitos tradicionais como o de ‘origem’, ‘nacionalidade’, ‘língua materna’, vão sendo rapidamente dissolvidos em um nível individual, assim como a associação entre ‘uma’ língua e ‘um’ grupo étnico para ‘um’ determinado país. Além disso, a mobilidade das línguas, independentemente de tal mobilidade — em si intensa — de falantes, atinge um nível nunca antes imaginado, graças às possibilidades de comunicação geradas pela internet e às próprias necessidades de um mundo globalizado e interconectado<sup>35</sup>.

---

<sup>34</sup> Tal mobilidade alta pode ter ocorrido em outros períodos históricos (por exemplo, em regiões do Império Romano), mas a situação atual se destaca por seu alcance virtualmente global.

<sup>35</sup> A título de ilustração, é muito provável que no cotidiano de uma empresária que trabalhe em qualquer parte do mundo circulem vários idiomas diferentes: a tela do computador pode estar projetando dois deles, simultaneamente; um dos colegas de trabalho pode estar ao celular com um membro da família de outro país, usando um terceiro idioma que a empresária conhece em parte; nas interações na rua, com empregados de uma lanchonete, o idioma utilizado pode ser um quarto; e, caso nossa personagem venha de uma família multiétnica e multilíngue, em cujo âmbito circulem um quinto e um sexto idiomas, ela certamente terá grandes dificuldades em responder de forma simples e direta a pergunta “qual é a sua língua?”.

Jacquemet (*op. cit.*), em sua crítica aos estudos sobre contatos linguísticos, aponta a falha em observar este mundo real, atual, em detrimento ao foco que parece recair exclusivamente sobre situações comunicativas que parecem idealizadas:

Mesmo no contexto de línguas em contato, a disciplina em cujo âmbito a metáfora da expansão [*'spread metaphor'*] foi inicialmente desenvolvida (...), as análises de casos permaneceram obstinadamente locais, ocupando-se de interações face-a-face, experiências não mediadas e proximidade física. Tais estudos se ocupavam especialmente de áreas linguísticas e da demarcação de fronteiras. A pesquisa linguística [até então] tem examinado comunidades de fala migrantes e minoritárias como entidades isoladas dentro de uma nação-estado, analisando seus padrões comunicativos em oposição a uma entidade claramente identificável e bem estruturada: a língua nacional dominante e padronizada (...).

Defendo que estudos contemporâneos sobre língua e comunicação devem fazer referência à globalização progressiva das práticas comunicativas e das formações sociais que resultam da crescente mobilidade de pessoas, línguas e textos (2005, p. 260-61; tradução nossa, como todas as citações do mesmo texto)<sup>36</sup>.

Mais além, Jacquemet caracteriza o mundo atual como cada vez mais “desterritorializado” para tais pessoas, línguas e textos móveis, e cunha o termo “práticas transidiomáticas”, por meio do qual descreve “as práticas comunicativas de grupos transnacionais que interagem utilizando diferentes línguas e códigos comunicativos simultaneamente presentes em uma gama de canais comunicativos, tanto locais como distantes” (p. 264-65). Em nossas análises sobre o fenômeno do contato na TF, teremos sempre em mente tais observações.

Encerraremos esta seção retomando a afirmação inicial de que “[o] contato linguístico leva inevitavelmente ao bilinguismo” (APPEL e MUYSKEN, *op. cit.*), para dizer que, além disso, nos parece que tal contato acaba levando também à *atitude linguística*. Desenvolveremos essa afirmação no texto a seguir.

### 3.2 Atitudes Linguísticas

Conforme mencionamos anteriormente, o surgimento de atitudes linguísticas é uma consequência — inevitável, diríamos — dos contatos entre grupos humanos; contatos que,

---

<sup>36</sup> “Even in the context of language contact, the discipline where the spread metaphor was first developed (...), case analysis has remained obstinately local, concerned with face-to-face interactions, unmediated experience, physical proximity. These studies have been especially preoccupied with linguistic areas and demarcating boundaries. Linguistic research has examined migrant and minority speech communities as isolated entities inside a nation-state, and analyzed their communicative patterns in opposition to a clearly identifiable, well-structured entity: the dominant, standardized national language (...). I argue that contemporary studies on language and communication must address the progressive globalization of communicative practices and social formations that result from the increasing mobility of people, languages, and texts.”

obviamente, serão estabelecidos por meio do uso de diferentes códigos linguísticos, diferentes ‘sotaques’ da mesma língua, ou ‘sotaques’ que remetam a alguma ‘outra’ língua, falada por algum ‘outro’ grupo humano em suas especificidades nacionais, regionais, sociais, étnicas, etc. Defenderemos mais adiante a hipótese de que, dentro desta discussão, o contato mais ou menos regular e consolidado gerará uma atitude — mesmo que esta possa ser classificada pelo eventual sujeito ou empiricamente estabelecida como ‘neutra’, com base em uma alegada indiferença<sup>37</sup>. Recordemo-nos, sempre, que uma atitude manifestada de forma explícita ou implícita sobre uma língua (ou ‘forma de falar’) nada mais é do que uma atitude sobre o/s grupo/s que utiliza/m essa língua: Giles (1979) comprovou isto ao demonstrar que um possível ‘valor inerente’ de variedades linguísticas não se confirmava, sendo que, em vez disso, tinha solidez a hipótese da ‘norma imposta’, segundo a qual a variedade falada por um grupo social de prestígio poderia ser avaliada como igualmente prestigiosa em si mesma.

A respeito do tema aqui focado, Appel e Muysken (2005) identificam duas grandes divisões de abordagens teóricas, que por eles são classificadas como “a visão behaviourista” e “a visão mentalista”. No primeiro dos casos, de acordo com os autores, “as atitudes devem ser estudadas a partir da observação de reações a certas línguas, i.e., a seu uso em interações reais” (2005, p. 16). A visão mentalista, por sua parte, “considera as atitudes como um estado interno e mental, que pode dar origem a certas formas de comportamento” (*idem*). Citando Fasold (1984, p. 147), dizem ainda que a atitude pode ser descrita como “uma variável que intervém entre o estímulo que afeta uma pessoa e a reação desta pessoa”<sup>38</sup> (*ibidem*). A questão é então levantada, pelos autores supracitados, a respeito da impossibilidade de se observar diretamente estados mentais — o que, obviamente, se coloca como um sério obstáculo para a pesquisa que dependa de tal identificação. Mesmo se chegássemos a um determinado estado de tecnologia em que se desenvolvessem aparelhos capazes de identificar e medir tais estados ou disposições mentais<sup>39</sup>; e mesmo se fossem contornadas todas as questões éticas que,

---

<sup>37</sup> López Morales (2004), provavelmente coincidindo com diversos outros estudiosos, parece sugerir que não haveria ‘atitude neutra’: esta seria sinônima de ausência de atitude, e não uma categoria a situar-se entre a positiva e a negativa. No entanto, ao enfocarmos especificamente a atitude expressada e definida por meio de adjetivos, defendemos que haveria, sim, certa gama de características que dificilmente cairiam de forma inequívoca ou universal em um ou outro lado. Por exemplo, se um falante considera determinada língua ou forma de falar como “mais direta” que outra (como chegamos a registrar em Bolívar, 2008), seria certamente um equívoco classificar tal julgamento, por si e sem maiores explicações, como ‘positivo’ ou ‘negativo’. Da mesma forma, se falantes de determinada língua forem apontados como ‘tímidos’, com que objetividade poderíamos afirmar que se emitiu aí uma atitude ‘positiva’ ou ‘negativa’?

<sup>38</sup> “attitudes must be studied by observing the responses to certain languages, i.e., to their use in actual interactions”; “considers attitudes as an internal, mental state, which may give rise to certain forms of behaviour”; “an intervening variable between a stimulus affecting a person and that person’s response”.

<sup>39</sup> Não temos notícias, aliás, de estudos em Psicolinguística (por exemplo) que tenham obtido sucesso em acessar ‘disposições mentais’ diretamente.

provavelmente, se interporiam à realização de tais experimentos, o sujeito que estivesse consciente de sua condição como tal — *i.e.*, como sujeito de um teste de atitudes linguísticas — provavelmente não seria considerado um produtor de dados ‘autênticos’, já que — retomando a problemática original laboviana — o paradoxo do observador teria, ali, grande potencial de contaminar os resultados, a depender da qualidade do eventual equipamento. Nesse contexto, fica evidente, então, que a identificação de tais estados ou disposições mentais só poderia ser feita através de inferências — formuladas, por sua vez, a partir de certos aspectos concretos do comportamento dos sujeitos — ou de dados reportados pelo próprio sujeito. É claro que, dentro dos limites desta última opção, não seria possível contornar o paradoxo do observador: o sujeito que fosse diretamente questionado a respeito daquilo que acha sobre “a língua X” iria, provavelmente, modular suas opiniões explícitas ao pensar no destino que teriam seus dados; nos julgamentos sobre sua pessoa — independentemente de garantias de anonimato — que poderiam ser traçados a partir de certas opiniões; e, mais diretamente, até mesmo ao levar em conta a própria figura da pesquisadora: Esta aparenta ser uma falante da língua em questão? Teria opiniões pessoais, diferentes das minhas, a respeito do grupo que fala essa língua? Vem de uma universidade que parece manter certas relações e disposições gerais sobre a língua e o grupo falante? Todas essas considerações, somadas a outras diversas, terminariam por minar seriamente a confiabilidade de dados autorrelatados envolvendo atitudes linguísticas. Não querendo sugerir, com isso, que a técnica de questionários deva ser abandonada em pesquisas sobre o tema (já que, muitas vezes, fornece valiosos dados complementares — em geral contrastivos — àqueles provenientes de outras metodologias), enfatizaremos ao longo deste trabalho a importância de se acessar a atitude por meio do outro caminho aludido: o da utilização de um tipo de metodologia chamada por Moreno Fernández (2005) de ‘indireta’, em contraste ao ‘diretismo’ de um questionário. Consideramos o teste de *matched-guise* como a metodologia indireta mais eficaz já desenvolvida para estes fins específicos, e iremos discorrer a seu respeito na seção 3.5.

Voltando à questão da atitude linguística em si, e a Appel e Muysken (*op. cit.*), vemos que os autores reforçam a teoria de que os falantes, em seu trânsito interativo, têm plena consciência dos graus de prestígio e status social que são atribuídos a determinados grupos dentro de uma determinada comunidade (e, não deixamos de notar, a elusiva ‘comunidade de fala’ pode ser compreendida justamente nesses termos: um entendimento comum — englobando os vários grupos que a possam compor — daquilo que seria prestigioso, adequado, correto, feio, incorreto, etc., com relação a certos usos linguísticos); e, citando

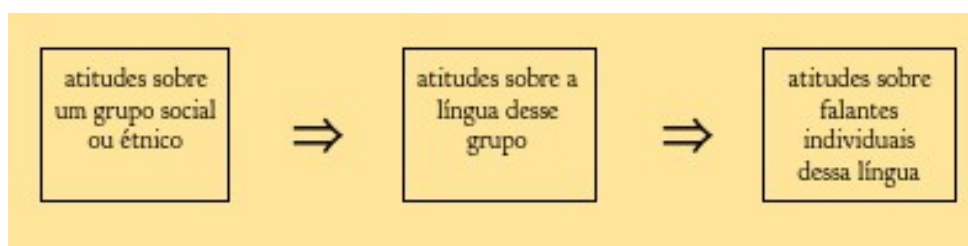
Edwards (1982, p. 21), colocam que é com base nisso, e não em qualidades linguísticas ou estéticas por si, que a atitude é construída.

Moreno Fernández (2005), a esse respeito, explica em mais detalhes que

[u]ma das bases sobre as quais se firma a atitude linguística é a *consciência sociolinguística*: os indivíduos constroem atitudes (...) porque têm consciência de uma série de fatos linguísticos e sociolinguísticos que lhes concernem ou lhes afetam. Tais fatos podem pertencer à sua própria variedade, à de seu grupo ou à de sua comunidade, mas também às variedades de outros falantes, de outros grupos, de outras comunidades. As falantes *sabem* que sua comunidade prefere certos usos linguísticos a outros; que certos usos são específicos de determinados grupos e não de outros(...). (2005. p. 179-180. Grifos do autor. Tradução de nossa responsabilidade, assim como todos os trechos da obra aqui citados)<sup>40</sup>.

Tendo em conta todas essas considerações, Appel e Muysken (*op. cit.*) apresentam um esquema geracional da atitude, que reproduzimos a seguir (figura 3), com tradução de nossa responsabilidade:

*Figura 3: Formação de atitudes segundo Appel e Muysken (2005).*



Fornecendo mais detalhes sobre essa cadeia de disposições em que a atitude linguística se coloca como uma manifestação intermediária e exemplar, os autores explicam que

em uma sociedade, grupos sociais (ou étnicos) têm certas atitudes uns sobre os outros, relacionadas a suas diferentes posições sociais. Estas atitudes afetam atitudes sobre instituições culturais ou padrões que caracterizam tais grupos, como a língua; e são estendidas a membros individuais dos grupos, refletindo-se em atitudes sobre os mesmos (2005, p. 16)<sup>41</sup>.

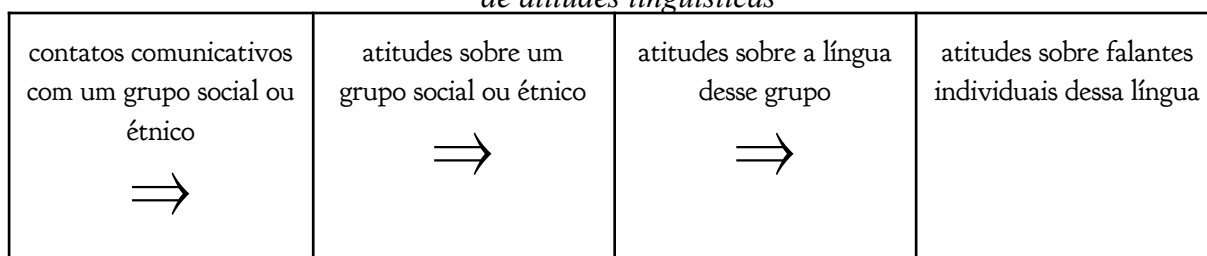
<sup>40</sup> “Una de las bases sobre las que se asienta la actitud lingüística es la *conciencia sociolingüística*: los individuos forjan actitudes (...) porque tienen conciencia de una serie de hechos lingüísticos y sociolingüísticos que les conciernen o les afectan. Tales hechos pueden pertenecer a su propia variedad, a la del grupo o a la de su comunidad, pero también a las variedades de otros hablantes, otros grupos, otras comunidades. Las hablantes *saben* que su comunidad prefiere unos usos lingüísticos a otros; que ciertos usos son propios de unos grupos y no de otros (...).”

<sup>41</sup> “(...) in a society social (or ethnic) groups have certain attitudes towards each other, relating to their different social positions. These attitudes affect attitudes towards social institutions or patterns characterizing these groups such as language, and carry over to attitudes towards individual members of the groups.”

Ao visualizarmos tal esquema, não deixamos de perguntar-nos o que desencadearia, por sua vez, as “atitudes sobre um grupo social ou étnico”. Ou seja, nos parece que o fator ali apresentado como a fonte original das atitudes (sobre a língua, sobre falantes individuais) deve ser, ele próprio, a consequência de alguma outra causa; afinal, por que construímos tais atitudes “sobre um grupo social ou étnico”? O que permite tais considerações? A sequência acima nos parece absolutamente acertada, embora, talvez, valesse a pena expandi-la por meio da adição de um fator primário, à esquerda, já que as “diferentes posições sociais” dos grupos interagentes não nos parecem suficientes, por si, para dar conta da questão.

Baseando-se na hipótese de que é o próprio contato inicial entre os grupos que gera as atitudes sobre os mesmos; e observando que tal contato, como já dissemos, se efetuará necessariamente através de usos linguísticos, propomos a adição de um elo anterior (figura 4) que, indiretamente, retomará a questão da linguagem em si como a principal desencadeadora das atitudes entre os grupos interagentes, sendo que tal fator — respeitando-se a sequência original — reaparecerá de forma mais direta adiante, conforme os falantes reformularem e reorganizarem mentalmente suas experiências de trânsito social específicas:

*Figura 4: Proposta de ampliação do esquema original (Appel e Muysken, 2005) de formação de atitudes linguísticas*



Ao colocarmos tal hipótese, não buscamos de forma alguma contradizer aos autores supracitados, nem a nós mesmos, no que diz respeito ao fato explicitado de a língua julgada ser apenas um sintoma da problemática maior em que se está julgando, na verdade, o grupo falante. Neste caso, nos referimos à linguagem como termo mais abarcador, que envolve desde sinais paralinguísticos até o que se entende por ‘linguagem corporal’. Ou seja, não se trata de dizer que a pronúncia variável de /s/ gere atitudes sobre um grupo social ou étnico (posição 2 no quadro acima) que o realize desta ou daquela maneira: a atitude linguística em si é mantida na posição 3. A maneira como a interação como um todo se desenvolve (posição 1 acima proposta) é que — em *tandem* com as diferentes posições sociais dos grupos — faria nascer a sequência de atitudes.



Antes de nos aprofundarmos nessa hipótese, vejamos que seria possível argumentar que, muitas vezes, determinados indivíduos possuem atitudes sobre grupos com os quais não têm contato direto (configurando assim o que seria, provavelmente, a definição mais acertada de ‘preconceito’). Porém, observamos que, muito provavelmente, tais atitudes teoricamente ‘sem contato’ refletem a transmissão de valores (positivos, negativos) por parte de indivíduos ou grupos que originariamente efetuaram os contatos pertinentes; e, de todas as formas, acreditamos também que o contato ‘distante e passivo’ de indivíduos com falantes de outros grupos — como propomos classificar a observação de interações por meio da televisão, cinema, internet, etc., seja em estado natural ou em representação ficcional (em muitas ocasiões passível de ser estereotipada) — também pode ser tomada como uma forma válida de contato gerador de atitudes. Seja como for, acreditamos que é seguro dizer que, por exemplo, sujeitos brasileiros de Foz do Iguaçu, PR, terão atitudes muito mais consolidadas sobre argentinos e paraguaios do que sobre dinamarqueses (ou, mais radicalmente ainda, sobre butaneses), em que se reflete seu maior ou menor contato direto com os diferentes grupos mencionados. Nesse sentido, eventuais associações a grupos vistos pelos sujeitos como próximos entre si (por exemplo, linguística- ou etnicamente) podem ser feitas, com uma conseqüente transmissão de preconceitos/atitudes de um grupo a outro. Por exemplo, um sujeito do Brasil meridional que não tenha qualquer contato com sul-coreanos, e que pouco conheça a respeito de aspectos históricos, demográficos, etc., da Coreia do Sul, poderá manifestar certas atitudes, sobre indivíduos apresentados como sul-coreanos, que sejam semelhantes às que manifestaria sobre descendentes de imigrantes japoneses no Brasil, ao realizar uma associação que envolva como pano de fundo a Ásia ou etnias do leste da Ásia, ligando os dois grupos. Da mesma forma, se o sujeito tiver determinadas atitudes ou preconceitos envolvendo a África como um todo, e/ou indivíduos de etnia afro, poderá transmiti-los diretamente a indivíduos apresentados como sudaneses, sem que jamais tenha tido contato com os mesmos, e assim por diante.

Retomemos mais diretamente agora, no entanto, a hipótese recém apresentada de que os contatos comunicativos iniciais entre grupos sociais seriam a gênese principal das atitudes (linguísticas). Ao propor tal consideração, nos respaldamos em Wierzbicka (2003) e sua abordagem sobre fenômenos de interesse da Pragmática Intercultural.

A autora, ao fazer referência a muitos dos pressupostos lançados por estudiosos seminais da Pragmática (por exemplo, Brown e Levinson, 1987; Leech, 1983, entre outros), critica a presença do que chama de ‘etnocentrismo’ ou, mais especificamente, ‘anglocentrismo’, como fator contaminador de muitas das análises feitas por tais autores e

apresentadas pelos mesmos como universais da comunicação humana, desconsiderando especificidades culturais. Ao citar estudos sobre fenômenos comunicativos do Japonês (MIZUTANI e MIZUTANI, 1978; HONNA e HOFFER, 1989), e do Inglês Negro Norte-Americano (KOCHMAN, 1981), Wierzbicka (*op. cit.*) desafia, por exemplo, as máximas ‘da aprovação’ e ‘da modéstia’ formuladas por Leech<sup>42</sup> (*op. cit.*), já que — de acordo com os dados analisados — existiriam línguas/culturas nas quais o elogio/aprovação ao outro não é bem visto, assim como não necessariamente seria mal visto, através de todas as culturas humanas, o elogio/aprovação a si mesmo. Dando sequência à argumentação, a autora afirma que

[o] mesmo se aplica às máximas supostamente universais de harmonia: 'minimize o desacordo, maximize o acordo' (...). Por exemplo, (...), a cultura judaica mostra uma clara preferência pelo desacordo: nesta cultura, as pessoas demonstram seu envolvimento e seu interesse umas nas outras dizendo 'não' em vez de 'sim'. Na cultura judaica, a discussão é valorizada como uma forma de sociabilização, e é o desacordo, em vez do acordo, que é visto como algo que aproxima as pessoas. Assim, é uma ilusão anglocêntrica acreditar que todas as culturas valorizam mais o acordo ao desacordo; que desencorajam o autoelogio, encorajam o elogio ao outro, e veem a 'imposição' como o maior dos pecados na interação social. (Wierzbicka, 2003, p. 68-69, em tradução nossa como todas as citações da mesma obra neste texto)<sup>43</sup>.

Ao mencionar estudos em Pragmática Intercultural que questionam o que chama de “universalismos equivocados”, e que buscam visões mais objetivas e transculturais dos fenômenos ligados à interação humana, explica que esses novos caminhos se orientam pelas seguintes ideias:

- (1) Em diferentes sociedades, e diferentes comunidades, as pessoas falam diferentemente.
- (2) Estas diferenças em modos de falar são profundas e sistemáticas.
- (3) Estas diferenças refletem valores culturais diferentes, ou, pelo menos, diferentes hierarquias de valores.
- (4) Diferentes modos de falar, diferentes estilos comunicativos, podem ser explicados e compreendidos em termos de diferentes valores culturais e prioridades culturais independentemente estabelecidas. (2003, p. 69)<sup>44</sup>.

<sup>42</sup> Em suma, ‘maximizar a aprovação ao outro; minimizar a aprovação a si’.

<sup>43</sup> “The same applies to the supposedly universal maxims of harmony: “minimise disagreement, maximise agreement (...). For example, (...) Jewish culture displays a clear preference for disagreement: in this culture, people show their involvement with other people and their interest in other people by saying ‘no’ rather than ‘yes’. In Jewish culture, argument is valued as a form of sociability, and it is disagreement rather than agreement that is seen as something that brings people closer together. It is, then, an anglocentric illusion to think that all cultures value agreement more than disagreement, discourage self-praise of other, and view ‘imposition’ as the main sin in social interaction.”

<sup>44</sup> “(1) In different societies, and different communities, people speak differently. (2) These differences in ways of speaking are profound and systematic. (3) These differences reflect different cultural values, or at least different hierarchies of values. (4) Different ways of speaking, different communicative styles, can be explained and made sense of, in terms of independently established different cultural values and cultural priorities.”

E, finalmente, como um exemplo bastante ilustrativo que irá auxiliar na presente argumentação, citamos o que a autora polonesa coloca a respeito de contatos comunicativos entre grupos étnicos distintos na Austrália em que reside:

Consideremos, por exemplo, a situação de australianos de origem anglo-saxã ou anglo-céltica que notam que alguns imigrantes se comportam verbalmente de modos que parecem ser estranhos, pouco familiares. Por exemplo, parecem vociferar e berrar sem qualquer motivo; interrompem os outros; começam discussões acaloradas sem qualquer razão aparente; falam de uma maneira que é vista como brusca, dogmática e peremptória; defendem sem tato suas opiniões, e contradizem sem tato outras pessoas, e assim por diante.

Se comportamentos 'estranhos' e possivelmente ofensivos deste tipo puderem ser explicados e compreendidos em termos de valores culturais independentemente compreensíveis, problemas sérios de ordem social e interpessoal poderão ser resolvidos, e conflitos sérios poderão ser prevenidos ou suavizados. (2003, p. 69-70)<sup>45</sup>.

É exatamente essa dimensão de “comportamento verbal” à qual aludimos anteriormente, e que — hipotetizamos — será notada como a característica mais saliente em um contato (inicial) entre dois grupos sociais/nacionais distintos. Tais comportamentos influenciarão de forma decisiva as impressões que um grupo venha a ter do outro como um todo, já que, provavelmente, serão recorrentes em todos os contatos interativos travados com elementos dos mesmos grupos em questão. Por exemplo, Weil e Tompakow (1973) afirmam que indivíduos japoneses tendem a ter ‘espaços corporais’ (i.e., certas distâncias a serem mantidas entre si e o interlocutor, respeitando certas ‘zonas de intimidade’ variáveis) muito mais reduzidos que os espaços análogos de indivíduos norte-americanos convencionais; e que portanto, em reuniões de negócios envolvendo sujeitos das duas nacionalidades, é possível ver como as pausas para café, em que se estabelecem conversas informais entre os participantes, parecem ser palcos de baile nos quais os japoneses comandam a dança: avançam para perto dos colegas norte-americanos durante a conversa, sendo que estes, por sua vez, vão se afastando. Ambos, no processo, buscam conservar a distância que lhes parece socialmente adequada para a interação em questão.

Desde fenômenos conversacionais diversos, como as regras para o assalto de turnos, a maneira de se fazer pedidos, e até mesmo o volume da voz empregada, entre diversos outros;

---

<sup>45</sup> “Consider, for example, the situation of Australians of Anglo-Saxon or Anglo-Celtic background who note that some immigrants behave verbally in what appear to be strange, unfamiliar ways. For example, they seem to shout and scream for no reason at all, they interrupt other people, they start heated arguments for no apparent reason, they speak in what is perceived as a blunt, dogmatic and bossy way, they flatly assert their opinions and flatly contradict other people, and so on. If ‘strange’ and possibly offensive behaviour of this kind can be explained, and made sense of, in terms of independently understandable cultural values, serious social and interpersonal problems can be resolved, and serious conflicts prevented or alleviated.”.

passando por sinais de ordem mais paralinguística (por exemplo, gestos) e atingindo até os domínios do não-verbal (direcionamento de olhares; a distância física entre os interagentes), temos uma gama de elementos que, em contraste com os usos e as expectativas culturais de um determinado interagente, poderão gerar certas impressões (quicá atitudes?) positivas ou negativas sobre os indivíduos que estarão do outro lado. Se tais impressões forem confirmadas pelo falante X em encontros subsequentes com outros indivíduos do mesmo grupo Y, e/ou lhe forem corroboradas por outros indivíduos X a respeito de falantes Y, então estará consolidada a atitude inicial sobre o grupo em questão. A situação social de relativo prestígio ou de desprestígio do grupo também deverá influenciar no caso, como dissemos: na primeira situação, poderá fazer com que sejam realçadas as impressões etnocêntricas positivas, sendo o contrário válido para a segunda situação.

Imaginemos, por exemplo, que o grupo nacional/cultural X valorize a manutenção do contato visual — ‘olhos nos olhos’ — ao longo de uma conversa, enquanto que o grupo Y, em contraste, tem como regra cultural justamente evitar tal contato. Em uma interação entre os hipotéticos Falante X e Falante Y, que conhecem apenas superficialidades a respeito das sociedades mútuas, é provável que X se incomode com o fato de Y nunca ou raramente mirar seus olhos, e toma o fenômeno, etnocentricamente, como evidência de ‘dissimulação’ por parte de seu interlocutor. Mais tarde, ao conversar com outros falantes Y, percebe o mesmo fenômeno; e, ao comentar a respeito de suas impressões com alguém de seu próprio grupo, recebe a confirmação do julgamento etnocêntrico. Caso o grupo Y venha de um país ou região socialmente desprestigiada com respeito ao país ou região do grupo X, então a impressão negativa tenderá a ser reforçada (e, sendo a relação diferente, talvez os falantes Y pudessem ser tomados — em um movimento que se afasta do negativo e tende a uma possível neutralidade — simplesmente como ‘excessivamente tímidos’, entre outros atenuantes). Tal atitude poderá ser manifestada e captada, dentro de uma metodologia como a que aplicamos neste trabalho (ver seção 3.5), em um evento em que o sujeito testado deva sinalizar se acredita que uma determinada fala na ‘língua Y’ foi proferida por um sujeito honesto ou desonesto. O hipotético falante Y, por sua vez, poderá tomar seu interlocutor X como invasivo, impositivo ou dominante, com base apenas na sutileza da sustentação (etnocentricamente tida como ‘exagerada’) do olhar durante a interação verbal presencial; e, de igual maneira, tais atitudes consolidadas sobre o grupo X como um todo poderão se manifestar como ‘atitudes linguísticas’ em um momento posterior.

Havendo realizado este percurso teórico sobre atitudes linguísticas e colocado nossa hipótese sobre a influência primordial dos contatos comunicativos iniciais, gostaríamos, antes

de encerrar esta seção, de fazer ainda algumas colocações a respeito que envolvam diretamente o contato entre brasileiros e hispanofalantes paraguaios e argentinos na região da TF. Haveria diferenças perceptíveis entre a hierarquia de valores culturais dos brasileiros, refletindo-se em sua maneira de interagir, e as dimensões análogas envolvendo argentinos e paraguaios? Até o presente momento, dispomos somente de poucos depoimentos a esse respeito, coletados de maneira bastante informal, sobretudo entre alunos nossos oriundos de diversas regiões do Brasil, do Paraguai e da Argentina. Tais depoimentos têm se demonstrado bastante inconclusivos e até mesmo, em muitos casos, contraditórios entre si: para alguns brasileiros, seu próprio grupo é mais ‘direto’ e ‘informal’ na comunicação em geral, comparativamente aos grupos hispanos; outros brasileiros têm percepção oposta, e alguns argentinos e paraguaios afirmam que são os brasileiros os ‘mais indiretos’, os ‘que floream a fala’ e aos que nunca se deve colocar uma crítica (sobretudo pessoal) sem antes fazer um elogio. Alguns dos argentinos que são dessa opinião disseram que, sobretudo ao fazerem um pedido em Português, “passam por mal-educados”, já que sua maneira de fazê-lo em Espanhol seria comparativamente ‘mais direta’. Não deixamos de escutar de alguns argentinos e paraguaios, porém, algo que pode ser interpretado praticamente como o oposto disso: que ao fazerem pedidos em seu idioma sempre utilizam fórmulas de polidez como ‘desculpe’, ‘por favor’, ‘obrigado’, etc., e que lhes havia surpreendido a ausência das mesmas em pedidos e requisições no Português. Aliado a esses depoimentos informais, temos também o fruto de nossas observações de situações interativas entre lojistas hispanos e clientes brasileiros (ver seção 1.3), em cuja grande maioria dos casos nos parece que os clientes podem transmitir, por detalhes de seu comportamento comunicativo, graus variáveis de falta de cortesia ou polidez. Como se vê, esbarramos aqui em problemas apontados por Wierzbicka (*op. cit.*): desde a falta de empirismo dos rótulos que são aplicados, até o pouco entendimento acerca das hierarquias de valores que podem reger a interação em certas culturas. Em um momento futuro, buscaremos abordar essas questões de maneira formal, realizando um estudo que trate tais percepções e tais rotinas comunicativas intra- e intergrupos com o devido rigor.

Consideramos a atitude linguística, enfim, como um fenômeno atrelado ao corpo de ideologias linguísticas que estejam mais ou menos consolidadas no âmbito de determinados grupos de falantes. Segundo tal consideração, seria uma de suas consequências — bem como uma de suas manifestações, nos casos em que é formalmente identificada em sua explicitude ou implicitude. Veremos, a seguir, o que são efetivamente tais ideologias.

### 3.3 Ideologias Linguísticas

À menção do termo 'ideologia', é provável que o senso comum o associe a 'ismos' como o Marxismo, o Fascismo, e tantos outros. Não é, no entanto, dessas grandes correntes de pensamento político que iremos tratar quando mencionamos, neste texto, ideologia em questões de linguagem. Talvez a definição mais pontual de ideologias linguísticas tenha sido formulada por Silverstein (1979), para quem as mesmas poderiam ser caracterizadas como “quaisquer conjuntos de crenças sobre a língua articulados pelos usuários como uma racionalização ou *justificação* de estrutura e uso linguístico percebidos” (1979, p. 193, grifo nosso). Ao abordarmos alguns casos pontuais, mais adiante, veremos como tais “conjuntos de crenças” podem terminar sendo fatores decisivos não apenas na interpretação de relações humanas diversas, mas na própria configuração do mundo em certos aspectos.

Schieffelin e seus colegas, na introdução da obra que organizam (SCHIEFFELIN *et al.*, orgs., 1998), discorrem sobre os diversos entendimentos a respeito do que seja 'ideologia', presentes nos textos dos autores que contribuem para o volume. Apontam, por exemplo, para “um entendimento de ideologia como ideacional ou conceitual, fazendo referência a fenômenos mentais; ideologia tem a ver com consciência, representações subjetivas, crenças, ideias” (1998, p. 5). Mais além, trazem outra vertente, que classificam como 'de maior consenso', que trata de “uma conceitualização de ideologia como derivada da/ ancorada na/ refletindo a experiência de interesses de uma posição social em particular, embora uma ideologia frequentemente (...) se represente como universalmente verdadeira” (1998, p. 6); e, dando sequência e ligada a esta, uma terceira definição de ideologia como “uma conexão direta a posições habitáveis de poder – social, político, econômico. Ideologia é vista como ideias, discurso, ou práticas de significado a serviço da luta para adquirir ou conservar o poder” (1998, p. 7). Compreendemos que estas três concepções se interrelacionam, e nosso próprio acordo vai, mais exatamente, na direção da segunda. Verschueren (2012) argumenta nesse sentido quando diz, em tradução de nossa responsabilidade, que é possível definir como ideológico “qualquer padrão de significado ou esquema de interpretação que seja pertinente ou esteja envolvido em (um) aspecto(s) de 'realidade' social (...) que aparente ser de senso comum, frequentemente funcionando de modo normativo” (2012, p. 10)<sup>46</sup>. Nesta obra (*Ideology in Language Use*), o autor se debruça sobre um amplo corpus de textos escritos entre o final do século XIX e o começo do seguinte, tratando do tema 'colonização'. Embora

---

<sup>46</sup> “any basic pattern of meaning or frame of interpretation bearing on or involved in (an) aspect(s) of social reality (...) felt to be commonsensical, and often functioning in a normative way.”

textos escritos (e especialmente monológicos) dificilmente se aproximem do material sobre o qual aqui nos debruçamos; e embora (certamente dada a natureza de seu corpus) o autor muitas vezes proceda a análises que seriam 'do discurso', no sentido do ramo das ciências da linguagem (o qual tem pouca aplicação neste projeto), é em suas definições sobre ideologia, no sentido geral, que nos pautamos aqui. Verschueren (*op. cit.*) enfatiza fortemente o caráter de senso comum presente em uma ideologia. Para ele, tais padrões de pensamento e crenças são ideológicos por excelência quando se deixa de refletir sobre sua subjetividade, já que são tomados como óbvios, naturais e “compartilhados por todos”. O caráter (básico/normativo) de senso comum adquirido por um significado ideológico se manifestaria “no fato de que é *raramente\_questionado*, em uma dada sociedade ou comunidade, em discursos relacionados à realidade em questão, possivelmente através de vários gêneros discursivos” (2012, p. 11; grifo nosso). Ao não ser questionado, “o significado em questão é frequentemente (...) veiculado de forma implícita, em lugar de ser formulado explicitamente” (2012, p. 13)<sup>47</sup>. A diferença entre implícito e explícito, aqui, é de importância crucial para nosso projeto, ao ponto de que guiará nossas metodologias de coletas de dados (ver seção 3.5 e capítulo 4), com forte ênfase na busca por significados implícitos, já que, de acordo com o que acabamos de ver, é ali que estaria a principal morada dos constituintes de uma ideologia. Retornaremos à questão em momento oportuno.

Ao falarmos especificamente de *ideologias linguísticas*, ou *ideologias sobre línguas/linguagens*, resta pouca dúvida de que estamos tratando, sobretudo, de algo de caráter mais metalinguístico; por exemplo, conjuntos de julgamentos de valor sobre aspectos ou a 'totalidade' de uma língua e seu uso. Tais julgamentos podem ser explícitos (em um discurso 'meta') ou não – cabendo, nesse último caso, identificá-los e analisá-los à luz de teorias e métodos pertinentes. Por exemplo, se em uma dada comunidade, e em determinados contextos comunicativos, certas formas de tratamento (T/V) tendem a ser mais utilizadas que outras (conforme verificou, por exemplo, Bolívar, 2008), poderemos ter, a partir daí, indicativos da visão dos falantes sobre relações diversas de poder e prestígio social locais, e até mesmo sobre como a língua em si deve ser utilizada 'corretamente' para reforçar, ou mesmo propiciar, de forma implícita, tais ideologias. Em situações de contato linguístico, tais como a que abordamos, valerá observar, por exemplo, a ocupação (des)igual de espaços comunicativos pelas línguas (por exemplo, se algumas se restringem ao âmbito familiar; se na escola somente

---

<sup>47</sup> “in the fact that it is rarely questioned, in a given society or community, in discourse related to the ‘reality’ in question, possibly across various discourse genres.”; “the meaning concerned is often (...) carried along implicitly rather than being formulated explicitly.”.

uma delas é utilizada, em detrimento de outra[s], etc.), e, especialmente, atitudes linguísticas por parte dos diferentes grupos de falantes, com respeito às línguas que circulam na comunidade.

A investigação de ideologias linguísticas pode ocupar pelo menos dois grandes universos de análise: primeiro, com respeito a questões mais ‘internas’ daquilo que se reconheça como uma determinada língua: quais seriam suas fronteiras geográficas ou sociais; o que seria visto como ‘apropriado’ e ‘impróprio’ dizer, e por que, etc. A outra possibilidade que propomos envolve uma perspectiva principalmente ‘externa’: ou seja, se ocuparia de apontar que conjunto de visões certos grupos teriam sobre línguas que não considerariam como maternas, envolvendo julgamentos de valor sobre certas características suas, bem como sua aceitabilidade em certos contextos interativos, etc. Antes de prosseguirmos com a discussão, note-se como seria perfeitamente possível argumentar que o segundo caso estaria condicionado ao primeiro, no sentido de que o ato de classificar dada variedade como ‘uma língua’, frente a outro uso que, por sua vez, se classificaria como ‘outra língua’, envolve, em si mesmo, o manejo e a aceitação de certas ideologias: sem isso, não seria possível traçar a linha divisória necessária.

Vejamos a questão em mais detalhes, tomando como exemplo nosso próprio trabalho: aqui nos ocupamos de identificar, descrever e analisar as ideologias que falantes ‘lusos’ e ‘hispanos’ da TF possam ter, principalmente, sobre as variedades ‘do/s outro/s grupo/s’. A princípio, poderia parecer difícil argumentar que a divisão entre o Português e o Espanhol como entidades linguísticas envolva ‘ideologias’: afinal, estamos tratando de línguas que, hoje em dia, estão plenamente estabelecidas e universalmente reconhecidas como diferentes entre si, ainda que possam ser vistas como ‘bastante próximas’ em suas características morfológicas, lexicais e em certa medida até sintáticas. Porém, mesmo em um contexto atual de standardização plena, que deriva em uma hierarquia de pertencimento — em que variedades regionais são inequivocamente descritas como sendo ‘do Espanhol (Argentino, etc.)’ ou ‘do Português (Brasileiro, etc.)’, e até mesmo registros locais tidos como fora do padrão ou norma são reconhecidos como ‘um *Espanhol* mal falado’, ‘um *Português* errado’ — é possível encontrar situações específicas onde a fronteira entre as línguas — estas em questão, bem como certamente muitas outras<sup>48</sup> — está longe da possibilidade de ser traçada mediante

---

<sup>48</sup> Veja-se, por exemplo, o que ocorre entre os construtos ‘o Holandês’ e ‘o Alemão’ ao longo da fronteira geográfica entre os dois países. Appel e Muysken (*op. cit.*) sugerem que a variedade ‘do Holandês’ local é muito mais próxima da variedade ‘do Alemão’ que está do outro lado da fronteira, comparativamente a um Holandês tido como padrão nacional; sendo que a mesma relação existiria entre o Alemão local em perspectiva ao Holandês local e uma variedade mais *standard* da ‘própria’ língua — por exemplo, de Frankfurt ou de Berlim.



uma linha nítida, fina e segura. Por exemplo, o caso do Portunhol/*Portuñol*, variedade falada em certas regiões da fronteira entre o Rio Grande do Sul e o Uruguai, que como o nome sugere se caracterizaria como uma mistura entre o Português e o Espanhol — não exatamente como o fenômeno de interferência de uma das línguas na outra por parte de aprendizes, que muitas vezes também recebe o nome, mas como uma real variedade de língua que incorpora elementos fonéticos, lexicais, etc., de ambas as línguas, conectando-os através de formas únicas que não pertencem aos padrões reconhecidos de nenhuma das duas (o que podemos depreender através das descrições de Barrios 2008 e de Lopes e Silva, 2018; não deixando de mencionar a exemplar produção de literatura nessa variedade, por parte de Severo [2015, 2017]).

A questão a respeito da classificação do Portunhol/*Portuñol* como língua, dialeto ou interlíngua, ou ainda variavelmente como ‘um Português/Espanhol com influências estrangeiras’, é puramente ideológica, ficando assim em aberto; ao sabor dos ventos sociais que possam soprar tanto regionalmente como nas localidades mais ‘centrais’ do Brasil ou do Uruguai, culminando em políticas linguísticas que o reconheçam e oficializem (ou não) de alguma forma. Também é ideológico o conjunto de atitudes (positivas, negativas) sobre a variedade e seus falantes, o que por sua vez pode influenciar as classificações da mesma, conforme exemplificado acima (por exemplo: se há uma atitude negativa sobre os falantes, e/ou quando se parte da lógica de que uma língua necessita de um país para si, dificilmente seria feita a opção de dar status de ‘língua’ ao Portunhol/*Portuñol*, que poderia então ser mais prontamente descrito como ‘dialeto’, especialmente dentro de um entendimento leigo que trate de forma mais pejorativa esse termo).

Nos pautaremos agora em Gal e Irvine (2000) para um maior aprofundamento dessas questões através de estudos de acontecimentos históricos em que as ideologias linguísticas tiveram papel central. Para essas autoras, a ideologia se sustenta em processos semióticos de recursividade, iconização e apagamento. De certa forma, são mecanismos que, em havendo força política suficiente, chegam a ocasionar que a realidade dos fatos tenha que se curvar àquilo que é ideologizado, e não o oposto. Por exemplo, grupos multilíngues ‘desaparecem’ (apagamento) quando um determinado poder decide neutralizar as diferenças que os mesmos enxergam entre si, e classificá-los como um só grupo étnico-nacional com base na percepção de que utilizam ‘uma’ língua. Ao longo da História, fronteiras nacionais chegaram a ser traçadas com base em critérios semelhantes: por exemplo, como trazem as autoras recém citadas, as ideologias linguísticas dos europeus durante a expansão e o estabelecimento dos poderes coloniais na África — europeus que na segunda metade do século XIX tratavam a

língua como um produto biológico, fora do controle social dos grupos falantes, e portanto uma expressão de características ‘essenciais’ desses grupos — foram decisivas para os processos de cartografia dialetal e de agrupamento de variedades em ‘parentescos’, o que por sua vez contribuiu — explicitamente ou não — com a definição dos critérios da partilha do continente entre si. Nas palavras das autoras, enfocando aqui grupos etnolinguísticos do Senegal:

Em suma, os europeus que descreveram estas línguas [Wolof, Sereer e Fula] no século XIX viram sua diferenciação como reflexos de diferenças na mentalidade, na história e na organização social de seus falantes. Trabalhando a partir de uma ideologia que ligava língua a essências nacionais e raciais, os linguistas europeus representaram as características particulares das línguas senegalesas como emblemáticas destas supostas diferenças essenciais, passíveis de serem diagramadas em mapas de parentesco genealógico e localizadas em um mapa territorial (2000, p. 58; tradução nossa, como todas as citações do mesmo texto aqui constantes)<sup>49</sup>.

A análise também demonstra como questões de ideologia linguística podem ter implicações para o processo de variação e mudança linguística. Dirigindo agora um olhar mais ao sul do continente, as autoras discutem casos de mudanças fonético-fonológicas em algumas línguas Bantu da África Meridional, que teriam sido motivadas por questões ideológicas (por exemplo, a incorporação de ‘cliques’ e ‘estalos’ a essas línguas, por meio do contato com falantes Khoi, originários da atual região do Cabo, cujas línguas possuíam esses traços), e lembram que um dos estudos mais clássicos da sociolinguística — o de Martha’s Vineyard<sup>50</sup> por Labov (1966) — enfoca justamente uma mudança nesses termos motivada por ideologias sobre a língua.

Um terceiro caso focado pelas autoras diz respeito à região dos Balcãs, no sudeste europeu, e particularmente à Macedônia (hoje em dia um país independente). Recuperando todo o processo histórico que envolve a incorporação da região ao Império Otomano (Turquia), que ocasionou a coexistência de diversos grupos étnicos, religiosos e linguísticos; passando pela dissolução do poder turco na Europa e as tentativas de definição sobre o pertencimento ou a afiliação do território da Macedônia a diversos Estados modernos que emergiram desde então (por exemplo, a partir do final do século XIX, vizinhos como a Sérvia,

---

<sup>49</sup> “In sum, the Europeans who described these Senegalese languages in the nineteenth century saw their differentiation as reflecting differences in mentality, history and social organization among their speakers. Working from an ideology that linked language with national and racial essences, European linguists represented the particular characteristics of Senegalese languages as emblematic of these supposed essential differences, which could be diagrammed in charts of genealogical relationship and located on a territorial map.”

<sup>50</sup> Recordemo-nos que os ilhéus norte-americanos incorporavam à sua fala alguns traços fonéticos associados ao Inglês dos pescadores locais — aos quais buscavam associar-se devido a seu status de representantes icônicos do lugar. Dinâmica semelhante pode ser vista no caso africano.

a Grécia e a Bulgária), Gal e Irvine (*op. cit.*) fazem ver como as ideologias então prevalentes na Europa Ocidental terminaram fazendo com que a heterogeneidade etnolinguística do território tivesse consequências ruins para a reputação moral dos Macedônios (p. 65). Ou seja, as identidades etnolinguísticas fluidas (bem como as religiosas e as nacionais) eram diferentes daquelas (supostamente, ideologicamente) encontradas nas grandes potências ocidentais, que se viam pautadas na ordem, na regularidade, na homogeneidade. Ao acrescentar-se o fato de a região ter sido dominada por turcos otomanos durante vários séculos — ou seja, um grupo não-europeu —, não foi difícil chegar a um resultado no qual toda a Macedônia virou sinônimo de uma sociedade caótica, inferior, negativa. A questão se desdobra quando os mencionados países vizinhos buscam descrever as variedades de língua faladas no território como ‘mais próximas’ às suas, ou mesmo ‘dialetos’ das suas línguas nacionais — para então justificar anexação de parte ou da totalidade do mesmo território. Ideologias locais, de dentro da Macedônia, também manipulavam aquilo que deveria ser considerado como componente da língua padrão e aquilo que deveria ser deixado de fora da mesma<sup>51</sup>.

Para finalizar esta discussão com um encaminhamento ao tema seguinte, gostaríamos de retomar Gal e Irvine (*op. cit.*), em uma questão específica de aquisição de línguas. As autoras comentam que falantes de Wolof, no Senegal do século XIX, resistiram ao aprendizado de uma das outras línguas locais — o Sereer — porque muitos Wolof associavam esta última língua a camponeses pagãos (no caso, não-muçulmanos) e de baixa classe. Note-se que, para elucidar exatamente o que estaria coordenando os porquês da (não) aquisição de uma determinada língua, teríamos todo um caminho sociohistórico a ser identificado e

---

<sup>51</sup> Gostaríamos de acrescentar, a respeito de ideologias linguísticas relativas aos Balcãs, o fruto de nossas próprias observações informais na região, que envolveram os atuais territórios da Eslovênia, Croácia e Sérvia. Juntamente com a Macedônia, tais países da atualidade compuseram, entre 1918 e 1992, a extinta Iugoslávia. Foi através de uma guerra civil que ocorreu a referida extinção do país, um processo no qual a Sérvia buscava manter unidos e sob seu governo (como herdeira da união iugoslava) os territórios que lutavam por autodeterminação. Discutivelmente, certos territórios foram muito pouco afetados pelo conflito (por exemplo, a Eslovênia), enquanto que para outros os efeitos foram catastróficos em termos de destruição estrutural, baixas militares e civis (por exemplo, a Bósnia e a Croácia). No começo de 2019, este autor visitou a região e coletou, informalmente, alguns depoimentos de falantes locais — principalmente eslovenos — a respeito de vários aspectos do conflito que levou à dissolução do país, enfocando as relações sociolinguísticas anteriores e posteriores a essa cisão. A perspectiva eslovena dentro da ex-Iugoslávia, como um de seus menores países, detentor de indicadores socioeconômicos muito superiores aos dos demais, e geograficamente localizada em um ponto que estava mais distante da administração central, ao mesmo tempo em que mais próximo de países ocidentais como a Áustria e a Itália, pode ser comparada, em muitas acepções possíveis, a uma ‘visão desde o alto’. Os sujeitos eslovenos com os quais conversamos comentaram a respeito do uso do ‘Servo-Croata’ como uma língua franca dentro da Iugoslávia, vista como “próxima”, porém “decididamente diferente” do Esloveno. Quando indagados a respeito da remissão do termo ‘Servo-Croata’ a dois dos países da região (*i.e.*, os ‘inimigos mútuos’ Sérvia e Croácia), e do espaço atualmente ocupado por esse idioma, diferentes sujeitos mencionaram que os croatas estariam ultimamente empenhados em “inventar palavras novas”, “que nunca existiram”, a fim de caracterizar pela diferença uma língua que seria verdadeiramente ‘sua’ — um Croata ideologizado — em contraposição a uma outra língua que seria somente ‘dos sérvios’ — igualmente ideologizada.

descrito. Como já argumentamos aqui, a manifestação atual mais evidente do estado desse caminho seria a *atitude linguística* — a associação de uma língua a valores positivos ou negativos, tendo como base os falantes dessa língua. Se as ideologias linguísticas se manifestam de forma mais palpável precisamente nas atitudes linguísticas, é através de sua materialidade que poderemos descrever, de forma mais segura, um determinado conjunto de ideologias. Daremos sequência à discussão, portanto, remetendo a metodologias e trabalhos que buscaram apreender tais atitudes de maneiras semelhantes, ou idênticas, às que nos propusemos aqui: ou seja, indiretamente, implicitamente. Nesse universo, merece atenção a *teoria da acomodação comunicativa*, já que, discutivelmente, comportamentos de convergência ou divergência em interações diversas, envolvendo falantes de diferentes grupos etno- ou sociolinguísticos, também podem dar a medida da atitude (e, por conseguinte, das ideologias circulantes em determinadas comunidades). É principalmente por esse motivo que daremos espaço, neste texto, a uma análise dos significados desses termos e das dinâmicas que eles descrevem.

### **3.4 Acomodação Comunicativa**

Quando duas pessoas se engajam em uma interação direta, podem produzir-se, nas dinâmicas dessa comunicação, diversos fenômenos de interesse para uma linguista ou uma psicóloga (social). Dentre tais fenômenos que podem unir ambas as disciplinas em uma frente de análises complementares e no desenvolvimento de metodologias conjuntas (como o teste de *matched-guise*, central neste trabalho), contamos um que diz respeito a dinâmicas que poderíamos chamar ‘de distância’ envolvendo os falantes: em dado ponto da conversação (especialmente, mas não exclusivamente, em situação presencial), é possível que uma das participantes, ou ambas, modifiquem aspectos de sua fala e/ou de sinais paralinguísticos ou mesmo não-verbais no sentido de aproximar-se ou de afastar-se da fala do interlocutor. Tais variações podem ocorrer em diversos níveis de análise, do não-verbal ao linguístico e, enfim, ao mais puramente linguístico: desde a direção do olhar, a velocidade da fala e seu volume até a variedade de língua (ou ‘a língua’) que (não) é utilizada, entre diversas outras possibilidades. É particularmente este último exemplo que nos interessa aqui; mas antes de chegar a tal especificidade, veremos, em alguns parágrafos, como se desenvolveu a *teoria da acomodação comunicativa* (doravante TAC), através de trabalhos precursores e de reformulações recentes.

Nos anos de 1960 e 1970, alguns estudiosos que tinham como foco de pesquisa fenômenos relacionados ao bilinguismo Francês-Inglês quebequense (província de Québec, Canadá) buscaram desenvolver e testar certos modelos de análise que pudessem dar conta de atitudes e comportamentos individuais relativos às dimensões sociais do fenômeno — processo em que obteriam, ao mesmo tempo, os entendimentos e as reações ao contexto de um lado; e, do outro, os possíveis motivos e meios pelos quais esse mesmo contexto seria construído e sustentado pelos falantes. Nesse âmbito encontramos, por exemplo, Giles *et al* (1973), que, falando à época em *speech accommodation* (‘acomodação da fala’ ou ‘acomodação linguística’) buscaram testar a hipótese de que a percepção de esforços acomodativos por parte de um determinado falante, em direção a um grupo etnolinguístico diferente do seu, seria vista favoravelmente; e que, além disso, ocasionaria esforços de acomodação idênticos por parte de falantes do grupo ‘acomodado’, em direção ao indivíduo e à sua língua. Por ‘acomodar’, nesse caso, deve-se entender o que Giles e Ogay (2007) descrevem como ‘convergir’: “uma estratégia por meio da qual os indivíduos adaptam seus comportamentos comunicativos (...) de tal modo a que se torne mais similar ao comportamento de seu interlocutor” (2007, p. 295; tradução nossa, como todas as citações da obra neste texto).

Em uma descrição mais detalhada da metodologia utilizada, explicamos que os autores selecionaram 80 sujeitos ‘anglos’ residentes no Québec, bilíngues Inglês-Francês<sup>52</sup>, como participantes do trabalho. O Canadá é um país oficialmente bilíngue, porém de maioria ‘anglo’ (descendentes de ingleses ou demais britânicos), exceto na província do Québec, que, como antiga colônia francesa que foi posteriormente incorporada aos domínios britânicos, tem maioria ‘franca’ (descendentes de franceses). Em geral, tomando-se o país como um todo, os ‘anglos’ detêm maior prestígio socioeconômico, e isso ficava mais evidente quando se tomava a Montréal (a maior cidade do Québec) dos anos de 1960-70, fazendo-se comparações entre a minoria anglófona e a maioria francófona ali residentes. O bilinguismo Inglês-Francês canadense sempre foi, em vasta medida, sustentado pela população etnicamente ‘francesa’, sendo por outro lado historicamente baixos os índices de ‘ingleses’ étnicos capazes de falar Francês<sup>53</sup>. Nesse contexto, os 80 sujeitos selecionados por Giles e seus colegas, em 1973, ouviram gravações nas quais (conforme lhes foi dito explicitamente) um sujeito ‘franco’ deveria descrever em detalhes uma certa imagem a fim de que fosse desenhada com a maior

---

<sup>52</sup> Segundo os autores, foram selecionados sujeitos que reportaram possuir “pelo menos um conhecimento funcional” do Francês.

<sup>53</sup> Dados mais detalhados a esse respeito podem ser vistos na página oficial do censo canadense, disponível em <<https://www12.statcan.gc.ca/census-recensement/2011/as-sa/98-314-x/98-314-x2011001-eng.cfm#a3>>.

fidelidade possível pelos ouvintes. Foi dito e demonstrado aos participantes do teste que o sujeito tinha consciência de que os ouvintes seriam todos ‘anglos’. No total, foram realizadas quatro gravações da voz do mesmo sujeito, em que este desempenhava a mesma tarefa descritiva observando, porém, diferenças em seus usos linguísticos: em um caso, a descrição foi efetuada em Francês; em outro, em uma mistura equilibrada entre o Francês e o Inglês; em uma terceira situação, o sujeito utilizou Inglês fluente; e, no último caso, a descrição foi efetuada em Inglês ‘não-fluente’ (*i.e.*, com influências estereotípicas diversas do Francês de acordo com o contexto local). Os participantes do teste foram separados em quatro grupos, e a cada um dos grupos foi assinalada uma das gravações. Os participantes deveriam ouvir a fala, desenhar a cena descrita e, posteriormente, classificar o falante de acordo com sua performance na tarefa e algumas características pessoais que poderíamos, talvez, classificar como de ordem afetiva. As hipóteses dos autores, a serem testadas por meio de tal trabalho, eram as seguintes:

1. Quanto mais perceptível for o esforço acomodativo de um franco-canadense em sua mensagem, mais favorável será a percepção de sua pessoa por parte dos ouvintes anglo-canadenses bilíngues.
2. Quando acomodação da parte de um falante franco for percebida por ouvintes anglo, estes irão reagir de uma maneira acomodativa.
3. Quanto mais esforço for percebido da parte de um falante franco na acomodação a um ouvinte anglo, mais esforço este último irá colocar, por sua vez, na acomodação ao primeiro. (GILES *et al*, 1973, p. 181).

As duas últimas hipóteses seriam postas à prova por meio da realização da etapa final pedida aos participantes do teste: estes deveriam, após a confecção do desenho, ‘devolver’ a tarefa ao falante franco-canadense; ou seja, gravar a descrição de uma outra imagem, supostamente destinada a ser desenhada pelo falante.

Os resultados do trabalho confirmaram as três hipóteses; porém, é digno de nota o fato de o falante não ter sido avaliado de forma mais negativa, no universo das características pessoais a que aludimos, nas gravações em que seu comportamento acomodativo foi menor ou inexistente — ou seja, quando falou Inglês com ‘sotaque’ ou simplesmente não utilizou essa língua. Tal fato (que em geral, a depender dos contextos sociais em que se coloca, seria contraintuitivo) pode ser explicado pelas características dos participantes: todos eles estudantes universitários de uma instituição anglófona de Montréal, que se inclinariam (segundo os próprios autores reconheceram) a ver como compreensível, e talvez até mesmo positiva, a manutenção do Francês por parte de um falante franco-canadense que possivelmente estaria assim reafirmando e ‘defendendo’ sua identidade etnolinguística. Tais

considerações certamente viriam a auxiliar os autores a consolidar posteriores entendimentos a respeito dos mecanismos gerais da acomodação (que veremos proximamente). Vale dizer que o trabalho — que, discutivelmente, lança as bases da TAC de forma seminal — também utiliza recursos da metodologia de *matched-guise* (LAMBERT, 1967), que veremos em detalhes mais adiante. Embora não se trate de um dos testes mais típicos dentro dessa metodologia, por não submeter os *mesmos* participantes a gravações (*'guises'*) diferentes do *mesmo* falante, fica clara a confluência de ideias e os diversos intercâmbios realizados entre os autores precursores destas junções entre a Linguística e a Psicologia Social, que inclusive desenvolveram suas teorias utilizando o suporte de um mesmo pano de fundo em um mesmo espaço geográfico (o bilinguismo Inglês-Francês no Canadá, especificamente no Québec).

Em desenvolvimentos posteriores, a teoria que buscava dar conta do fenômeno da acomodação terminou consolidando-se com o nome de *'communication accommodation theory'* ('teoria da acomodação comunicativa'), em que a substituição do termo *'speech'* ('da fala', ou 'linguística') sinalizou a percepção de que a acomodação descrita teria dimensões mais abarcadoras, estendendo-se para além dos conteúdos verbais ou dialetais (conforme explicamos acima). De fato, segundo Giles e Ogay (2007), a teoria fornece uma estrutura “com vistas a predizer e explicar muitos dos ajustes que os indivíduos realizam para criar, manter ou diminuir a distância social na interação” (p. 293), consolidando-se como um modelo interdisciplinar que, embora admita a centralidade da língua em seu foco, compreende que também podem ser compreendidos, desde sua perspectiva, “outros símbolos comunicativos utilizados pelas pessoas para sinalizar suas atitudes (por exemplo, estilos de roupas e penteados, cosméticos e padrões de alimentação)” (p. 294). Fica claro que, dentro dos pressupostos da TAC, a interação humana é vista como um processo que envolve algo mais do que a simples troca de informações referenciais entre os participantes. De fato, ao listarem os princípios básicos da TAC, os autores enfatizam que, em uma interação qualquer, podem estar presentes (e geralmente *estão* presentes) forças sociais diversas que regem o comportamento comunicativo dos participantes. Em muitas ocasiões — e os autores sugerem que seja *na maioria* das ocasiões, como de fato nos parece ser o caso — o participante de um diálogo não fala apenas por si — ou melhor dito, *como* si — mas como representante de seu grupo. O fato de que frequentemente pertencemos a vários 'grupos' a uma só vez (por exemplo: “sou advogado”; “sou do sexo feminino”; “sou de etnia árabe”), e que além disso certos pertencimentos podem ser relativos, já que 'entramos' ou 'saímos' de certos grupos de acordo a nossa movimentação através de contextos sociais diferentes (por exemplo: “aqui sou prestigiado”; “aqui sou discriminado”; “aqui sou estrangeiro”), faz da negociação interna e

interpessoal de identidades um processo bastante complexo. Em dados momentos, uma das identidades pode ser tomada pelo sujeito como mais saliente, mais pertinente ao contexto, e assim enfatizada por meio de seu comportamento comunicativo; e pode acontecer que outro/s participante/s da interação tenha/m atribuído a esse mesmo sujeito uma pertinência diferente (talvez até mesmo conflitante ou vista como incongruente) daquela que esteja sendo reforçada no momento, com as devidas expectativas (frustradas) sobre o comportamento linguístico ou comunicativo em geral que deveria estar sendo demonstrado. Vejamos tais fenômenos de forma mais concisa nas palavras de Giles e Ogay (*op. cit.*), que citamos resumidamente:

A comunicação é influenciada não apenas por características da situação imediata e pelas orientações iniciais dos participantes, mas também pelo contexto sócio-histórico no qual está mergulhada a interação. Por exemplo, um encontro isolado entre um policial e um cidadão pode ser prejudicado por supostas e efetivas relações hostis entre outros membros desses dois grupos na comunidade ou na mídia (...).

A comunicação não é apenas uma questão de simplesmente e somente intercambiar informações sobre fatos, ideias e emoções (...). [O] pertencimento a categorias sociais salientes costuma ser negociado durante uma interação através do processo de acomodação (...).

Os interagentes têm expectativas com relação a níveis ideais de acomodação. Tais expectativas se baseiam em estereótipos sobre membros de outros grupos, bem como em normas sociais e situacionais prevalentes (...).

Os interagentes utilizam estratégias comunicativas diferentes (em particular, convergência e divergência) para signalizar suas atitudes a respeito uns dos outros e de seus respectivos grupos sociais. Dessa forma, a interação social é um equilíbrio sutil entre as necessidades de inclusão social, por um lado; e as de diferenciação, por outro (...). (2007, p. 294; grifos nossos; tradução nossa, como todas as citações da mesma obra neste texto)<sup>54</sup>.

---

<sup>54</sup> “Communication is influenced not only by features of the immediate situation and participants’ initial orientations to it, but also by the socio-historical context in which the interaction is embedded. For example, an isolated encounter between any particular police officer and citizen could be marred by alleged and past hostile relations between other members of these two groups in the neighborhood or on the media (as would be apparent probably for many citizens of color in the Rampant area of Los Angeles); • Communication is not only a matter of merely and only exchanging information about facts, ideas, and emotions (often called referential communications), but salient social category memberships are often negotiated during an interaction through the process of accommodation. For example, when being quizzed by Howard Giles British relatives on some (for them, curious) aspect of American entertainment and media, his shift from a British into a more American dialect is meant to be far more telling than the overt answer provided. Being conveyed here is the feeling that he is no longer a recent immigrant to the United States, but now a fully fledged American citizen who has embraced many American ideals; • Interactants have expectations regarding optimal levels of accommodation. These expectations are based on stereotypes about outgroup members as well as on the prevailing social and situational norms. Calibrating the amount of non-, under-, and overaccommodating one receives can be an important ingredient in continuing or withdrawing from an interaction; • Interactants use specific communication strategies (in particular, convergence and divergence) to signal their attitudes towards each other and their respective social groups. In this way, social interaction is a subtle balance between needs for social inclusiveness on the one hand, and for differentiation on the other. As this last principle was the original cornerstone of CAT and spawned many of the empirical studies flowing from it, we shall move to a discussion of convergence and divergence studies next”.



Muito importante, dentro de nossa argumentação específica, é a afirmação explícita da relação entre o comportamento acomodativo e as atitudes (linguísticas) que os falantes indicam possuir. Mais adiante, os autores explicam os principais mecanismos, ou estratégias, de acomodação: na *convergência*, os falantes “adaptam seus comportamentos comunicativos em termos de uma ampla gama de características linguísticas (...), paralinguísticas (...) e não-verbais (...) de modo a se tornarem mais similares ao comportamento de seu interlocutor” (p. 295). A *divergência*, como podemos supor, implicaria ações opostas: “[trata-se de] um acentuamento de diferenças de fala e não-verbais entre si e o outro” (*idem*). Além desses dois movimentos, os autores concebem uma terceira estratégia, que poderia ser definida como uma ação estática: a *manutenção*, em que “a pessoa persiste em seu estilo original, independente do comportamento comunicativo do interlocutor” (*ibidem*). Consideramos a manutenção, tal como descrita, como uma forma especial de divergência, já que nesse processo, no fundo, não se deixa de estar marcando uma diferença — ainda que, teoricamente, através da inação. Uma discussão mais localizada a respeito de distinções entre os dois processos pode ser vista na apresentação de trabalhos de campo pertinentes (seção 2.2). Cabe ainda fazer referência a outra noção colocada pelos autores: a de que “a convergência ou divergência [podem ser] ‘para cima’ ou ‘para baixo’ em termos de sua valência social” (*ibidem*)<sup>55</sup>. Com base em tais definições, discutiremos agora algumas situações e exemplos concretos e hipotéticos de acomodação.

É provável que, em uma primeira visão, os processos envolvidos na acomodação pareçam ser todos de claro entendimento e suas tendências sempre previsíveis. Por exemplo, poderíamos supor que, em uma interação entre um falante pertencente a um grupo socioeconômico privilegiado e outro pertencente a um grupo abaixo do seu nessa escala, este último se irá acomodar ao primeiro (ou seja, convergir ‘para cima’); e que um cliente em uma loja veria o atendente acomodar-se a seu estilo (a seu ‘sotaque’, à sua ‘língua’, a seu grau de formalidade, etc.); e, de fato, é a tais suposições que nos levam a lógica geral da teoria e os resultados de análises empíricas (Cf. BOURHIS *et al*, 1975). No entanto, já mencionamos acima a problemática das situações de pertencimento múltiplo e variável a diversos grupos sociais, que por si podem dar certa medida da complexidade envolvida em um processo de acomodação; e pode haver mais fatores em jogo.

---

<sup>55</sup> “adapt their communicative behaviors in terms of a wide range of linguistic (...), paralinguistic (...), and nonverbal features (...) in such a way as to become more similar to their interlocutor’s behavior.”; “leads to an accentuation of speech and nonverbal differences between self and the other.”; “a person persists in his or her original style, regardless of the communication behavior of the interlocutor.”; “the convergence or divergence is “upward” or “downward” in terms of its societal valence”.

Na verdade, a acomodação nem sempre é de fácil entendimento e aplicação universal. Por exemplo, as suposições de que *convergir* seria o processo lógico e desejável, e de que a acomodação ao recipiente seria sempre bem recebida por este, podem encontrar barreiras culturais, ou simplesmente contextuais diversas, que as contradigam. Devemos ter em mente que, em uma determinada escolha acomodativa, não se está negociando apenas a identidade do falante como indivíduo, mas de todo seu grupo — cuja situação frente a um outro grupo, representado pelo interlocutor ou interlocutores, poderá ser também variável: a acomodação observada na interação entre um canadense branco e um imigrante jamaicano em Toronto poderá ser diferente da acomodação observada entre indivíduos dos mesmos grupos etnolinguísticos que estejam interagindo em Kingston, Jamaica. Mais além, mudanças no contexto pragmático — seja em Toronto ou em Kingston — também poderão redundar em mudanças nas direções ou nos graus da acomodação.

Giles e Ogay (*op. cit.*) mencionam alguns casos nos quais a convergência pode ser tomada como negativa pelo recipiente. Em um caso pessoal, em que inclusive pode ser colocado em debate se o que ocorreu foi de fato convergência ou divergência (como discutiremos a seguir), este autor se encontrava em um restaurante no sul da França, conversando em Inglês com sua companhia, que o estimulava a desenvolver seu Francês. À chegada do garçom, este turista estrangeiro então tratou de fazer-lhe, nesse idioma, perguntas sobre certos detalhes do menu — com evidente hesitação em sua fala e prováveis traços de ‘sotaque’ estrangeiro, mas fora isso sem falhas lexicais ou sintáticas que pudessem truncar o entendimento por parte de um ‘nativo’, segundo a imigrante fluente em Francês que participava de forma secundária da interação. O garçom — evidentemente nascido na França — respondeu às perguntas em Inglês, e o resto da interação acabou ocorrendo exclusivamente nesse idioma. Embora encarado com normalidade pelo autor na ocasião, o fato foi, imediatamente após a saída de cena do garçom, comentado de forma bastante negativa por sua companhia, que esperava que o cidadão local “manifestasse empatia” pelos evidentes esforços do turista em falar a língua — o que, segundo ela, se efetuaría por meio da manutenção do Francês<sup>56</sup>. De fato, em situações análogas, é possível que a interpretação (por parte do recipiente da acomodação) seja a de que o interlocutor queira passar a mensagem de que seu domínio da língua (digamos, o Francês) seria tão precário que valeria mais a pena utilizar

---

<sup>56</sup> Não deixamos de notar como, curiosamente nessa situação, temos o estereótipo (corrente, ao menos anedoticamente, no mundo anglófono e também no Brasil e quiçá além) oposto do sujeito francês que, na comunicação com turistas estrangeiros em seu país, exigiria o uso do Francês.

aquela em que certamente teria mais proficiência (digamos, o Inglês) — ação que tem o evidente potencial de causar sentimentos negativos. Giles e Ogay (*op. cit.*) comentam situações recorrentes que manejam forças sociais mais profundas em casos semelhantes: por exemplo, em interações entre falantes de Espanhol (Castelhano) e de Catalão na Catalunha, em que os primeiros, ao convergirem para o Catalão dos interlocutores, recebem de volta o Castelhano — fenômeno cuja mensagem subjacente seria “não o reconhecemos como pertencente a este grupo, e portanto não deve utilizar ‘nossa’ língua”; e, do Japão, trazem a situação em que turistas ocidentais, ao buscarem convergir para o Japonês dos falantes locais, acabam geralmente recebendo de volta o Inglês.

Como indicado com relação à situação do Catalão (...), a intenção do falante japonês pode ser a de manter o traçado das fronteiras entre o grupo de dentro e o de fora. A tentativa por parte do falante não-nativo de falar Japonês pode ser percebida como uma ameaça à identidade japonesa. No entanto, outro motivo deve ser considerado: ao convergir para o Japonês, o falante não-nativo está privando seu interlocutor japonês da oportunidade de utilizar a muito estudada, porém [pouco utilizada] língua inglesa — um código com alto prestígio social na sociedade japonesa moderna (p. 301)<sup>57</sup>.

Foi através de considerações similares que este autor, em certas instâncias de interação com hispanos em Foz do Iguaçu ou no campus da UNILA, optou por manter o Português que recebeu na abordagem inicial — momento em que foi provavelmente visto como um (típico) brasileiro monolíngue nesse idioma. Divergir do Português recebido para convergir ao Espanhol do interlocutor (note-se como é discutível estabelecer o que de fato ocorre em casos análogos: converge-se, objetivamente, ao suposto idioma ‘nativo’ do interlocutor; mas, nessa mesma ação, diverge-se do idioma que este efetivamente utilizou) poderia causar, além de outros constrangimentos que já foram mencionados referentes a casos anteriores, a percepção de que eventuais falas em Espanhol pronunciadas imediatamente antes, e dentro do eventual grupo (de hispanos) ao redor, possam ter sido inadvertidamente e indesejavelmente ‘captadas’ pelo sujeito ‘de fora’.

Da mesma forma, ao dialogar em Inglês com turistas estrangeiros cuja língua ‘materna’ não seja essa, e que apresentem certas dificuldades de comunicação e/ou um forte sotaque estrangeiro na mesma, este autor tende a ‘simplificar’ seu Inglês de forma correspondente (objetivamente, aproximando-se de certos traços do ‘sotaque’ percebido e

---

<sup>57</sup> “As indicated with regard to the Catalan situation earlier, the intent of the Japanese speaker might be to sustain in-outgroup boundaries. The nonnative speaker’s attempt to speak Japanese might be perceived as a threat to Japanese identity. However, another motive has to be considered: By converging to Japanese, the nonnative speaker is depriving his Japanese interlocutor of the opportunity to use the much-studied but (little used) English language, a code with high social prestige in modern urban Japanese society.”

evitando formulações cuja gramática considere complexa, e/ou vocábulos que acredite estarem fora do domínio de um aprendiz que esteja no nível observado) acreditando que, por um lado, será assim melhor compreendido; e que, por outro, a manutenção de seu sotaque ‘nativo’, ou ‘seminativo’, poderia ser tomada como pedante em tal situação. Porém, ao mesmo tempo, também é levada em conta a possibilidade de que o interlocutor *perceba* a convergência realizada, e a receba como algo próximo a um insulto; como, praticamente, uma zombaria sobre sua própria maneira de falar. Como visto, a acomodação pode envolver considerações bastante delicadas, e produzir resultados bastante inesperados daqueles pretendidos inicialmente.

Um último exemplo retirado das experiências do autor (este, de segunda mão), e que confirma diversas ilustrações hipotéticas por parte de diversos autores da área (como os mencionados Giles e Ogay, que abrem o estudo em questão convidando a leitora a imaginar um diálogo entre vários indivíduos representantes de grupos sociais diversos), diz respeito às considerações sobre fronteiras entre grupos ‘de dentro’ e ‘de fora’, por parte de um imigrante latino-americano na Suécia em diversos contextos interativos. À pergunta do autor sobre seu grau de proficiência e eventual ausência de ‘sotaque’ estrangeiro no idioma Sueco, como um hispanofalante residente há muitos anos no país europeu, o sujeito — primo distante do primeiro — afirmou que poderia realmente expressar-se sem qualquer interferência do Espanhol ao falar Sueco; porém, muitas vezes *preferia* falar o idioma com um ‘sotaque’ tipicamente associado a imigrantes hispânicos: eram situações em que sentia que seria importante confirmar sua identidade étnica — e minoritária — frente ao grupo majoritário dominante. O sujeito relatou que, especialmente na companhia de outros imigrantes hispânicos, se sentia inclusive *compelido* a adotar o ‘sotaque’ ao dialogar com sujeitos ‘de fora’ que fossem suecos ‘nativos’, sendo que, estivesse ele sozinho, ou ao menos sem a companhia específica de hispânicos, utilizaria com os mesmos interlocutores o Sueco ‘sem sotaque estrangeiro’ que era capaz de falar. Em casos análogos, vemos como a divergência na acomodação (por exemplo, utilizar ‘Sueco com sotaque’ ao receber ‘Sueco sem sotaque’) pode servir para reafirmar a aliança a um determinado grupo quando estão presentes na interação membros desse mesmo grupo. Note-se que, em casos como o exemplificado, não se trata de manutenção de uma variedade específica por falta de competência em outra, mas de uma escolha bastante consciente do falante. É provável — como especulam teóricos que fornecem exemplos de situações semelhantes — que o uso da variedade ‘de fora’, especialmente quando a mesma é considerada ‘padrão’ e fortemente associada a um grupo etnolinguístico dominante, possa ser considerado como uma espécie de ‘traição’ pelos

membros ‘de dentro’ que estejam participando passivamente da interação — a não ser que os mesmos compreendam e aprovelem os porquês envolvidos na escolha.

Cabe agora abordar uma determinada questão que, potencialmente, deverá surgir quando a acomodação envolver duas variedades consideradas como línguas estabelecidas, sejam estas relativamente próximas entre si, de uma mesma família — como o Espanhol e o Português — ou mais distantes — como o Inglês e o Polonês. Suponhamos que nosso imigrante chileno na Suécia, ao conversar em Sueco com um ‘nativo’, utilizasse não (somente) uma variedade da língua ‘com sotaque’, mas que intercalasse, em suas falas, certos elementos — desde interjeições isoladas até sintagmas nominais inteiros — do Espanhol. No caso, estaria ocorrendo uma *alternância de códigos* (*‘code-switching’*, na literatura original inglesa), sobre a qual é necessário que nos debruçemos agora, com a devida atenção, a fim de caracterizá-la corretamente e marcar sua diferença com respeito a fenômenos semelhantes.

Labov (1971) teria sido um dos primeiros estudiosos a descrever com mais profundidade tal fenômeno ao transcrever as falas de seus sujeitos hispânicos que haviam emigrado para Nova York — em que, frequentemente, se veem orações formadas por sequências alternadas entre o Inglês e o Espanhol (que se caracterizariam como alternâncias de ordem intra-oracional; por exemplo, hipoteticamente, “*I don’t know qué pelotudez you are doing*”, em que um segmento em Espanhol — sublinhado — se interpõe à oração iniciada em Inglês, após o que se efetua a volta a esse idioma). Em Blom e Gumperz (1972), vemos principalmente exemplos de alternâncias ligadas ao contexto ou ao tópico da discussão, que mais frequentemente são de ordem *inter-oracional*. Voltando ao apoio hipotético do Inglês-Espanhol para fins ilustrativos, trata-se de algo que poderíamos exemplificar como “*The situation in this country has gone from bad to worse. Acá, en el pueblo, tenemos que unirnos todos.*”.

A alternância de línguas é descrita por Moreno Fernández como um fenômeno “no qual um falante realiza um uso alternado das duas línguas dentro do mesmo discurso, da mesma oração e inclusive de um mesmo sintagma, sem chegar a misturá-las” (2005, p. 211). Caso haja tal “mistura”, também caracterizada como “amalgama” pelo mesmo autor, teríamos um fenômeno diferente. Em mais detalhes, temos que

[a] alternância consiste na justaposição de orações ou fragmentos de orações de línguas diferentes no discurso de um mesmo falante. Neste fenômeno, cada oração está regida pelas regras morfológicas e sintáticas da língua correspondente. No momento em que se produz uma mudança de código estamos diante de um fenômeno condicionado por fatores funcionais e pragmáticos (entorno, participantes, tema de conversação), e para que seja produzido devem-se cumprir geralmente duas

condições: em primeiro lugar, que não sejam alternadas ou modificadas unidades dependentes (isto é, morfemas dependentes); e, em segundo lugar, que se produza em uma situação de equivalência, de tal forma que a ordem dos elementos que precedem e sucedem a alternância tenha que ser gramatical em ambas as línguas. (MORENO FERNÁNDEZ, 2005, p. 259)<sup>58</sup>.

Ao passar de uma língua para outra na qual não tenha alto grau de proficiência (por exemplo, ao buscar realizar uma convergência, nos termos aqui descritos), é possível que se produza, no discurso de um falante hipotético, o fenômeno recém-descrito; porém, pode ser mais provável que ocorram na verdade *interferências* de uma língua sobre a outra; uma ‘mistura’ mais propriamente dita, como o Jopará que descrevemos anteriormente, ou casos que se possam caracterizar como ‘interlíngua’<sup>59</sup>. Por diversas razões, é importante marcar a diferença entre casos assim e aqueles que envolvem o *code-switching* propriamente dito, já que a ‘mistura’ ou instâncias de interferência (que são diferentes, ainda, de variedades ou ‘sotaques’ associados a grupos étnicos ou nacionais) se dão, acima de tudo, pela falta de proficiência de uma determinada falante que, durante o discurso, possivelmente estará almejando a convergência total na língua em questão. A alternância de códigos pode significar algo para além de uma falta de proficiência (proficiência que a falante pode, na realidade, possuir), e é por essa razão que ambos os fenômenos devem ser devidamente caracterizados.

Lawson e Sachdev, em seus trabalhos nas ruas da Tunísia (1996; 2000), caracterizam o *code-switching* como uma das dimensões de acomodação, ao lado da (ou talvez possamos dizer ‘entre a’) divergência e a convergência. Tais trabalhos, que envolvem ao mesmo tempo a análise de atitudes, de identidades de grupo (étnico, nacional, genérico) e o fenômeno da acomodação comunicativa; e que utilizam, além do *matched-guise*, uma técnica de elicitação de dados semelhante à de Labov (1972) nas lojas de departamentos de Nova York, serviram como base para o trabalho semelhante que realizamos na região da TF (BOLIVAR, 2013), e

---

<sup>58</sup> La alternancia consiste en la yuxtaposición de oraciones o fragmentos de oraciones de lenguas diferentes en el discurso de un mismo hablante; en este fenómeno, cada oración está regida por las reglas morfológicas y sintácticas de la lengua correspondiente. En el momento en que se produce un cambio de código estamos ante un fenómeno condicionado por factores funcionales y pragmáticos (entorno, participantes, tema de conversación) y para que se produzca tienen que cumplirse generalmente dos condiciones: en primer lugar, que no se alternen o cambien unidades dependientes (esto es, morfemas dependientes) y, en segundo lugar, que se dé en una situación de equivalencia, de tal forma que el orden de los elementos que preceden y suceden al cambio ha de ser gramatical en ambas lenguas”.

<sup>59</sup> Nestes casos, podemos conceber tais ‘interferências’ em diversos níveis de uma língua. Por exemplo, tomando como base relações mútuas entre o Inglês e o Português, a ditongação de ‘certo’ (/’sértow/) por falantes anglófonos, ou a transformação de ‘ace’ em um dissílabo (/’eyisi/) por falantes lusófonos, poderiam caracterizar-se como instâncias de interferência em nível fonológico. Em um nível lexical, poderíamos assinalar usos de falsos cognatos (por exemplo, ‘eventually’ por ‘eventualmente’ e vice-versa); e, dentro da sintaxe, ‘inversões’ na ordem mais típica da colocação de adjetivos, ora prepostos, ora pospostos ao substantivo segundo a língua (por exemplo, “\*eu quero uma manga longa camisa” em Português, ou “\*I need a car taller” em Inglês).

que pode dar uma medida inicial a respeito das atitudes linguísticas sobre o Português e o Espanhol que circulam entre os falantes locais.

Passaremos agora à metodologia que empregamos neste trabalho, e que apresentaremos de forma detalhada, fazendo referências a diversos estudos que fizeram uso da mesma em graus e adaptações variados.

### 3.5 A metodologia do *matched-guise*

Se, na qualidade de pesquisadores, perguntarmos diretamente a um sujeito o que ele pensa a respeito da ‘educação’ de certo povo, ou da ‘honestidade’ de seu próprio grupo, em comparação à de membros de um outro grupo conhecido, e assim por diante, correremos o risco de obter respostas pouco espontâneas, em que as reais avaliações do sujeito poderão ser adaptadas ou até mesmo contraditas em seu discurso, caso desconfie dos propósitos da pesquisa e reflita sobre o que *deveria* ser dito a quem (afinal, é comum que a documentadora ou ao menos um membro da eventual equipe de pesquisa esteja presente, aplicando o questionário/entrevista): em tais situações, o ‘paradoxo do observador’ (LABOV, 1972) deverá influir fortemente; e, em maior ou menor grau a depender do sistema de coleta utilizado, emitir avaliações explícitas dentro do contexto descrito pode ser uma atividade sensível de sofrer alto grau de automonitoramento por parte do sujeito. Longe, porém, de descartarmos tais metodologias ditas ‘diretas’ de aferição de atitudes em nosso campo, acreditamos que sua aplicação é válida como um complemento necessário às metodologias ditas ‘indiretas’, que neste caso privilegiamos. A depender dos objetivos de certos estudos, comparar aquilo que o sujeito afirma (ou acredita ser socialmente aceitável declarar) com aquilo que o sujeito efetivamente pensa (assumindo que se chegue satisfatoriamente a isso) pode ser de importância central. A esse respeito, e quase que traçando uma metáfora entre diferentes tipos de metodologias, os dados obtidos por meio de um *matched-guise* poderiam ser equiparados ao vernáculo que é identificado no momento em que o documentador grava seu informante em falas mais ‘emocionais’ e destacadas de situações de formalidade. Suponhamos que em tais momentos a documentadora identifique, por exemplo, realizações de /r/ retroflexo na fala de sua informante. Posteriormente, ao perguntar-lhe de forma direta como pronuncia seus /r/ pós-vocálicos em determinadas palavras, e/ou como avalia pessoas que realizem o retroflexo, a pesquisadora poderá, por exemplo, identificar casos daquilo que Moreno Fernández (2005) chama de ‘insegurança linguística’: ou seja, sujeitos que afirmam não utilizar certos traços linguísticos que de fato

utilizam em sua fala (em geral, por avaliá-los negativamente). Lembremo-nos também de que trabalhos como os de Trudgill (1972; 1974) demonstraram como falantes ingleses do sexo masculino subavaliavam sua fala (ou seja, afirmam utilizar traços socialmente desprestigiados com maior frequência do que realmente o fazem — o que, provavelmente, traz indicações sobre um grau de prestígio encoberto), enquanto que, conversamente, falantes do sexo feminino superavaliavam a sua.

Tipicamente, os sujeitos participantes de um teste de *matched-guise* escutam gravações de monólogos curtos e, por meio de um roteiro de questões que pretendem enfocar determinados traços ou atributos pessoais de quem fala, lhes é pedido que avaliem ‘os falantes’ ou ‘as vozes’ em gravação (não há vídeo, já que qualquer apoio visual destruiria a metodologia) levando em conta seu próprio julgamento a respeito. A questão chave é que, ao longo do roteiro de gravações, todas as vozes a serem avaliadas aparecem ao menos duas vezes, utilizando ora uma variedade X, ora uma variedade Y — que podem ser línguas estabelecidas como diferentes, ou diferentes ‘sotaques’, por exemplo, se o objetivo for a aferição de atitudes sobre variedades regionais, sociais etc., daquilo que se reconheça como uma ‘mesma língua’. Para fins ilustrativos, digamos que sejam apresentadas à participante do teste as falas dos locutores A, B, C e D, sendo que cada um destes é gravado falando ora em ‘x’, ora em ‘y’, constituindo assim um total de oito gravações separadas: Ax, Ay, Bx, By, Cx, Cy, Dx, Dy. A participante do teste não deverá ser informada que um mesmo locutor fala em duas ocasiões, e o espaçamento que se recomenda observar entre as gravações provenientes de mesmo locutor trata de garantir a manutenção do segredo, que é vital para o sucesso do teste. Cada gravação terá seu falante avaliado em diversos quesitos a depender do desenho da pesquisa; quesitos estes que em geral são agrupados dentro de duas grandes dimensões, conhecidas como a de *status* e a de *solidariedade*, que buscaremos descrever agora.

Tradicionalmente, características como ser ou não ser (ou ser ‘mais’ ou ‘menos’) *jovem, alegre, tolerante, etc.*, são consideradas ‘de solidariedade’, enquanto que *rica, escolarizada, competente, etc.*, se consideram ‘de status’. A princípio, chegamos a compreender a primeira dimensão como composta por um conjunto de características *percebidas como* (o que não quereria dizer que de fato o sejam) ‘naturais’ à personalidade, sendo que ‘status’, por sua vez, englobaria um conjunto de características percebidas como (*idem*) ‘adquiridas’ pela pessoa em seu percurso social. No entanto, uma reflexão posterior nos fez ver que se tratava de um entendimento um tanto raso e escorregadio. Nos parece ser mais acertado conceber as duas dimensões como eixos de distâncias percebidas entre dois sujeitos: o *status* seria uma distância vertical, enquanto que a *solidariedade* envolveria o eixo



horizontal; em outras palavras, o *status* estaria mais atrelado a relações de poder, e a solidariedade manteria elementos de ordem mais afetiva. Se nos for permitida uma analogia que mobilize “os pronomes de poder e solidariedade” de Brown e Gilman (1960), vejamos que, em certas línguas, a escolha entre uma forma V (por exemplo, “a senhora”, no Português Brasileiro) e uma T (“você” ou “tu”, a depender do dialeto) para endereçar o interlocutor envolve ponderações verticais e horizontais que não consideramos de todo díspares das dimensões de status e solidariedade aqui discutidas. Por exemplo, um sujeito pode estar diante de outro que aparenta ter trinta anos a mais que si. Tipicamente, ao considerar esse fator de ordem vertical e realizar o endereçamento, utilizaria V. No entanto, fenômenos situados no eixo horizontal poderiam complicar essa escolha: talvez se trate de uma pessoa que seja, ou se tenha tornado, bastante íntima, de personalidade julgada como simples, amistosa, calorosa — o que pediria um tratamento em T. O mesmo conflito pode surgir ao longo de caminhos diferentes, até mesmo praticamente inversos: “é uma pessoa muito simples e informal; porém, é minha chefe, e estamos em uma situação de fala que evoca essa relação”.

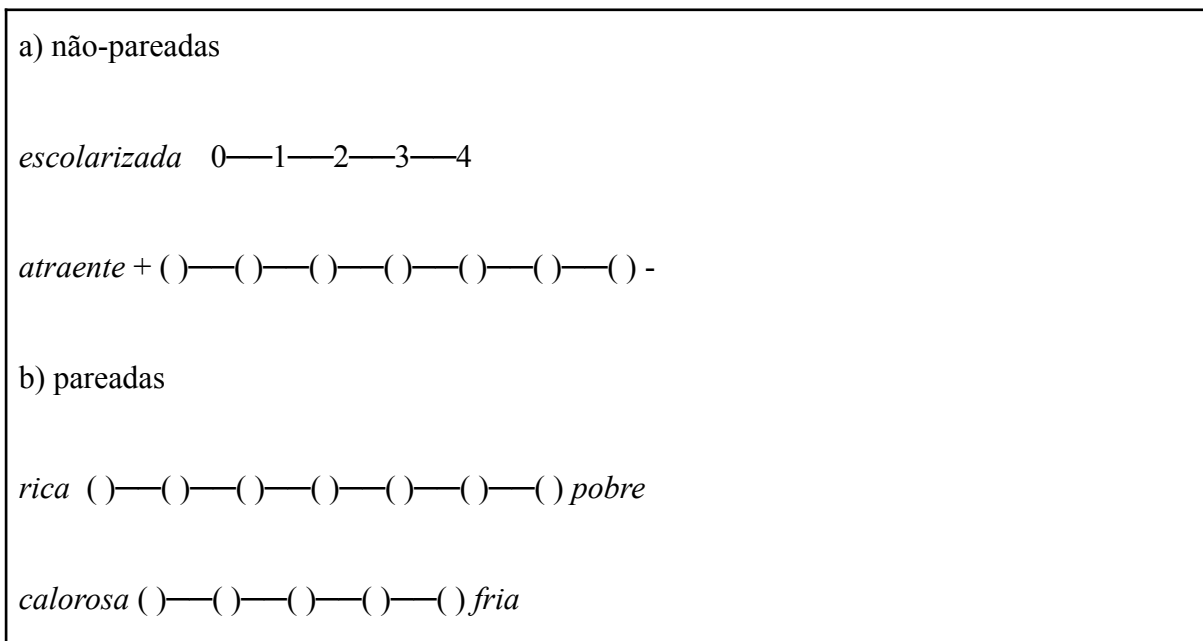
Outra questão que nos parece importante, na definição do que seja *status* e *solidariedade*, é que devemos, enquanto pesquisadores, estar de posse de um entendimento mais profundo acerca dos contextos social e cultural do *setting* da pesquisa. Por exemplo, Oushiro (2015, cujo estudo retomaremos mais abaixo) considera o atributo +- *alto* (que seria uma característica ‘natural’, não ‘adquirida’) como integrante da dimensão de *status*, tal como o fez Lambert (*op. cit.*) originalmente. No contexto de São Paulo, +- *branco* também entrou nessa dimensão, e até mesmo +- *caipira* recebeu a interpretação adequada para o contexto:

[P]ode-se considerar “caipira” como um tipo de identidade geográfica associado a certas partes do interior (e, possivelmente, como uma atribuição de status); atributos físicos como “alta” e “branca”, e outras características como “confiante”, “s sofisticado” e “patricinha/mauricinho” se relacionam com status; e traços como “religioso”, “ligado à família”, “confiável” e “descolado” se relacionam com a dimensão de solidariedade e dinamismo. (2015, p. 283).

Idealmente, aquilo que se considere ‘de status’ ou ‘de solidariedade’ não será apresentado sob essa rotulagem ao sujeito participante do teste: os traços ou atributos serão colocados em ordem mais ou menos aleatória dentro de escalas gradativas de ‘sim ou não’, de ‘mais ou menos’ ou afins (figura 6 - a, em que o sujeito deve avaliar a ‘força’ da característica ou proposição colocada, associando-a ao falante que acaba de ouvir); ou pareadas com algum outro traço ou quesito que se possa interpretar como seu oposto (figura 5 - b). É claro que tais

apresentações que consideramos ‘típicas’ poderão sofrer adaptações diversas, como veremos a seguir.

Figura 5: Exemplos hipotéticos de escalas gradativas em um teste de *matched-guise*.



O conceito de utilização de tais ‘pares opostos’ ou escalas bipolares (que, no caso de termos ou proposições isoladas, ainda estaria presente se considerássemos ‘sim’ e ‘não’ como os extremos da escala) foi desenvolvido — a exemplo da *teoria da acomodação* anteriormente descrita, e do teste de *matched-guise* em si — no âmbito da Psicologia Social por Osgood *et. al.* (1957), recebendo então a nomenclatura de *diferencial semântico* (no original, ‘*semantic differential*’), e objetivando, primordialmente, medir eventuais conotações evocadas por certos termos ou conceitos. As escalas originais utilizadas pelos autores continham sete pontos no total, com um ponto intermediário ‘neutro’, sendo que tal esquema pode ser considerado o mais utilizado atualmente em estudos de atitudes (com ou sem o uso de um teste de *matched-guise*); no entanto, podem-se encontrar, especialmente na literatura mais recente, consideráveis modificações a esse esquema original, por razões metodológicas ou contextuais diversas. Veremos alguns casos assim — em que se inclui o deste próprio estudo — ao longo do desenrolar desta discussão.

Na interpretação dos formulários, voltamos a chamar a atenção para a distinção entre as dimensões de ‘status’ e de ‘solidariedade’ (estabelecidas durante a concepção do teste de *matched-guise* por Lambert, 1960), sem a qual, muito provavelmente, teríamos uma percepção bastante nublada a respeito das atitudes e ideologias que certos grupos possam ter a

respeito de si e de outros. Por exemplo, se nos limitássemos a quantificar em conjunto a totalidade daquilo que considerássemos ‘negativo’ ou ‘positivo’, ou ‘menos’ e ‘mais’, dentre as atitudes expressadas em determinado teste ou questionário, poderíamos terminar com resultados muito próximos de um ponto central sem que isso lançasse muita luz sobre as questões que quiséssemos elucidar; algo como, por exemplo, “falantes X em determinada região têm atitudes ligeiramente mais negativas sobre o próprio grupo do que sobre o grupo de falantes Y”. Ao separarmos os quesitos entre as dimensões em questão, no entanto, poderíamos perceber que, por exemplo, o grupo avalia a si próprio de forma *muitíssimo mais negativa* dentro da dimensão de status, ao mesmo tempo em que se avalia de forma *ligeiramente mais positiva* dentro da dimensão de solidariedade, culminando em um resultado geral ‘ligeiramente mais negativo’ que, como dissemos, pode oferecer um panorama de visão curta sobre as crenças e ideologias prevalentes no contexto. A esse respeito, Reid (2012) problematiza, trazendo a proposta de quatro resultados gerais de avaliações que se obteriam no cruzamento das duas dimensões:

Mas por que as dimensões de status e solidariedade emergem de forma tão consistente? [A Teoria da Identidade Social] prevê que a causa raiz é a competição por status. Embora isto torne fácil enxergar por que grupos dominantes são avaliados como altos em status, é menos claro o porquê de também serem, às vezes, vistos como baixos em solidariedade. Ao abordarem essa questão, Fiske et al. (2002) propuseram que as dimensões de status e solidariedade emergem como uma função de duas considerações na percepção sobre o indivíduo. Primeiro, as pessoas querem saber se os outros são amigos ou inimigos (i.e., *cordialidade*, uma dimensão de solidariedade), e depois querem saber se são capazes de executar ameaças (i.e., competência, uma dimensão de status). Na verdade, a combinação dessas duas dimensões produz quatro tipos de estereótipos que correspondem às descobertas sobre atitudes linguísticas recém descritas. Pessoas em grupos dominantes, que são ameaças de status a pessoas em outros grupos, recebem estereótipos invejosos — são vistas como altas em competência e baixas em cordialidade (...); pessoas em grupos subordinados que não são ameaças de status recebem estereótipos paternalistas — são vistos como baixos em competência mas altos em cordialidade (...). Pessoas em grupos de status baixos, que são vistas como ameaças ao status de outros grupos (presumivelmente como sugadoras de recursos) recebem estereótipos desdenhosos — são vistos como baixos em competência e em cordialidade (...). Pessoas do mesmo grupo ou aliados próximos, no entanto, são avaliados como altos em ambas as dimensões e recebem estereótipos admiráveis. (2012, p. 22; tradução nossa, grifos do autor)<sup>60</sup>.

<sup>60</sup> “But why do status and solidarity dimensions emerge so consistently? SIT predicts that the root cause is competition over status. While this makes it easy to see why dominant groups are evaluated high on status, it is less clear why they also sometimes perceive themselves low on solidarity. In addressing this question, Fiske et al. (2002) proposed that status and solidarity dimensionsBut why do status and solidarity dimensions emerge so consistently? SIT predicts that the root cause is competition over status. While this makes it easy to see why dominant groups are evaluated high on status, it is less clear why they also sometimes perceive themselves low on solidarity. In addressing this question, Fiske et al. (2002) proposed that status and solidarity dimensions emerge as a function of two considerations in person perception. First, people want to know if others are friend or foe (i.e., *warmth*, a solidarity dimension), and then people want to know whether they are capable of carrying out threats (i.e., *competence*, a status dimension). In fact, combining these two dimensions produces four kinds

Perceba-se que, em tais testes, a 'juíza' participante terá apenas a materialidade de uma voz que fala em determinada variedade de língua como evidência para julgar os aspectos de status e de solidariedade que lhe forem apresentados; e se os mesmos locutores receberem avaliações consistentemente diferentes a depender do uso da variedade X ou Y, restará pouca dúvida de que a 'língua' ou o 'sotaque' que se coloca como fator distintivo é o que marca a diferença, já que a principal virtude desta metodologia é a de isolar fatores de possível interferência indesejada, como a qualidade específica de uma certa voz, ou demais características idiossincráticas de certos falantes. Para melhor ilustrar este ponto, imaginemos que determinado estudo buscasse medir as atitudes sobre o Guarani e o Espanhol em alguma cidade paraguaia, e o fizesse submetendo gravações de falas à avaliação de sujeitos, com a diferença (em relação ao *matched-guise*) de que seriam locutores gravados apenas uma vez ao longo do conjunto (por exemplo, locutor 'A' em Guarani; locutor 'B' em Espanhol; locutor 'C' em Guarani; locutor 'D' em Espanhol, e nada além disso). Suponhamos, então, que o locutor 'A' possua certos traços de fala que terminem sendo considerados desagradáveis por vários dos sujeitos (voz anasalada ou rouca; ritmo lento, ou o que seja). Tal fator interferiria de forma decisiva sobre as avaliações da língua Guarani como um todo no teste, levando a resultados pouco confiáveis. Porém, no caso de um *matched-guise* típico, o locutor 'A' também seria gravado em Espanhol; e, assim, a qualidade 'ruim' de sua voz não pesaria apenas para um dos lados. Se, mal avaliado como fosse, ainda assim sobressaísse consistentemente como 'menos pior' em uma das duas línguas, teríamos materialidade para argumentar a favor de uma diferenciação de atitudes com base na variedade de língua.

De qualquer forma, encontramos estudos que fogem em graus variáveis dessa disposição metodológica fundamental — alguns ao ponto em que deixariam de ser reconhecidos como usuários da técnica de *matched-guise* propriamente dita, já que os *guises* (ou seja, as vozes incorporadoras de sotaques/línguas) não teriam um *match* (um par). Se considerarmos o já citado estudo de Giles *et al* (1973) como suficientemente relacionado, em um tempo de experimentações diversas sobre a metodologia, poderemos colocá-lo como um exemplo desses casos: lembremo-nos de que, nele, temos gravações em que o locutor que

---

of stereotypes that correspond to the language attitudes findings just described. People in dominant groups that are status threats to people in other groups receive envious stereotypes — they are viewed as high in competence but low in warmth (...); people in subordinate groups that are not status threats receive paternalistic stereotypes — they are viewed as low in competence but high in warmth (...). People in low status groups that are perceived as a threat to the status of other groups (presumably as a resource drain) receive contemptuous stereotypes — they are viewed as low in competence and warmth (...). Ingroups and close allies, however, are evaluated high on both dimensions and receive admiration stereotypes.”

descreve uma cena, nos quatro *guises* elaborados, é sempre o mesmo (cabendo dizer que os sujeitos participantes foram também separados em quatro grupos, cada um dos quais ouviu o estímulo de apenas um dos *guises*; e, logicamente, as comparações entre as avaliações realizadas sobre estes só puderam ser realizadas em uma consideração intergrupos). Purnell *et al.* (1999), buscando principalmente dar materialidade empírica à questão da ‘discriminação auditiva’ (como uma dimensão para além da ‘visual’, de mais fácil comprovação), realizaram um trabalho em que um dos membros da equipe telefonou para sujeitos que anunciavam residências para alugar, simulando interesse nas mesmas. O mesmo pesquisador realizou três *guises* diferentes (Inglês Americano Padrão, Afro-Americano Vernacular e Inglês Chicano), telefonando para os mesmos proprietários espaçadamente, em cada um dos ‘sotaques’. Um teste de *matched-guise* cujo total de dez *guises* foi inteiramente elaborado com a voz de apenas um locutor masculino e uma locutora feminina é o de Lawson e Sachdev (2000) anteriormente mencionado. À diferença de Giles *et al* (*op. cit.*), este pode ser considerado um representante mais prototípico do teste, já que os sujeitos foram submetidos a todos os dez estímulos. Neste caso em particular, nos chama a atenção que o teste tenha funcionado como tal (ou seja, mantendo aos sujeitos o fundamental segredo dos estímulos pareados), dada a repetição quántupla das mesmas vozes em uma mesma sessão de aplicação. Seja como for, recordemos a noção básica de que atitudes sobre a língua são atitudes sobre o grupo que as fala; e que, portanto, sem que perguntemos diretamente à participante o que ela pensa a respeito de determinado grupo, e nem mesmo o que ela pensa a respeito da ‘língua’ de certo grupo, através de um teste bem elaborado conseguiremos obter respostas indubitáveis nesse sentido.

O teste foi desenvolvido dentro da Psicologia Social, e explorado de forma pioneira por estudiosos como Lambert *et al* (1960; 1967, envolvendo falantes bilíngues de Inglês/Francês no Canadá) e Giles (1971; 2010). Podemos encontrar um olhar mais atualizado sobre esta metodologia em Campbell-Kibler (2006), que realiza um amplo percurso teórico e compara diversos estudos conduzidos ao redor do mundo que empregaram um teste de *matched-guise*, seja na forma ‘clássica’ que aqui propomos, seja acrescido de modificações diversas (por exemplo, com o uso de manipulação eletrônica de vozes; colocando ao sujeito questões avaliativas que não utilizam uma escala típica entre termos relativamente antônimos; utilizando gravações de diálogos, em lugar de monólogos, etc.). Em sua própria pesquisa, desenvolvida a partir da técnica básica do *matched-guise*, a autora utilizou gravações de apenas quinze segundos — mais curtas que o usual — que foram manipuladas utilizando softwares como o PRAAT, já que seu foco de análise recaiu sobre uma questão fonológica

(atitudes sobre as realizações de /ɪŋg/ como [ɪŋ] e [ɪn] em duas variedades do Inglês Norte-Americano). Kircher (2016) discorre especificamente a respeito do uso de testes de *matched-guise* em pesquisas envolvendo comunicação intercultural, trazendo recomendações sobre a construção e a aplicação do teste.

No momento em que projetamos este trabalho, não tínhamos conhecimento de muitos estudos no Brasil, além daqueles de El-Dash e Busnardo (2001) e de Oushiro (2015) — os quais comentaremos em seguida —, a fazerem uso da técnica. A partir da segunda metade da década de 10, no entanto, notamos o surgimento de vários nesse âmbito — alguns dos quais poderemos citar aqui: por exemplo, Mendes (2018), Barcellos (2020), Sene (2022) e Silveira (2022), que concentram-se principalmente em traços fonéticos como características salientes de variedades (socio)dialetais para pesquisar atitudes sobre as mesmas. No primeiro estudo, por exemplo, o foco recai sobre a pronúncia de /e/ nasal (e também sobre a concordância nominal de número) como marcas que possibilitam ao pesquisador aferir percepções de ouvintes com respeito a masculinidade e feminilidade nas vozes de homens e mulheres. Barcellos (*op. cit.*) investiga associações entre a pronúncia alongada de /a/ nasalizado no dialeto paulistano e noções como inteligência, formalidade, escolaridade etc. Sene (*op. cit.*), a exemplo de Mendes (*op. cit.*), toma o construto “masculinidade” e o investiga como atributo percebido em vozes de homens — correlacionado aqui, em maior ou menor grau, aos fatores “duração de /s/ em posição de coda final” e “pitch” nessas mesmas vozes. Silveira (*op. cit.*), por sua vez, analisou percepções relacionadas à pronúncia variável de /r/ em coda, entre ouvintes de São Bernardo do Campo, SP — aos quais foi pedido que, além de associar tais variações a características individuais como “simpatia” e “sucesso”, também apontassem a provável origem regional das vozes ouvidas (em um contexto em que pronúncias retroflexas são consideradas como uma marca do falar local). Para além desses estudos, e como exemplo de um trabalho que não enfoca aspectos de ordem fonética, podemos citar Canever (2017): nessa ocasião, a pesquisadora investigou percepções sobre a competência de falantes do Português Brasileiro a depender da flexão do infinitivo (por exemplo: “usam o computador para *assistirem* a filmes”, em que há flexão, contrastado a “usam o computador para *assistir* a filmes”, sem flexão). Estes são apenas alguns exemplos de estudos recentes, de autoria de pesquisadores brasileiros, que utilizam a técnica que aqui enfocamos. De forma mais detalhada, agora, veremos alguns aspectos dos estudos anteriores que mencionamos acima: El-Dash e Busnardo (*op. cit.*) e Oushiro (*op. cit.*).

O trabalho das primeiras autoras enfocou as atitudes de adolescentes brasileiros, estudantes de línguas estrangeiras, com respeito ao Inglês (língua-alvo como aprendizes) e ao

Português (sua L1). Após a aplicação do teste central, os sujeitos foram separados em quatro grupos, de acordo com suas atitudes no que dizia respeito às dimensões de status e solidariedade: i) aqueles que favoreceram os *guises* em Português em ambas as dimensões; ii) aqueles que favoreceram o Português no status e o Inglês na solidariedade; iii) aqueles que favoreceram o Português na solidariedade e o Inglês no status; iv) aqueles que favoreceram os *guises* em Inglês em ambas as dimensões — grupo este que, contando com cerca de 36% do total de sujeitos, terminou sendo ligeiramente majoritário. Mantendo sempre em vista a identificação desses quatro grupos, as autoras realizaram análises em diversas outras frentes, incluindo a classe social dos sujeitos, sua eficiência em reconhecer corretamente a nacionalidade do locutor em cada um dos *guises*, entre outras. Como não se produziu nenhum padrão fortemente marcado com respeito às dimensões de status e solidariedade (seria esperado um valor mais alto para os *guises* em Português dentro da dimensão de solidariedade, e para os *guises* em Inglês na dimensão do status, levando-se em conta todo o contexto do Inglês como língua internacional de prestígio no Brasil), as autoras atribuíram os resultados inesperados a determinadas características do grupo pesquisado: como adolescentes, por um lado, ainda não teriam tomado contato prático com o prestígio do Inglês no mundo adulto (o que produziria os esperados julgamentos mais altos em status); e, quanto ao fato (mais “desconcertante”, para as autoras) de os *guises* em Português terem sido julgados aproximadamente à mesma altura que os *guises* em Inglês na dimensão da solidariedade, é colocada a hipótese de que a identificação não seria exatamente com falantes nativos de Inglês em si, “com os quais os adolescentes praticamente não têm contato imediato” (p. 71); mas que, em vez disso, “a solidariedade, neste caso, poderia indicar identificação com aquela comunidade imaginária construída a partir da cultura popular midiática, elaborada por grupos individuais — e cujo veículo, no Brasil, é a língua inglesa”. (2001:71-72; tradução nossa). Em estudos assim, que tratam de investigar atitudes e crenças dentro de um universo que envolve o ensino e a aprendizagem de línguas, são óbvios os seus impactos e potenciais contribuições para processos didático-pedagógicos específicos e para o planejamento geral do ensino por parte de órgãos competentes.

O estudo de Oushiro (*op. cit.*), que levou a cabo o (hercúleo) trabalho de descrever diversos traços que caracterizariam o Português Paulistano, bem como a própria capital paulista como uma comunidade de fala em si, analisou primeiramente os discursos metalinguísticos e a estratificação social relacionados a algumas variáveis nesse contexto, como a pronúncia variável de /r/ em coda silábica como tepe ou retroflexo, a pronúncia de /~e/ em segmentos como *entendendo*, a concordância nominal (e.g. *dois pastéis / dois pastel*)

e a verbal (e.g. *nós falamos / nós falou*), em um total de seis variáveis investigadas. Posteriormente, a autora elaborou um teste de *matched-guise* (a que chama ‘teste de estímulos pareados’<sup>61</sup>) com vistas a aferir as percepções sobre a pronúncia variável de /r/ como tepe e como retroflexo.

Entre as características inovadoras do teste em questão está o fato de ter utilizado, em sua composição, trechos de entrevistas — e não leituras de textos, como é mais usual — realizadas por quatro falantes (dois homens e duas mulheres). Tais trechos, com duração variável entre 15 e 20 segundos, foram escolhidos em razão de conterem pronúncias de /r/ em número e em contexto linguístico desejados (i.e. “*cada qual com 4 a 7 ocorrências de (-r) em coda silábica*” [p. 275]). Posteriormente, por meio de intervenção tecnológica, os mesmos falantes foram convidados a pronunciarem somente certas palavras-alvo, ora exclusivamente em tepe, ora exclusivamente em retroflexo, e estas foram acrescentadas às gravações originais com o objetivo de obter-se falas com pronúncia consistente e invariável dos róticos em cada caso. Com a montagem das falas ora em uma, ora em outra das versões, foram obtidos oito estímulos (dois para cada um dos locutores). Além de tais inovações, o formulário de avaliação relativo aos *guises* somente foi elaborado após a submissão das gravações à ‘avaliação livre’ de alguns sujeitos, os quais foram estimulados a produzir comentários diversos sobre quaisquer características dos falantes que lhes tenham chamado a atenção. Portanto, tais percepções iniciais de alguns sujeitos selecionados auxiliaram na escolha de atributos mais salientes a serem investigados mais formalmente durante a aplicação do teste propriamente dito.

O formulário a ser preenchido pelos sujeitos pode ser considerado bastante extenso: além de conter dez questões “*quantitativas*” do feitio mais prototípico, envolvendo certos atributos que o locutor pareceria ter (em uma escala que vai de ‘pouco’ a ‘bastante’), há também um conjunto de variáveis “*qualitativas*”, que fornecem múltiplas escolhas a questões que abordam a idade do locutor, a área da cidade em que residiria, etc. Além disso, uma terceira parte do formulário, de resposta não obrigatória, conteve ‘caixas de seleção’, com um novo conjunto de características — e.g. ‘branca’, ‘gay/lésbica’, ‘patricinha/mauricinha’ etc. — que simplesmente deveriam ser marcadas caso o sujeito as percebesse no *guise* em questão. O formulário se encerra com espaços para que o sujeito possa fazer eventuais colocações sobre o *guise* que não tenham sido contempladas no teste, que foi respondido por um total de 185

---

<sup>61</sup> Acreditamos ser esta uma possibilidade feliz para designar o teste em língua portuguesa. Moreno Fernández (2005) utiliza a nomenclatura ‘teste de pares ocultos’ em língua espanhola, que também acreditamos ser uma boa candidata a consolidar-se nas referências em Português. Neste trabalho, como visto, optamos por manter a nomenclatura original em língua inglesa.



participantes. Em um estudo tão amplo, em que tantas variáveis são analisadas levando em conta suas relações com outras, selecionamos um trecho dos comentários conclusivos da autora, com respeito aos resultados trazidos pelo *matched-guise*, que conduz a uma importante percepção sobre o tratamento de dados que possam indicar correlações entre variáveis linguísticas e variáveis sociais:

Até este ponto, demonstrou-se que as variantes de (-r) se correlacionam significativamente, na percepção dos ouvintes, com o grau de paulistanidade, sotaque, centralidade do bairro, formalidade, escolarização, classe social, e atributos como “caipira”, “simples”, “articulada” e “sofisticada”. Ao mesmo tempo, viu-se que certas correlações esperadas inicialmente não se mostraram significativas – por exemplo, a associação de tepe com “alta” ou “patricinha/mauricinho”, ou do retroflexo com “solidária”, “ligada à família” e “mais amigável”. Verificou-se, em especial, uma ampla variabilidade nas respostas, para todas as variáveis. Os resultados sugerem que, longe de estar diretamente associadas com essas características, as variantes de (-r) interagem com uma rede de significados ideologicamente relacionados entre si, a partir dos quais os ouvintes realizam inferências sobre o falante. (2015, p. 307-08).

É por esse motivo — por ter identificado essa rede de significados interrelacionados — que a autora faz uma crítica a certas análises mais típicas de vertentes variacionistas que incluiriam associações diretas (e rasas, simplistas) do tipo “o retroflexo é masculino, o tepe é feminino” e similares. De fato, segundo Eckert (2008), o principal problema de tratamentos assim é que, em seus paradigmas, perde-se de vista o que frequentemente ocorre com a estratificação de variáveis em um quadro mais amplo; *i.e.*, que se distribuem com a mesma regularidade através de categorias sociais diversas, como gênero, classe social, grupo étnico etc. Daí, para a autora, o significado de variáveis linguísticas “não é preciso ou fixo, mas constitui um campo de significados potenciais — um *campo indexical*, ou constelação de significados ideologicamente relacionados” (Eckert, 2008, p. 453; grifos da autora, tradução nossa)<sup>62</sup>.

Optando, então, por representar graficamente os campos indexicais propostos no trabalho em um esquema de árvores de distâncias mínimas (no caso, entre o tepe e o retroflexo), Oushiro (*op. cit.*) explica que “a árvore permite inferir, de modo mais confiável e menos impressionístico, quais termos são relativamente mais associados entre si e as possíveis rotas de associação que conduziram os ouvintes no preenchimento do questionário” (p. 313). Além disso, explica que

---

<sup>62</sup> “the meanings of variables are not precise or fixed but rather constitute a field of potential meanings – an indexical field, or constellation of ideologically related meanings”.

[a] conexão entre todos os termos da árvore mostra que é possível se chegar a qualquer um deles, mas com diferentes probabilidades de associação. O termo “articulada”, por exemplo, encontra-se próximo ao centro da árvore, quase “a meio caminho” entre o tepe e o retroflexo, embora um pouco mais próximo do primeiro; isso explica a correlação observada anteriormente com o tepe, ao mesmo tempo que permite compreender por que o termo também foi frequentemente assinalado quando se ouviu o retroflexo. Por outro lado, o termo “caipira” se encontra mais próximo apenas de retroflexo, “sotaque” e “simples”, e bastante distante do tepe, o que explica sua forte correlação com o retroflexo, ainda que assinalado menos frequentemente do que “articulada”. (2015, p. 314).

Ainda que nosso estudo não envolva o mesmo número de campos indexicais e trabalhe com variáveis sociais menos diversificadas, comparativamente ao estudo de Oushiro (*op. cit.*), levaremos em conta tais observações sobre o tratamento de dados no momento de lançarmos análises mais profundas sobre os coletados na Tríplice Fronteira. A seguir, apresentaremos as peculiaridades do teste de *matched-guise* que foi elaborado e aplicado na região.

## 4. METODOLOGIA

Aqui, na descrição do teste que foi elaborado para a coleta de dados na TF, dialogaremos diretamente com alguns dos trabalhos apresentados na seção anterior. Devido a suas características, este *matched-guise* pode ser considerado como um representante mais prototípico no âmbito da metodologia, embora, como veremos, conte com suas especificidades.

### 4.1 Projeção e elaboração do teste de *matched-guise*

Quando decidimos elaborar um teste que pudesse apontar eventuais atitudes sobre o Português (PT) e o Espanhol (ES) na região da TF, acreditamos que um *matched-guise* adequado ao contexto seria de muito fácil elaboração. Essa crença se firmou, por sua vez, principalmente na concepção de que não haveria qualquer dificuldade em recrutar falantes bilíngues PT-ES que pudessem ceder suas vozes para elaborar os vários conjuntos de *guises*/estímulos nas variedades regionais dessas línguas — afinal, em nosso ambiente de trabalho (cf. seção 1.1), não faltavam falantes que, em um primeiro olhar, transitariam sem qualquer dificuldade entre as mesmas. Em meio aos grupos de alunos universitários, e/ou talvez também entre docentes, selecionaríamos quatro ou seis colaboradores que pudessem efetuar a leitura de dois parágrafos curtos. Tal crença inicial encontrou, no entanto, muitos obstáculos na prática. A elaboração do teste, que dentro da mirada ingênua levaria dois ou talvez três dias, chegou a consumir os mesmos números em meses. De início, ao escrever esta tese, havíamos projetado uma descrição detalhada e meticulosa de todos os caminhos e descaminhos dos processos de elaboração e aplicação do teste: os percalços, as reformulações, as correções, as reaplicações etc. No entanto, entendemos depois que tais narrativas poderão ser tediosas e, além disso, se encaixariam mais confortavelmente no espaço de um manual de metodologia e condução de estudos de campo — não tanto em um texto como o atual. Dessa forma, decidimos dedicar mais atenção aos fatos concretos, aos resultados e às discussões mais pertinentes. Começaremos com o processo de concepção geral do teste.

Decidimos empregar dois falantes (a que chamaremos ‘locutores’) do sexo masculino e dois do sexo feminino para elaborar um total de oito estímulos a serem avaliados pelos participantes. A esse conjunto inicial, decidimos adicionar a princípio um, e depois efetivamente dois, estímulos extras, produzidos por dois outros locutores (o que implicaria que seriam estímulos ‘avulsos’, sem pares correspondentes), com o simples intuito de garantir

um maior espaçamento entre duas gravações produzidas por um mesmo locutor e dificultar, assim, um eventual reconhecimento de tal duplicidade por parte do sujeito (o que implicaria em prejuízo metodológico — sendo que, caso tal suspeita ou certeza de identificação nos fosse apontada pelo sujeito, lhe confirmaríamos a verdade dos fatos e descartaríamos seus dados). Tais gravações ‘extras’ são às vezes utilizadas nos testes afins (cf. seção 3.5) com essa exata função, e costumam ser chamadas de ‘distratoras’. Necessitaríamos, portanto, de um total de seis locutores — três de cada sexo, já que os ‘distratores’ também deveriam equilibrar essa variável.

Uma vez estabelecido o número de gravações que deveriam compor o teste, a próxima questão seria como organizá-las em uma sequência fixa de apresentação, de modo a tirar o máximo de proveito das características únicas da metodologia. Com isso em mente, decidimos organizar as gravações na ordem que se vê abaixo (figura 6), em que os quatro locutores cujas avaliações seriam efetivamente contabilizadas são identificados como M1 (locutor ‘1’ do sexo masculino), M2 (locutor ‘2’ do sexo masculino), F1 (locutor ‘1’ do sexo feminino) e F2 (locutor ‘2’ do sexo feminino). Os distratores estão identificados como Df (distrator do sexo feminino) e Dm (distrator do sexo masculino). Df foi gravado somente em Português, e Dm foi gravado somente em Espanhol. A preocupação principal a pautar o estabelecimento da ordem específica foi no sentido de buscar o rompimento de qualquer padrão sequencial que pudesse ser mais prontamente reconhecido pelos sujeitos e/ou que pudesse impactar negativamente a metodologia de alguma outra forma. Por exemplo, acreditamos que colocar todas as gravações em uma das línguas primeiro, seguidas por todas as gravações na outra, terminaria convidando uma muito indesejável percepção de que o teste trabalharia com esse enfoque; e, além disso, poderia ocasionar uma ‘desigualdade de condições’ entre a língua que fosse apresentada primeiro e a que fosse apresentada por último<sup>63</sup>. Como se pode ver, sequer intercalamos gravações entre E e P: nessa dimensão, realizamos um embaralhamento que — esperamos — deve ter contribuído para dispersar qualquer eventual tentativa consciente ou subconsciente do sujeito de estabelecer um nexo entre as gravações. A única sequência mantida — e, mesmo assim, separada pelos distratores — é a ordem entre F1, M1, F2 e M2, que se repete entre as duas metades do conjunto. Da mesma forma, há um intercalamento entre gravações de vozes femininas e de vozes masculinas, que decidimos manter por não o julgarmos problemático.

---

<sup>63</sup> Em que termos, exatamente, ainda não poderíamos afirmar com segurança; mas hipotetizamos que o sujeito poderia estar mais entediado ao final do teste, e talvez as avaliações da segunda metade poderiam terminar sendo realizadas com menos comprometimento.

*Figura 6: Ordem das gravações do teste de matched-guise.*

(1)F1E – (2)M1P – (3)F2E – (4)M2E – (5)DfP – (6)DmE – (7)F1P – (8)M1E – (9)F2P – (10)M2P

A segunda questão a ser abordada seria, então, a do conteúdo das gravações. Decidimos — em consonância com os testes mais tradicionais, apresentados anteriormente — realizar gravações de leituras. Dessa forma, poderíamos dizer aos participantes, explicitamente, que os mesmos estariam avaliando as impressões que cada falante transmitiria ao efetuar a leitura de certo tipo de texto. Esperamos que, dessa forma, o participante se veria um pouco menos como ‘sujeito’ e um pouco mais como ‘avaliador de sujeitos’ — algo muito favorável dentro dos pressupostos da metodologia. Restaria então estabelecer o gênero textual a ser lido. Nesse intuito, percorremos diversas possibilidades até que, finalmente, decidimos desenvolver nosso próprio conjunto de textos nas duas línguas. O conteúdo de tais textos seria o mesmo na essência (*i.e.*, instruções sobre como chegar a determinada localidade fictícia), e seriam *equivalentes* entre o Português e o Espanhol, sem que, no entanto, envolvessem traduções literais entre as línguas (para evitar problemas como a fadiga auditiva, entre outros já vislumbrados). Vejamos exatamente como.

Criamos, para esse propósito, textos curtos, a serem lidos idealmente entre 50 e 60 segundos, com o cuidado de eliminar a menção a qualquer nome próprio que pudesse ser uma referência real para moradores da TF. Mais além, evitamos qualquer simples referência a certos tipos de ambientes naturais ou situações de deslocamento que — acreditamos — poderiam, em si mesmas, evocar positividade ou negatividade aos sujeitos: por exemplo, ‘praia’, ‘montanha’, ‘neve’, ‘avião’, ‘cruzeiro’, ‘carnaval’, etc. Em suas versões finais, os textos (ver figuras 7 e 8) contêm instruções mais ou menos precisas que mencionam apenas meios de transporte urbanos e certas atrações mais prontamente associadas a cidades grandes, sem que seja possível relacionar, no mundo, um único referente exato que permita ao ouvinte situar-se de forma segura ao ouvir os textos.

*Figura 7: Texto em Português, lido pelos quatro locutores que compuseram o conjunto principal do teste.*

*Para visitar o museu, é necessário primeiro fazer a reserva no site, no endereço oficial da instituição. A região do museu é servida por várias linhas de ônibus: por exemplo, as linhas 50 e 80, que saem do Centro; a linha 20, que sai da zona norte, e as linhas 30 e 90, que saem da zona*

*sul. Também é possível pegar tanto a linha 1 como a linha 2 do VLT, desembarcando na Estação da Ciência. Existe a opção de visitas guiadas para grupos de no mínimo 4 e no máximo 20 pessoas, com agendamento prévio. O museu oferece diversos tipos de descontos segundo a categoria do visitante. Nas proximidades, também é possível visitar a Galeria Nova, além da Praça dos Expedicionários, que está em frente ao museu e oferece diversas opções de lazer.*

*Figura 8: Texto em Espanhol, lido pelos quatro locutores que compuseram o conjunto principal do teste.*

*Para llegar a la Plaza Mayor, desde el hotel, hay tres opciones. La manera más rápida sería en taxi, que tomaría aproximadamente 30 o 40 minutos. El problema sería el costo, y además, si se trata de ciertos horarios, como por ejemplo alrededor de las 8 de la mañana o las 5 de la tarde, hay mucho tráfico y quizás valga la pena buscar otras opciones. La línea roja del metro está a tres cuadras del hotel, en la calle 12. Tomando el metro, dirección Centro, hay que bajar en la estación Libertad y hacer la combinación con la línea verde. Luego, bajar en la tercera estación, que es la Plaza Mayor. Cerca de la plaza, hay muchos museos (como el Nacional y el Arqueológico), centros de compras, y también el Palacio Nacional, que se puede visitar todos los sábados y domingos en visitas guiadas.*

Ao apresentarmos o teste aos sujeitos (processo que será descrito em detalhes mais adiante), informamos aos mesmos, de antemão, que “haveria repetições de alguns dos textos, que seriam lidos por sujeitos diferentes”. Como o conjunto conta com a presença de duas gravações distratoras, as aproveitamos em uma função extra: além de espaçar as duas metades do conjunto principal a ser efetivamente avaliado, serviriam para atenuar uma eventual fadiga auditiva. Acreditamos ter atingido esse objetivo ao criarmos outros dois textos, a serem lidos exclusivamente pelos locutores ‘distratores’ (figuras 9 e 10).

*Figura 9: Texto em Português, que compõe uma das duas gravações ‘distratoras’ do teste.*

*Para chegar à Praça da Independência, saindo do hotel, é necessário caminhar duas quadras e pegar o ônibus número 15, na parada que vai estar logo à direita, na esquina com a Rua Dois. Esse ônibus passa por todo o bairro, chega até o centro e para no terminal. Chegando ao terminal, é necessário pegar outro ônibus, número 10, que vai até o Bairro Alto. Não é preciso pagar uma nova passagem nesse caso. Depois de mais ou menos dez paradas, ou quarenta minutos, a Praça da Independência vai aparecer. Ela tem uma parada exclusiva. As feiras funcionam aos domingos, manhã e tarde, e também nas quartas à tarde. Os produtos vendidos ali são bastante variados, podendo ser encontrados alimentos, artesanato, livros, roupas e muitos outros. É uma região turística bastante popular.*

*Figura 10: Texto em Espanhol, que compõe uma das duas gravações ‘distratoras’ do teste.*

*Para llegar a la zona portuaria, saliendo de la Catedral, hay que caminar diez cuadras hacia el sur por la avenida. El lugar, que antes no formaba parte de la ruta turística de la ciudad, pasó por todo un proceso de amplias reformas y reconstrucciones a mediados de la década del 90, y ahora es bastante popular entre turistas de todo el mundo, sobretudo por sus cafés y restaurantes, además del Museo de la Armada. Si uno está en la terminal central y quiere conocer esta zona, podrá ir en tren – el número 7 – y bajar en la terminal sur. Se puede decir que la zona portuaria empieza oficialmente en ese mismo sitio, y se descubre mientras se va caminando hacia el oeste. Otra opción sería tomar el colectivo 15, bajar en la Plaza República, y desde ahí tomar el colectivo 12, que va directamente al puerto viejo.*

Os textos — antes mesmo de realizadas as gravações — foram submetidos a colegas argentinos, paraguaios e brasileiros residentes na TF, com o pedido de que os avaliassem quanto à sua naturalidade dentro das variedades específicas, e também — principalmente — que indicassem se neles haveria trechos ou referências que fossem problemáticos no sentido de evocar algum referente real possível. Nesse sentido, foram realizadas algumas correções e certos termos foram descartados em favor de outros, ‘mais genéricos’.

O processo de gravação foi uma das etapas que encontrou as maiores dificuldades. Talvez isso se tenha devido à meticulosidade do autor durante a busca por pares ‘perfeitos’ entre a variedade do Português e a variedade do Espanhol que cada voz deveria representar. De qualquer forma, certos detalhes, por mínimos que aparentassem ser, não poderiam passar por alto: por exemplo, uma prosódia ‘brasileira’ em uma fala em Espanhol; uma pronúncia de [e] e/ou de [o] quando a variedade local do Português pediria [ɛ] e/ou [ɔ], e assim por diante.

Conforme foram surgindo tais dificuldades, chegamos a conceber a ideia de construir dois ou até mesmo três conjuntos de gravações distintos: em um deles, a ser aplicado a sujeitos brasileiros, todos os locutores seriam brasileiros bilíngues do Oeste Paranaense, cujas eventuais interferências (mínimas) de ‘sotaque’ estrangeiro no Espanhol poderiam passar despercebidas pelos sujeitos. Da mesma forma, deveríamos construir um outro teste a ser aplicado a sujeitos hispanos (em geral), cujos locutores seriam todos argentinos e paraguaios da TF, com as mesmas considerações envolvendo sotaques e atitudes. Poderíamos, inclusive, construir um teste específico a ser aplicado exclusivamente a argentinos e outro a ser aplicado somente a paraguaios, seguindo as mesmas considerações. A construção tripla chegou a ser projetada, mas levamos em conta eventuais questões teórico-metodológicas que, em um caso assim, poderiam enfraquecer algumas das conclusões finais do trabalho (por exemplo, o fato de que as avaliações se dariam sobre diferentes locutores através dos testes intergrupos), e decidimos insistir mais um pouco na busca por falantes ideais. De qualquer forma, em meio a tais considerações, nos demos conta de que um teste unificado deveria contemplar ambas as

variedades espanholas da TF (a argentina *misionera* e a paraguaia), que, embora possam ser consideradas muito próximas entre si, são distinguíveis pelos próprios falantes, conforme verificamos informalmente (ao pedir opiniões a respeito e, posteriormente, a reproduzir algumas das gravações já efetuadas à apreciação de colegas de ambos os países). Dessa forma, nossa tarefa se tornou ainda mais desafiadora: teríamos que conseguir um locutor de cada sexo que transitasse ‘sem interferências’ entre o Português do Oeste do Paraná e o Espanhol Paraguai, e novamente outro par de locutores que transitasse da mesma forma entre o Português local e o Espanhol *Misionero* (ou, ao menos, alguma variedade relativamente próxima ou reconhecida como ‘neutra’ entre as argentinas: um ‘sotaque’ portenho, por exemplo, estaria fora de questão). Com essa configuração, poderíamos verificar se haveria alguma diferença na maneira como os sujeitos hispanofalantes avaliariam o próprio grupo frente a brasileiros, em comparação a suas avaliações sobre o outro grupo hispano também frente a brasileiros (note-se que, de qualquer forma, as conclusões que poderíamos traçar aqui seriam mais fracas do que seria o caso em um *matched-guise* que envolvesse locutores que transitassem sem ‘sotaque’ entre *todas as três variedades*: o Português do Oeste do Paraná, o Espanhol Paraguai e o Espanhol Argentino<sup>64</sup>). Da mesma forma, poderíamos verificar se sujeitos brasileiros julgariam variedades paraguaias diferentemente das variedades argentinas — observadas as mesmas restrições de escopo — que talvez pudessem identificar de forma consciente ou abaixo da consciência, segundo sua experiência individual.

Finalmente, em que tivessem pesado todas as restrições autoimpostas, conseguimos encontrar falantes de ambos os sexos que realizaram de maneira satisfatória os *guises* Brasil-Paraguai, e alguns falantes do sexo feminino, apenas, para o caso de Brasil-Argentina. Faltava o preenchimento de uma das instâncias: uma voz masculina que realizasse o último par de variedades. Esgotadas as inúmeras buscas e tentativas nesse sentido, este autor decidiu obter orientações metodológicas que lhe autorizassem a utilizar *sua própria voz*, eletronicamente alterada, para suprir essa lacuna. A alteração se daria no *pitch* (grave/agudo) da voz, de forma a, idealmente, distanciá-la da original a tal ponto que uma identificação não seria (tão) possível. Ao ser recebida uma recomendação positiva a esse respeito, procedemos de imediato às gravações. Para efetuar as alterações mencionadas, utilizamos os recursos gratuitos de mudança de voz oferecidos online pelo site ‘*Online Tone Generator*’<sup>65</sup>, que, em tradução nossa, permite que o usuário “mude o pitch de arquivos de áudio (em formato mp3

<sup>64</sup> Pudemos encontrar apenas *uma* falante (uma egressa da UNILA) com essa capacidade, segundo nosso julgamento.

<sup>65</sup> Disponível em <<http://onlinetonegenerator.com/pitch-shifter.html>>.



ou wav) sem afetar o tempo”<sup>66</sup>, além da possibilidade de efetuar outros tipos de mudanças. A preocupação que envolveu esta medida tem a seguinte raiz: este pesquisador, idealmente, estaria presente a todos ou praticamente todos os momentos de aplicação do teste — interagindo com os sujeitos tanto informalmente quanto de forma oficial, ao efetuar a leitura de documentos e instruções referentes à pesquisa. Dessa forma, seria altamente improvável que sua voz inalterada não fosse identificada nas gravações, com os evidentes impactos negativos sobre o teste; e, além disso, *ambos* os estímulos gravados pelo pesquisador teriam chance de ser identificados, o que poderia levar à descoberta de todo o mecanismo do teste em momento inoportuno. Decidimos, assim, baixar o *pitch*: ou seja, tornar a voz mais grave. Após algumas experimentações, optamos por deixá-lo em 92.88% para ambos os *guises* do pesquisador, em uma escala em que 100% significa a não-alteração de *pitch*, e qualquer valor acima de 100% torna mais aguda a voz. O resultado nos pareceu ao mesmo tempo natural e distante o suficiente da voz original de modo a dificultar sua identificação. A fim de comprovar a eficácia da operação recém descrita e nossas próprias impressões individuais, reproduzimos a gravação em Espanhol para quatro colegas naturais de Misiones, separadamente; e a gravação em Português para outros quatro naturais do Oeste do Paraná, de forma igualmente individual. Aos do primeiro grupo perguntou-se “a qual país parecia pertencer a variedade de Espanhol da gravação”, ao que todos responderam “Argentina”. Uma segunda pergunta, a respeito da região específica dentro do país apontado, produziu as seguintes respostas: 1) ‘talvez Misiones’; 2) ‘Misiones’; 3) ‘não sei’, e 4) ‘neutro’. Finalmente, o pesquisador revelou que se tratava de sua própria voz alterada, e perguntou se os sujeitos se haviam dado conta do fato. Três responderam que não, e um disse que lhe pareceu que sim, embora tivesse admitido que a própria situação da apresentação em si, mais do que algo que houvesse objetivamente identificado na fala gravada, pudesse ter levado a essa suspeita. Com respeito aos quatro colegas do Oeste Paranaense, a pergunta foi, diretamente, sobre qual “lugar do país” parecia pertencer a variedade de Português da gravação. As respostas obtidas foram: 1) ‘do Paraná’; 2) ‘do Sul’; 3) ‘do Paraná’, e 4) ‘de Curitiba’. Novamente, o pesquisador revelou aos sujeitos de que se tratava de sua própria voz alterada, perguntando em seguida se a identificação se havia dado. Neste último grupo, ninguém respondeu afirmativamente. De posse de tais percepções informalmente coletadas, acreditamos que os *guises* alterados serviriam aos propósitos do teste: a identificação com a variedade misionera do Espanhol pode ser tida, talvez, como ‘moderada’, já que o autor não é natural da região e teve que esforçar-se para conseguir a aproximação; porém, é importante o

---

<sup>66</sup> Idem, acessado em 23/09/2020.

fato de que não tenha chamado a atenção no sentido de chegar a ser apontada como pertencente a alguma outra região argentina ou — como pior seria — estrangeira. A possibilidade de identificação da voz como pertencente ao pesquisador também nos pareceu pequena, a julgar pelos resultados. Sendo assim, incorporamos tais *guises* ao conjunto, como a melhor possibilidade dentre todas as várias que havíamos coletado e testado anteriormente ao longo dos meses de buscas.

Levando em conta os dialetos regionais do Espanhol representados no conjunto, poderemos rerepresentar a sequência do *matched-guise*, alternativamente, da maneira que se vê a seguir (figura 11), em que as variedades são representadas como B (Português Brasileiro - Oeste do PR), A (Espanhol Argentino - Misiones) e P (Espanhol Paraguaio):

*Figura 11: Ordem das gravações do teste de matched-guise, levando em conta as variedades regionais das línguas: B (Português Brasileiro - Oeste do PR), A (Espanhol Argentino - Misiones) e P (Espanhol Paraguaio).*

(1)F1P – (2)M1B – (3)F2A – (4)M2A – (5)Df – (6)Dm – (7)F1B – (8)M1P – (9)F2B – (10)M2B

Resta agora apresentar o formulário que elaboramos como o instrumento primordial para a coleta dos dados desta pesquisa: acreditamos que seria de fácil entendimento, e seu preenchimento — com interpretações explícitas de níveis de acordo e desacordo, conforme se vê na figura 12 — teria pouco potencial de gerar dúvidas, mesmo entre sujeitos pouco familiarizados com tais dinâmicas.

*Figura 12: Excerto da primeira página do formulário recebido, em cópias, pelos sujeitos participantes do matched-guise.*

#### GRAVAÇÃO 1

	Concordo totalmente	Concordo em parte	Discordo em parte	Discordo totalmente
Esta pessoa parece ser amigável				
Esta pessoa parece ser inteligente				
Esta pessoa parece ser honesta				

Esta pessoa parece ser rica				
Esta pessoa parece ser atraente				
Esta pessoa parece ser competente				

Note-se que, à diferença dos formulários com escalas bipolares mais típicas, tais como as que apresentamos na seção 3.5, o nosso não apresenta um ponto intermediário: ou seja, no ato do preenchimento o sujeito *deve* decidir entre o acordo ou o desacordo<sup>67</sup>, embora tenha a opção de registrar um nível ‘forte’ ou um ‘fraco’, segundo o caso. Tal orientação nos foi dada em comunicação pessoal com uma pesquisadora experimentada em tais testes, com a justificativa de que a tendência ao preenchimento do ‘ponto-do-meio’, em detrimento a todos os demais, mostrava-se bastante grande em formulários semelhantes. Percebemos de imediato o valor de tal orientação e suprimimos a coluna intermediária que originalmente havíamos concebido: ao ver-se ‘forçado’ a decidir entre acordo ou desacordo, acreditamos que o sujeito colocará mais atenção à tarefa e, em uma situação de dúvida, mobilizará recursos vários — incluindo, talvez, até construções e conceitos geralmente mantidos abaixo do nível de consciência — que lhe permitirão, enfim, marcar sua resposta dentro de um dos dois lados em questão.

Finalizado dessa forma o histórico da elaboração do teste de *matched-guise* em todos os seus aspectos, procederemos à instância de sua aplicação — uma tarefa que contou com seus desafios e dificuldades próprias, que, tal como no caso dos processos enfocados nesta seção, serão apresentadas a seguir de forma apenas resumida, dentro de sua pertinência aos propósitos do texto.

## 4.2 Processo de coleta de dados

---

<sup>67</sup> Neste ponto, talvez seja importante frisar que, se dentro de uma lógica mais puramente matemática possam ser equivalentes “discordar em parte” e “concordar em parte”, defendemos que o mesmo não é verdadeiro dentro do contexto semântico em que o contraste entre os verbos antônimos, além de sua colocação em uma escala gradativa, faz com que “concordo em parte” expresse inequivocamente mais acordo do que “discordo em parte”.

O teste foi aplicado a um total de 60 sujeitos. Definimos o universo pesquisado da seguinte forma: seriam 20 sujeitos de cada um dos três grupos nacionais enfocados (brasileiros, argentinos e paraguaios), necessariamente residentes da TF: ou seja, das cidades de Foz do Iguaçu, Ciudad del Este e Puerto Iguazú, considerando também cidades vizinhas a estas. Definimos “ser residente” da seguinte maneira: estar habitando de forma contínua a TF (sem considerar ausências curtas, como a passagem de férias em outras regiões) por pelo menos dois anos quando da data da realização do teste. Tal consideração é muito mais ‘generosa’ do que a que havíamos contemplado anteriormente (*i.e.*, “sujeitos que tenham nascido nas regiões pesquisadas ou imigrado para as mesmas antes da idade escolar”), que percebemos não fazer total sentido para os propósitos da pesquisa: tal tipo de seleção, em geral, é utilizado para a obtenção de amostras de fala de uma variedade de língua, enquanto que nossas metas seriam aferir as atitudes, e finalmente vislumbrar as ideologias linguísticas que estivessem circulando *em* Foz do Iguaçu e nas outras cidades selecionadas. Mesmo no caso de sujeitos com redes sociais mais limitadas e pouca mobilidade através das fronteiras, defendemos que dois anos de residência contínua já lhes terão garantido a experiência de “ser da TF”. O total estabelecido de 20 sujeitos de cada nacionalidade seria composto por quatro células, nos cruzamentos entre as variáveis ‘sexo’ e ‘idade’, conforme pode ser visto abaixo (tabela 2):

*Tabela 2: Total geral de sujeitos participantes do matched-guise, por células.*

país	Argentina		Paraguai		Brasil	
	F	M	F	M	F	M
18-29	5	5	5	5	5	5
30+	5	5	5	5	5	5

Na primeira célula, teríamos os chamados ‘jovens adultos’ — em que se incluiriam estudantes universitários, por exemplo; e, na segunda, estariam os ‘adultos consolidados’, provavelmente já há alguns anos no mercado de trabalho (se empregados), e que provavelmente já não seriam representativos de uma dita ‘geração jovem’, em contraste com o outro caso. Não estabelecemos um limite máximo para esta última célula. Um critério para a participação efetiva foi “compreender razoavelmente os idiomas Português e Espanhol”: a

proficiência absoluta, ou quase absoluta (que pode ser fundamental para os propósitos de certos testes) não se colocou, aqui, como fator eliminatório para a seleção e efetiva participação.

O processo de seleção de sujeitos e coleta de dados sofreu diversas reformulações até que se chegasse à ação definitiva que traz os dados que apresentamos aqui. Havíamos projetado uma descrição detalhada de todo o percurso, listando seus erros e acertos; porém, seguindo as contribuições de colegas acadêmicos que examinaram o texto desta tese, concordamos que tal descrição seria tediosa e pouco útil em uma leitura como a atual. Dessa forma, apresentaremos somente um resumo de tal processo antes de finalmente mergulharmos na análise dos dados.

Por conta da situação pandêmica global que atingiu o mundo a partir de 2019, optamos por realizar uma aplicação remota, em que os áudios foram transmitidos aos sujeitos de forma eletrônica, e os formulários preenchidos pelos mesmos (de forma física — impressa — ou eletrônica, segundo sua preferência) conforme realizavam a audição. Como se pode supor, algumas das vantagens de uma coleta remota residem em sua praticidade e agilidade: não é necessário o deslocamento de nenhuma das partes, e, tal como em uma coleta presencial, é possível aplicar o teste simultaneamente a mais de uma pessoa — como, por exemplo, no caso de parentes e/ou amigos que residam ou estudem no mesmo local (como se deu, de fato, em algumas ocasiões nesta oportunidade) e estejam no raio de audição da fonte transmissora dos estímulos a serem avaliados.

Para a realização do teste em seu formato definitivo, os sujeitos foram rapidamente recrutados por meio de uma técnica de redes sociais (*'social network'*) como a descrita de forma pioneira pela dupla Milroy em seus trabalhos irlandeses (cf. Milroy, 1980; Pride, 1982; Milroy e Milroy, 1983). Detenhamos-nos um momento sobre algumas de suas particularidades.

Dentro dessa metodologia, o pesquisador chega aos sujeitos como “um amigo de um amigo”: ou seja, a partir de um contato na comunidade, é apresentado a um sujeito ou a um grupo de sujeitos que poderiam ser participantes em potencial da pesquisa. Dessa forma, evita-se em grande medida o possível estranhamento decorrente da chegada de um total desconhecido em busca de dados ou informações diversas — ainda mais se tal desconhecido pertencer a um grupo etnolinguístico diferente daquele de seus potenciais sujeitos, ou de alguma outra forma se caracterizar marcadamente como um sujeito ‘de fora’. A técnica foi aplicada com sucesso pela dupla Milroy na Belfast do final dos anos de 1970 e início dos 80, em áreas católicas e protestantes da cidade religiosamente dividida.

Para além de um instrumento que facilita o recrutamento de sujeitos, a técnica teve a virtude de ilustrar, em tais estudos (por exemplo, Milroy e Milroy, *op. cit.*), como a ‘força’ relativa de determinadas ligações interativas entre membros da comunidade pesquisada pode ser decisiva na maior ou menor difusão de (por exemplo) uma determinada forma linguística ‘inovadora’. A título de exemplo, consideremos um sujeito ‘A’, vendedor de frutas no bairro; um sujeito ‘B’, aposentado; um sujeito ‘C’, profissional liberal com atuação em outro bairro, e um sujeito ‘D’, que trabalha em sua própria casa em uma ocupação remota. O sujeito ‘A’, no exemplo hipotético, tem ligações frequentes com todos os demais sujeitos, enquanto que o sujeito ‘C’ tem pelo menos uma linha de ligação a menos, e os sujeitos ‘D’ e ‘B’ só têm ligações, dentro da estrutura estabelecida, com o sujeito ‘A’. Se o foco de uma pesquisa recai sobre a frequência de uso de um determinado traço linguístico, em uma abordagem mais tipicamente variacionista, então entende-se que o sujeito ‘A’ tem especial importância como falante central nessa dinâmica.

Em nossa pesquisa, embora o objeto de análise fosse diferente da situação hipotética colocada, ‘falantes focais’ foram de grande auxílio na indicação de participantes, que em muitos casos foram seus parentes, seus vizinhos, seus colegas de residência, de estudo ou de trabalho. Contamos, nessa qualidade, com a participação de uma estudante universitária, uma cabeleireira e uma terapeuta física, dentre os brasileiros; dois estudantes universitários (um deles recém-egresso) entre os argentinos; duas estudantes universitárias e uma comerciante entre os paraguaios. Embora não tenhamos controlado formalmente as ocupações dos participantes efetivos do teste, pedimos a tais falantes focais que, na medida do possível, evitassem chamar à participação sujeitos que fossem todos de uma mesma ‘categoria’: com isso buscamos evitar que, por exemplo, os sujeitos fossem majoritariamente estudantes universitários ou funcionários de uma mesma empresa (o que, talvez, poderia enviesar alguns dos dados).

Nenhum sujeito expressou dúvidas com respeito a particularidades do *matched-guise*, e em nenhum caso houve manifestação que indicasse que o sujeito teria identificado pares de estímulos como pertencentes a um mesmo locutor. Da mesma forma, não foram registradas manifestações indicativas de que sua a voz do pesquisador tivesse sido identificada em meio às gravações (ao que a aplicação remota pode ter contribuído, em grande medida), sendo que cabe destacar, a esse respeito que, o tom grave resultante da alteração eletrônica dessa voz tendeu a receber avaliações marcadamente negativas, como se verá nas seções de análise.

Em alguns casos, os participantes enviaram os formulários eletronicamente ao pesquisador, tão logo realizaram o teste; em outros, em que optaram pelo preenchimento

físico, os mesmos foram recolhidos posteriormente pelo pesquisador. Ao finalizar-se o preenchimento de todos os formulários, revisamos uma última vez o material coletado, em busca de eventuais erros ou demais problemas que pudessem ter escapado a um primeiro olhar; e, em seguida, procedemos à quantificação dos dados no ambiente Google Sheets, construindo um arquivo principal para cada divisão nacional: dados provenientes de sujeitos argentinos; de sujeitos brasileiros, e de sujeitos paraguaios. Começaria, então, o processo de quantificação e análise desse material.

### 4.3 Dinâmicas de quantificação geral dos dados

Nas planilhas mencionadas no parágrafo anterior, demos centralidade não às avaliações dadas por sujeitos individuais, mas às avaliações que recebeu *cada estímulo* por parte de grupos etnolinguísticos em subdivisões referentes aos fatores sexo e idade. Os grupos de sujeitos foram identificados por meio de letras que fizessem referência a essas variáveis, tal como ilustrado pela tabela 3, em que nossos sujeitos BFI, por exemplo, seriam mulheres brasileiras, de 30 anos ou mais.

*Tabela 3 - Esquema de identificação, por siglas e números, dos sujeitos participantes do teste.*

nacionalidade	sexo	idade	número
A - argentina B - brasileira P - paraguaia	F - feminino M - masculino	J - mais jovens I - mais idosos	1 a 5 como caracterizador individual

O tratamento de quantificação sobre os dados observou o seguinte esquema: uma manifestação de acordo ‘fraco’ com a proposição colocada em cada linha do formulário contabilizou +1 ponto, enquanto que um acordo ‘forte’ contabilizou +2. No caso dos desacordos, fizemos o mesmo utilizando valores negativos: -1 para o desacordo fraco e -2 para o forte. Trazemos novamente a tabela-matriz reproduzida ao longo dos formulários (cf. seção 4.1) com tais valores em suas posições correspondentes, a fim de melhor ilustrar aquilo que acabamos de explicar (tabela 4):

*Tabela 4: Esquema de quantificação dos dados, segundo as posições assinaladas pelos sujeitos ouvintes nos formulários de pesquisa.*

	Concordo totalmente	Concordo em parte	Discordo em parte	Discordo totalmente
Esta pessoa parece ser amigável	+2	+1	-1	-2
Esta pessoa parece ser inteligente	+2	+1	-1	-2
Esta pessoa parece ser honesta	+2	+1	-1	-2
Esta pessoa parece ser rica	+2	+1	-1	-2
Esta pessoa parece ser atraente	+2	+1	-1	-2
Esta pessoa parece ser competente	+2	+1	-1	-2

Como cada sujeito avaliou oito estímulos efetivamente contabilizados, a pesquisa computou dados brutos de um total de 480 tabelas como a recém-apresentada, que foram quantificados seguindo o processo de i) transformar cada formulário em uma linha com seis colunas, representativas de cada uma das proposições colocadas no *matched-guise* acerca do estímulo em questão, e ii) obter a média aritmética das avaliações por parte dos sujeitos de uma mesma célula, sobre cada uma das proposições/atributos. Dessa forma, acreditamos ter ‘enxugado’ de maneira mais palatável planilhas que seriam, de outra forma, quilométricas e potencialmente confusas — e, muito provavelmente, inúteis para a análise. Tal esquema deverá ficar mais claro se tomarmos como ilustração a tabela abaixo (5), que mostra como o estímulo de voz feminina, em Espanhol Paraguaio, foi avaliado por todos os vinte sujeitos brasileiros:



Tabela 5: Estímulo F1-P avaliado por sujeitos brasileiros (N=20).

grupo	amistosa	atraente	honestas	inteligente	rica	competente	sol	stt	total
BFJ	1	0.4	1.6	0.6	0	1.6	<b>1</b>	<b>0.73</b>	<b>0.86</b>
BMJ	1.8	1	1.4	1.4	-0.2	1	<b>1.4</b>	<b>0.73</b>	<b>1.06</b>
BFI	1.4	-0.4	1	1.4	-0.4	1.4	<b>0.66</b>	<b>0.8</b>	<b>0.73</b>
BMI	1.8	0.8	0.8	0.4	0.4	1	<b>1.13</b>	<b>0.6</b>	<b>0.86</b>
						<b>TOTAIS</b>	<b>1.05</b>	<b>0.71</b>	<b>0.88</b>

Na primeira linha, vemos como o grupo de ouvintes brasileiros, do sexo feminino e de menor idade, avaliou cada proposição referente ao *guise* em particular; e mais além, à direita, colocam-se em separado as somatórias para as dimensões de ‘solidariedade’ (*sol*: amigável, honesta, atraente) e de ‘status’ (*stt*: inteligente, rica, competente), que para uma melhor visualização foram aqui agrupadas como os atributos constantes nas três primeiras colunas e nas três últimas, respectivamente. Ao trabalharmos com tais médias, poderemos compreender mais facilmente a direção das atitudes manifestadas dentro de cada recorte: por exemplo, propomos classificar valores entre +2 (máximo possível) e +1 como *positividade forte*; entre +0.99 e +0.01 como *positividade fraca*; entre -0.01 e -0.99 como *negatividade fraca*; e, finalmente, valores entre -1 e -2 (mínimo possível) serão classificados como *negatividade forte*. Tal quantificação também tornará muito mais clara a comparação dos resultados através de grupos sociais, seja em recortes que tomem um mesmo número de dados, seja em situações de desigualdade nesse caso.

Ainda dentro da explicação da tabela que tomamos como exemplo, vejamos como, abaixo de toda a sequência de dados que engloba os sujeitos das outras três células além da BFJ, temos as médias gerais para solidariedade e status referentes a todo o grupo nacional; e, finalmente, na mesma linha, no canto inferior direito, pode ser encontrada a média geral obtida pelo estímulo em questão segundo avaliado por todo o grupo nacional.

Para uma melhor visualização e uma maior agilidade na busca e referência aos dados totais desta pesquisa, decidimos apresentá-los nos anexos a este texto, tomando como base o exemplo da última tabela acima. Na sequência, lançaremos um olhar geral a esse conjunto de dados em seus recortes e desdobramentos, realizando diversas análises sobre os mesmos segundo o foco pertinente.

## 5. ANÁLISE DOS DADOS

Conduziremos esta análise em dois grandes blocos: em um primeiro momento, o foco será mais genérico e considerará as variáveis mais amplas de ordem nacional/etnolinguística (*i.e.*, grupos de sujeitos ouvintes ‘brasileiros’, ‘argentinos’ e ‘paraguaios’), sem a inserção dos diversos cruzamentos possíveis com outras variáveis sociais (sexo, idade) e sem considerar, tampouco, as dimensões de status e de solidariedade presentes no formato do teste de *matched-guise*. Tais ações, com sua multiplicidade de focos específicos, serão realizadas na segunda parte do capítulo; e, em sequência, quando estivermos de posse de uma visão geral de todos estes recortes, teceremos alguns comentários mais aprofundados sobre o conjunto de dados. Utilizaremos somente números em tabelas pequenas, nos casos em que acreditamos ser mais útil a visualização de todas as tendências em um só quadro; e representações com gráficos em barras, nos casos em que o foco recairá sobre comparações mais específicas entre determinados valores.

### 5.1 Análise preliminar: comparativos entre grupos etnolinguísticos

Ao compararmos as avaliações que um mesmo locutor tenha recebido em seus dois *guises* diferentes, por parte de um mesmo grupo nacional e de subgrupos dentro desse denominador principal, poderemos ter, na passagem de um *guise* a outro, o efeito de uma *subida* (*i.e.* um resultado positivo maior do segundo estímulo com relação ao primeiro apresentado); de uma *descida* (situação oposta à anterior), ou de uma relativa estabilidade (em que os dois números são considerados bastante próximos entre si). Nos concentraremos agora em tais dinâmicas, que, para uma melhor visualização, representaremos com setas ou sinais de igualdade (exata ou aproximada); e, com esse enfoque, realizaremos as análises a seguir.

Conforme comentamos nas seções introdutórias e teóricas deste texto, trabalhamos com a hipótese inicial de que o Brasil, os brasileiros e seu idioma oficial gozariam de relativo prestígio na região da TF, o que deveria resultar em uma melhor avaliação dos *guises* brasileiros frente aos hispânicos (argentinos e paraguaios) no teste aplicado. Tal quadro se repetiria nos três vértices — entre os três grupos nacionais — do universo pesquisado, com a seguinte nota de atenção: estando os brasileiros em situação possivelmente parecida à dos canadenses anglófonos em estudos como o de Lambert (*op. cit.*), e os grupos hispânicos — fundamentalmente os paraguaios — em situação possivelmente parecida à dos canadenses francófonos no mesmo contexto, haveria que se observar com cuidado os pesos das

dimensões de status e de solidariedade nos resultados finais destas dinâmicas de relevo (já que, por exemplo, é comum em tais situações de contato que um grupo socioeconomicamente dominante e/ou prestigioso possa obter pontuação alta na dimensão de status, e baixa na dimensão de solidariedade; enquanto que o oposto costuma ser observado quando se leva em conta o grupo que detém menos poder ou prestígio social). De qualquer forma, quando tomamos os resultados gerais das avaliações de vozes brasileiras frente aos resultados gerais das avaliações de vozes hispânicas, temos tendências idênticas entre os três grupos nacionais (Figura 13):

*Figura 13: Comparativo de valores atribuídos na passagem de guises em Português (PT) a guises em Espanhol (ES).*

ouvintes brasileiros			ouvintes argentinos			ouvintes paraguaios		
PT	↘	ES	PT	↘	ES	PT	↘	ES
0.91		0.51	0.79		0.63	0.83		0.71

Como se vê, a tendência comum a todos os três recortes referentes a grupos etnolinguísticos é um declive na passagem das vozes em Português (PT) para as vozes em Espanhol (ES), inclusive com valores relativamente próximos (inferiores a 0.1) entre atribuições correspondentes dadas por paraguaios e argentinos, destacando-se os brasileiros, que avaliam consideravelmente melhor os guises brasileiros e consideravelmente pior os guises hispanos: para esses sujeitos, a Língua Portuguesa (própria) está ainda mais distante da Língua Espanhola (alheia) em termos de avaliação positiva.

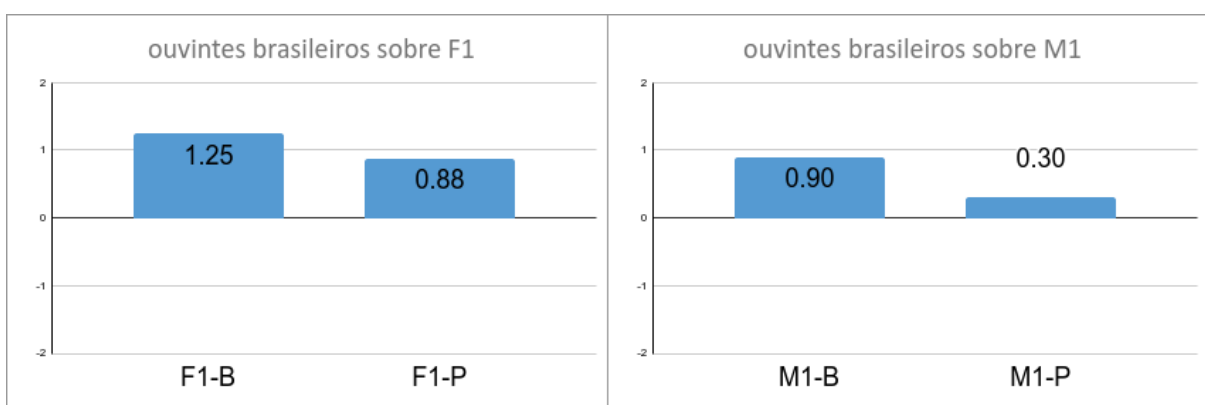
Cabe lembrar, no entanto, que tivemos o cuidado e a possibilidade de elaborar *guises* ES tanto na variedade argentina local como na variedade paraguaia. Sendo assim, vale a pena verificar se a inclusão dessa variável, subdividindo os resultados ES acima, apresentará mudanças substanciais nas dinâmicas recém-apresentadas. Acompanhem, então, a inclusão de AR (Espanhol Argentino local) e PY (Espanhol Paraguaio) em comparações frente a BR (Português Brasileiro local) na figura 14:



significará um relevo descendente. Para os sujeitos brasileiros e paraguaios, sim, o declive se manterá em qualquer caso; porém, note-se como os sujeitos argentinos avaliam a própria variedade de forma mais positiva frente ao Português, ainda que mantenham a preponderância deste frente à variedade paraguaia do Espanhol. No caso dos sujeitos paraguaios, algo deveras curioso se observa: em lugar de favorecer a própria variedade, e de rebaixar a ‘outra’ variedade do Espanhol frente ao Português (algo que se poderia esperar ao se assumir uma tendência a partir do caso dos sujeitos argentinos: ou seja, a de que a própria variedade será favorecida frente ao Português, enquanto que a variedade vizinha será desfavorecida frente à mesma língua), tais sujeitos demonstraram atitudes mais negativas sobre a *própria* variedade frente ao Português, e um declive menos acentuado da variedade argentina quando colocada frente à mesma língua. Tal situação poderá ficar ainda mais reveladora quando acrescentarmos o fator gênero, na subdivisão entre as análises de *guises* BR-PY individuais (ver figuras 15a e 15b abaixo). A partir de agora, portanto, iremos analisar como cada locutor individual foi avaliado em seus dois *guises*, com gráficos elaborados no Google Sheets. Começaremos com a avaliação por parte de sujeitos brasileiros.

*Figura 15a (esquerda): Avaliação de sujeitos brasileiros sobre locutora feminina em guises ‘Português local’ e ‘Espanhol Paraguaio’.*

*Figura 15b (direita): Avaliação de sujeitos brasileiros sobre locutor masculino em guises ‘Português local’ e ‘Espanhol Paraguaio’.*

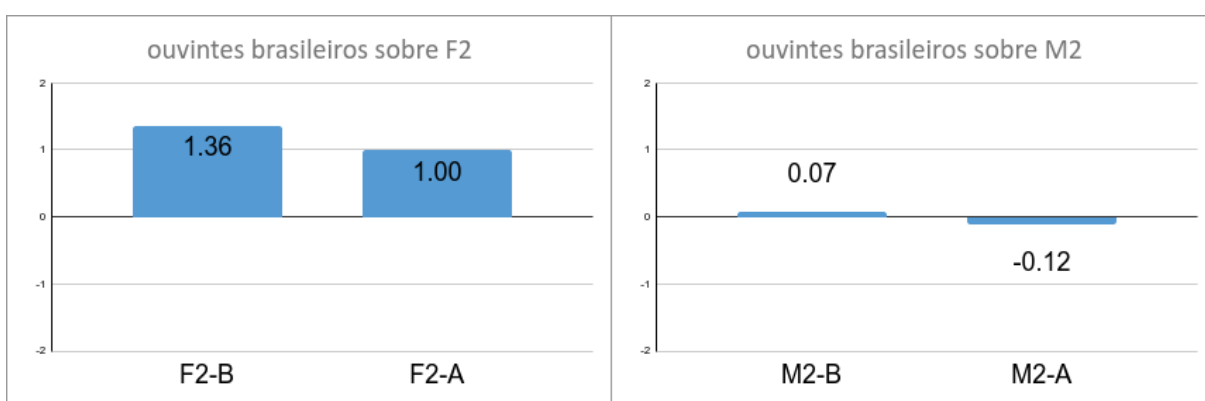


Podemos ver, nas figuras acima, que ambos os *guises* brasileiros receberam avaliações mais positivas que os paraguaios, embora a diferença seja maior no caso da voz masculina. Retomaremos o caso do relevo entre M1-B e M1-P mais adiante, já que parece haver, ali, um indicativo de ideologias específicas pertinentes à região da TF.

Nas figuras abaixo (16a e 16b) vemos a comparação entre os guises que transitam entre as variedades locais do Português Brasileiro e o Espanhol Argentino. Reparemos como aparece ali a tendência de relevo descendente neste contexto, ainda que no segundo caso a linha esteja muito mais plana, com ambos os *guises* ficando próximos de zero (o brasileiro ligeiramente acima e o argentino ligeiramente abaixo da marca).

*Figura 16a (esquerda): Avaliação de sujeitos brasileiros sobre locutora feminina em guises 'Português local' e 'Espanhol Argentino local'.*

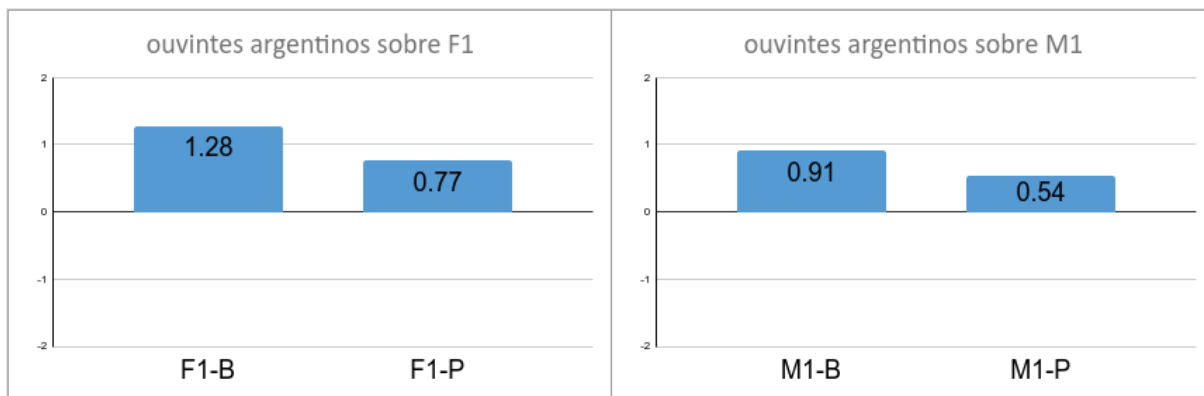
*Figura 16b (direita): Avaliação de sujeitos brasileiros sobre locutor masculino em guises 'Português local' e 'Espanhol Argentino local'.*



Analisaremos agora os mesmos recortes na avaliação dos sujeitos argentinos. No primeiro conjunto, que compara os *guises* brasileiros aos paraguaios (Figuras 17a e 17b), vemos a tendência descendente replicada em proporção praticamente idêntica nos dois casos:

Figura 17a (esquerda): Avaliação de sujeitos argentinos sobre locutora feminina em guises 'Português local' e 'Espanhol Paraguaião'.

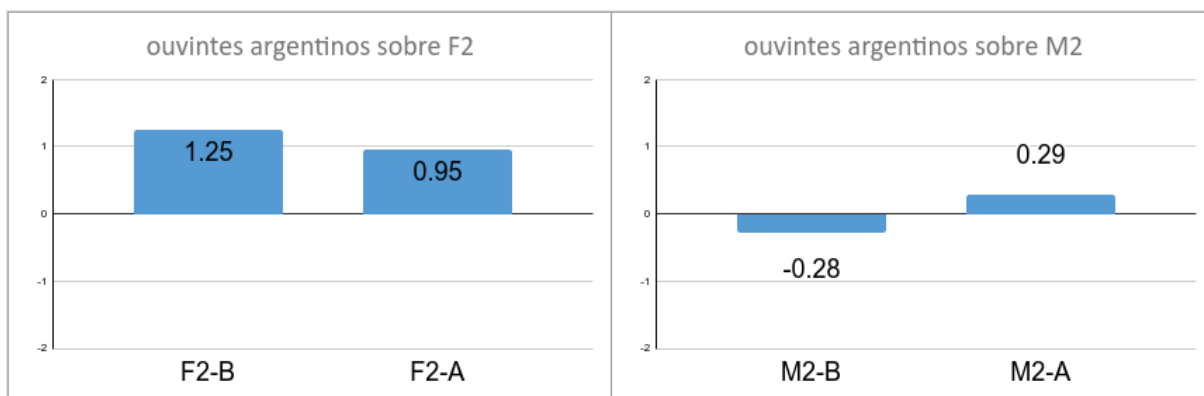
Figura 17b (direita): Avaliação de sujeitos argentinos sobre locutor masculino em guises 'Português local' e 'Espanhol Paraguaião'.



Quando comparamos os guises brasileiros aos argentinos, vemos que a configuração de subida, encontrada na figura 14 dentro do recorte específico, se confirma somente no caso da voz masculina. A diferença referente à voz feminina é menor do que no caso da voz masculina, o que nos permite ver, portanto, que é o mais intenso desfavorecimento do *guise* masculino brasileiro (que registra o valor mais baixo dentre os 24 deste recorte de análise) frente ao argentino que, na junção dos dois conjuntos de dados, termina por fazer com que o relevo ascenda no sentido argentino (ver figuras 18a e 18b):

Figura 18a (esquerda): Avaliação de sujeitos argentinos sobre locutora feminina em guises 'Português local' e 'Espanhol Argentino local'.

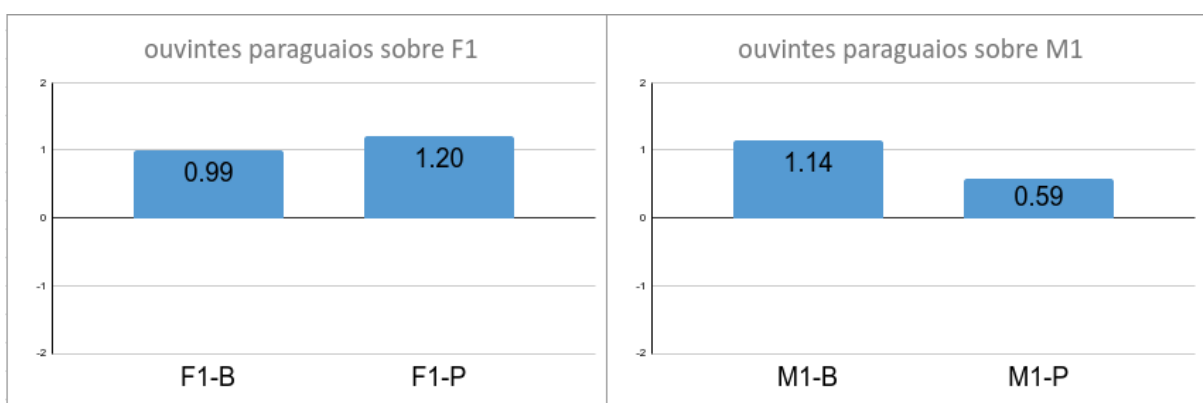
Figura 18b (direita): Avaliação de sujeitos argentinos sobre locutor masculino em guises 'Português local' e 'Espanhol Argentino local'.



No caso dos sujeitos paraguaios, as dinâmicas são um pouco mais complexas que nos dois recortes nacionais anteriores. Vejamos, por exemplo, como uma situação de *guise* brasileiro frente a *guise* local (paraguaio) termina com ligeira preponderância deste último: é o caso da voz feminina (figura 19a). Este, de fato, é o único recorte que termina com um resultado mais favorável a um *guise* paraguaio, dentre os seis que aqui os comparam a *guises* brasileiros. Se, por um lado, parece haver certa valorização da figura feminina de dentro do grupo (o que interpretaremos mais detidamente nas conclusões deste texto), não pode deixar de chamar a atenção a forte diferença de avaliação entre os *guises* masculinos Brasil-Paraguai, com *desvalorização do estímulo local* frente ao outro (figura 19b). Comentamos, anteriormente, sobre as dinâmicas referentes a essa situação específica — a comparação entre M1-B e M1-P. Embora não seja o único caso em que a direção do relevo foi mantida nos três recortes, parece ser a mais consistente na marcada diferença entre os dois pontos; e é entre os sujeitos-avaliadores paraguaios que observamos a maior diferença nesse sentido. Aliás, a diferença entre M1-B e M1-P, dentro deste recorte nacional, está entre as maiores entre todos os doze quadros comparativos equivalentes, junto a M2-B - M2-A por ouvintes argentinos. Comentaremos, nas conclusões, o que isso pode significar em uma dimensão mais ampla de análise.

*Figura 19a (esquerda): Avaliação de sujeitos paraguaios sobre locutora feminina em guises 'Português local' e 'Espanhol Paraguaio'.*

*Figura 19b (direita): Avaliação de sujeitos paraguaios sobre locutor masculino em guises 'Português local' e 'Espanhol Paraguaio'.*



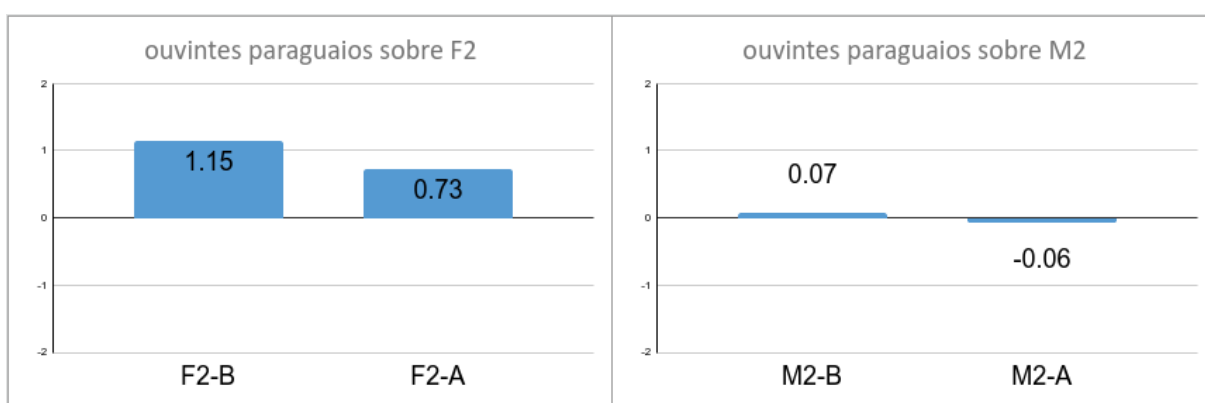
Quando vemos como os sujeitos paraguaios avaliam as passagens de *guises* brasileiros a argentinos, percebemos outra diferença na direção do relevo na comparação entre o gênero dos locutores, embora não se chegue a observar uma inversão nos padrões, como no caso



anterior. De qualquer forma, tal diferença é muito menos marcada no comparativo entre os *guises* masculinos, resultando em um relevo praticamente plano (figura 20b); e, no caso da voz feminina, nota-se uma subida um pouco mais forte na direção brasileira (figura 20a).

*Figura 20a (esquerda): Avaliação de sujeitos paraguaios sobre locutora feminina em guises ‘Português local’ e ‘Espanhol Argentino local’.*

*Figura 20b (direita): Avaliação de sujeitos paraguaios sobre locutor masculino em guises ‘Português local’ e ‘Espanhol Argentino local’.*



Esta análise inicial, que aqui se encerra, deverá ter permitido a contemplação das tendências atitudinais e ideológicas mais gerais presentes no contexto pesquisado, dentro das possibilidades oferecidas pelo teste de *matched-guise*. No entanto, o quadro completo — em suas minúcias; em seus detalhes passíveis de esclarecer os porquês e os condicionantes de certas proto-hipóteses vislumbradas até este momento — só estará a nosso alcance após a consideração de todos os fatores sociais e todas as dimensões do teste envolvidas. É o que faremos a seguir.

## 5.2 - Interconexões: gênero e idade

Na análise anterior, em que lidamos com valores quantificados gerais, o foco principal recaiu sobre a variável ‘nacionalidade’; ou, mais especificamente, sobre identidades etnolinguísticas — tanto aquelas referentes aos sujeitos como as representadas pelos estímulos gravados. Agora, na distribuição de tais valores entre as dimensões de status e solidariedade anteriormente mencionadas, iremos debruçar-nos com mais atenção sobre as variáveis gênero e grupo etário. Note-se que, da mesma forma que a variável anterior, ‘gênero’ está presente tanto nos sujeitos como nos estímulos gravados; porém, não é possível dizer o mesmo com

respeito a ‘grupo etário’: se é verdade que os sujeitos estão divididos segundo essa variável, os *guises* do teste não foram construídos com o propósito de representarem, variavelmente, falantes ‘jovens’ ou ‘idosos’. Ao contrário, buscou-se eliminar o acréscimo desse fator por meio da seleção de locutores que estivessem todos na casa dos 20 ou 30 anos de idade<sup>68</sup>, com vozes invariavelmente ‘adultas’.

A abordagem de cada uma destas variáveis em separado, sem referência constante às demais (incluindo o grupo etnolinguístico, que recebeu centralidade na análise anterior), nos pareceria tarefa impossível. Por esse motivo, optamos por conduzir aqui uma análise ampla e conjunta; holística, caso se queira. De qualquer forma, visando a uma maior clareza dentro de tal tratamento, cada instância de análise irá abordar separadamente, de início, os dados relativos a cada grupo nacional de sujeitos, e daremos maior ênfase a algumas das variáveis por vez.

Como forma de ilustração e referência aos dados, apresentaremos versões simplificadas — *i.e.*, ‘enxugadas’ de valores numéricos que, aqui, não fariam mais que ocupar espaço — das tabelas anexas que foram exemplificadas por meio da tabela 5 (cf. seção 4.3). A linha inferior das tabelas permite a compreensão dos pesos relativos de status e solidariedade sobre o valor final atribuído ao estímulo pelo grupo em questão. Tendo estas considerações em mente, procederemos agora às análises pontuais em seus diversos enfoques.

---

<sup>68</sup> A exceção, conforme explicado aqui em 4.1, está na voz do próprio autor — que, de qualquer forma, aos 40 anos de idade, nutriu fortes esperanças de não ser percebido como ‘idoso’.

*Tabelas do grupo 6: Distribuição de valores atribuídos às dimensões de status e solidariedade por estímulo, com foco em grupos de sujeitos brasileiros.*

*Tabela 6a*

1	GERAL	stt	sol
<b>(F1-B)</b>			
BFJ	<b>1.2</b>	1	1.4
BMJ	<b>1.06</b>	0.73	1.4
BFI	<b>0.73</b>	0.8	0.66
BMI	<b>0.86</b>	0.6	1.13
	<b>1.25</b>	<b>1.06</b>	<b>1.45</b>

*Tabela 6b*

7	GERAL	stt	sol
<b>(F1-P)</b>			
BFJ	<b>0.86</b>	0.73	1
BMJ	<b>1.06</b>	0.73	1.4
BFI	<b>0.78</b>	0.8	0.66
BMI	<b>0.86</b>	0.6	1.13
	<b>0.88</b>	<b>0.71</b>	<b>1.05</b>

*Tabela 6c*

2	GERAL	stt	sol
<b>(M1-B)</b>			
BFJ	<b>1.03</b>	0.93	1.13
BMJ	<b>0.9</b>	0.6	1.2
BFI	<b>1.06</b>	0.6	1.53
BMI	<b>0.63</b>	0.6	0.66
	<b>0.9</b>	<b>0.68</b>	<b>1.13</b>

*Tabela 6d*

8	GERAL	stt	sol
<b>(M1-P)</b>			
BFJ	<b>0.66</b>	0.46	0.86
BMJ	<b>0.36</b>	0.6	0.13
BFI	<b>0.63</b>	0.6	0.66
BMI	<b>-0.46</b>	-0.6	-0.33
	<b>0.3</b>	<b>0.26</b>	<b>0.33</b>

*Tabela 6e*

3	GERAL	stt	sol
<b>(F2-B)</b>			
BFJ	<b>1.26</b>	1.06	1.46
BMJ	<b>1.36</b>	1.2	1.53
BFI	<b>1.66</b>	1.66	1.66
BMI	<b>1.33</b>	1.53	1.13
	<b>1.4</b>	<b>1.36</b>	<b>1.45</b>

*Tabela 6f*

9	GERAL	stt	sol
<b>(F2-A)</b>			
BFJ	<b>0.83</b>	0.93	0.73
BMJ	<b>0.86</b>	1.2	0.53
BFI	<b>1.36</b>	1.53	1.2
BMI	<b>0.93</b>	1.06	0.8
	<b>1</b>	<b>1.18</b>	<b>0.81</b>

*Tabela 6g*

4	GERAL	stt	sol
<b>(M2-B)</b>			
BFJ	<b>0.63</b>	0.73	0.53
BMJ	<b>0.16</b>	0.13	0.2
BFI	<b>-0.56</b>	-0.53	-0.6
BMI	<b>0.06</b>	0.26	-0.13
	<b>0.07</b>	<b>0.15</b>	<b>0</b>

*Tabela 6h*

10	GERAL	stt	sol
<b>(M2-A)</b>			
BFJ	<b>0.4</b>	0.4	0.4
BMJ	<b>-0.26</b>	-0.33	-0.2
BFI	<b>-0.3</b>	-0.2	-0.4
BMI	<b>-0.3</b>	-0.06	-0.3
	<b>-0.12</b>	<b>-0.05</b>	<b>-0.2</b>

*Tabelas do grupo 7: Distribuição de valores atribuídos às dimensões de status e solidariedade por estímulo, com foco em grupos de sujeitos argentinos.*

Tabela 7a

1	GERAL	stt	sol
<b>(F1-B)</b>			
AFJ	<b>1.46</b>	1.53	1.4
AMJ	<b>1.3</b>	1	1.6
AFI	<b>1.4</b>	1.26	1.53
AMI	<b>0.96</b>	0.6	1.33
	<b>1.28</b>	<b>1.1</b>	<b>1.46</b>

Tabela 7c

2	GERAL	stt	sol
<b>(M1-B)</b>			
AFJ	<b>0.8</b>	0.86	0.73
AMJ	<b>1</b>	1.13	0.86
AFI	<b>1.33</b>	1.33	1.33
AMI	<b>0.53</b>	0.86	0.4
	<b>0.91</b>	<b>1</b>	<b>0.83</b>

Tabela 7e

3	GERAL	stt	sol
<b>(F2-B)</b>			
AFJ	<b>1.56</b>	1.66	1.46
AMJ	<b>1</b>	0.73	1.26
AFI	<b>1.4</b>	1.33	1.46
AMI	<b>1.06</b>	0.73	1.4
	<b>1.25</b>	<b>1.11</b>	<b>1.4</b>

Tabela 7g

4	GERAL	stt	sol
<b>(M2-B)</b>			
AFJ	<b>-0.83</b>	-0.86	-0.8
AMJ	<b>0</b>	0	0
AFI	<b>-0.16</b>	0.26	-0.6
AMI	<b>-0.13</b>	0.33	-0.6
	<b>-0.28</b>	<b>-0.06</b>	<b>-0.5</b>

Tabela 7b

7	GERAL	stt	sol
<b>(F1-P)</b>			
AFJ	<b>0.7</b>	0.53	0.86
AMJ	<b>0.96</b>	0.8	1.13
AFI	<b>1.1</b>	1.06	1.13
AMI	<b>0.33</b>	0.06	0.6
	<b>0.77</b>	<b>0.61</b>	<b>0.93</b>

Tabela 7d

8	GERAL	stt	sol
<b>(M1-P)</b>			
AFJ	<b>0.96</b>	0.93	1
AMJ	<b>0.6</b>	0.53	0.66
AFI	<b>1.16</b>	1.13	1.2
AMI	<b>-0.13</b>	-0.2	-0.6
	<b>0.54</b>	<b>0.58</b>	<b>0.5</b>

Tabela 7f

9	GERAL	stt	sol
<b>(F2-A)</b>			
AFJ	<b>1.36</b>	1.4	1.33
AMJ	<b>0.6</b>	0.66	0.53
AFI	<b>1.43</b>	1.6	1.26
AMI	<b>0.4</b>	0.73	0.06
	<b>0.95</b>	<b>1.1</b>	<b>0.8</b>

Tabela 7h

10	GERAL	stt	sol
<b>(M2-A)</b>			
AFJ	<b>0.06</b>	0.2	-0.06
AMJ	<b>0.43</b>	0.93	-0.06
AFI	<b>0.6</b>	0.73	0.46
AMI	<b>0.06</b>	0.33	-0.2
	<b>0.29</b>	<b>0.55</b>	<b>0.03</b>

*Tabelas do grupo 8: Distribuição de valores atribuídos às dimensões de status e solidariedade por estímulo, com foco em grupos de sujeitos paraguaios.*

*Tabela 8a*

1	GERAL	stt	sol
<b>(F1-B)</b>			
PFJ	<b>1.3</b>	1.26	1.33
PMJ	<b>1</b>	1.2	0.8
PFI	<b>1.33</b>	1.33	1.33
PMI	<b>0.33</b>	0.26	0.4
	<b>0.99</b>	<b>1.01</b>	<b>0.96</b>

*Tabela 8c*

2	GERAL	stt	sol
<b>(M1-B)</b>			
PFJ	<b>1.3</b>	1.26	1.33
PMJ	<b>0.7</b>	0.8	0.6
PFI	<b>1.63</b>	1.53	1.73
PMI	<b>0.93</b>	0.86	1
	<b>1.14</b>	<b>1.16</b>	<b>1.11</b>

*Tabela 8e*

3	GERAL	stt	sol
<b>(F2-B)</b>			
PFJ	<b>1.26</b>	1.4	1.13
PMJ	<b>0.63</b>	0.66	0.6
PFI	<b>0.83</b>	0.93	0.73
PMI	<b>0.83</b>	0.53	1.13
	<b>1.15</b>	<b>1.15</b>	<b>1.15</b>

*Tabela 8g*

4	GERAL	stt	sol
<b>(M2-B)</b>			
PFJ	<b>0.13</b>	0.53	-0.26
PMJ	<b>-0.5</b>	-0.26	-0.73
PFI	<b>0.3</b>	0.2	0.4
PMI	<b>0.36</b>	0.8	-0.06
	<b>0.07</b>	<b>0.31</b>	<b>-0.16</b>

*Tabela 8b*

7	GERAL	stt	sol
<b>(F1-P)</b>			
PFJ	<b>1.43</b>	1.06	1.8
PMJ	<b>1.03</b>	0.66	1.4
PFI	<b>1.43</b>	0.93	1.93
PMI	<b>0.93</b>	0.6	1.26
	<b>1.2</b>	<b>0.81</b>	<b>1.6</b>

*Tabela 8d*

8	GERAL	stt	sol
<b>(M1-P)</b>			
PFJ	<b>0.5</b>	0.53	0.46
PMJ	<b>0.63</b>	0.8	0.46
PFI	<b>1</b>	0.66	1.33
PMI	<b>0.23</b>	0.13	0.33
	<b>0.59</b>	<b>0.53</b>	<b>0.65</b>

*Tabela 8f*

9	GERAL	stt	sol
<b>(F2-A)</b>			
PFJ	<b>0.93</b>	1	0.86
PMJ	<b>0.8</b>	0.8	0.8
PFI	<b>0.86</b>	0.93	0.8
PMI	<b>0.73</b>	0.73	0.73
	<b>0.83</b>	<b>0.86</b>	<b>0.8</b>

*Tabela 8h*

10	GERAL	stt	sol
<b>(M2-A)</b>			
PFJ	<b>0.13</b>	0.2	0.06
PMJ	<b>0</b>	0.4	-0.4
PFI	<b>0.9</b>	1	0.8
PMI	<b>-0.06</b>	-0.06	-0.06
	<b>0.24</b>	<b>0.38</b>	<b>0.1</b>

Procedamos, então, com este primeiro enfoque que abarca o sexo do sujeito ouvinte e as qualidades de gênero masculino ou feminino presentes nas vozes que compõem o *matched-guise*.

Dentre várias possibilidades, vejamos primeiro se o sexo dos sujeitos tem relevância sobre os diferentes valores atitudinais recebidos pelos *guises*. Particularmente, nos interessa aqui verificar se a variável influirá sobre a avaliação diferenciada das vozes femininas e masculinas. Por exemplo: sujeitos femininos, em geral, avaliam melhor as vozes femininas? Em caso positivo, há destaque para alguma das dimensões de status-solidariedade? Há destaque para o idioma utilizado no *guise*? As frentes de análise são, como indicamos anteriormente, bastante numerosas. Os valores abaixo (Figura 21) decorrem da separação por sexos (mulheres, homens) dos sujeitos brasileiros, e são indicativos de suas atitudes sobre cada estímulo presente no *matched-guise*.

---

*Figura 21: Valores atribuídos a cada guise, por ouvintes brasileiros divididos por sexo.*

F1-B - mulheres 1.11; homens 1.4

F1-P - mulheres 0.8; homens 0.96

F2-B - mulheres 1.46; homens 1.35

F2-A - mulheres 1.1; homens 0.9

M1-B - mulheres 1.05; homens 0.76

M1-P - mulheres 0.65; homens -0.05

M2-B - mulheres 0.03; homens 0.11

M2-A - mulheres 0.05; homens -0.3

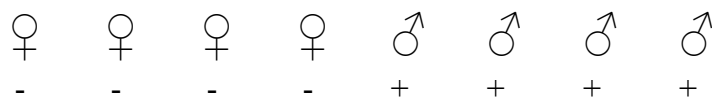
---

Neste recorte, percebemos uma tendência desses sujeitos a avaliar mais positivamente *guises* de um gênero diferente ao seu, o que ficará mais claro se calcularmos as médias gerais de 1.11 entre ouvintes mulheres avaliando vozes femininas, versus 1.15 entre ouvintes homens; e 0.44 entre ouvintes mulheres avaliando vozes masculinas, versus 0.13 entre ouvintes homens. Ao separarmos os sujeitos brasileiros mais além, com o acréscimo da variável ‘grupo de idade’, compreendemos que são os sujeitos femininos *mais jovens* que conduzem mais fortemente essa tendência: conforme a figura 22, vemos como esta célula

específica (BFJ) avaliar sistematicamente vozes femininas com valores abaixo aos da média geral de seu grupo nacional, e vozes masculinas com valores acima da mesma média. Neste momento, não somos capazes de oferecer uma explicação para este fato — que vai contra nossas intuições sociais e se singulariza ainda mais quando verificamos que os outros três grupos de sujeitos brasileiros apresentam comportamento avaliativo muito mais ‘errático’ a esse respeito, não demonstrando tendências a correlacionar a avaliação dos *guises* à qualidade masculina ou feminina neles percebida.

---

*Figura 22: valores atribuídos aos guises segundo sua qualidade masculina/feminina, por ouvintes brasileiros femininos do grupo ‘mais jovem’, em comparação ao valor numérico obtido pelos mesmos guises por sujeitos brasileiros em geral.*




---

Ao olharmos para os grupos de outras nacionalidades, tampouco encontramos situações análogas à destacada na figura acima. Os sujeitos argentinos do sexo feminino (AF) demonstraram forte tendência a avaliar mais positivamente todos os estímulos (com uma exceção), comparativamente aos ‘argentinos em geral’, independente da qualidade masculina ou feminina das vozes (ver Figura 23). Situação semelhante ocorre entre os sujeitos paraguaios do sexo feminino (PF; ver figura 24), neste caso sem exceções, com o seguinte destaque para o grupo PFJ: estas paraguaias ‘mais jovens’ demonstraram tendência a favorecer *guises* brasileiros (masculinos e femininos, sem distinção) sobre hispanos em geral — ainda que não necessariamente tenham avaliado estes últimos abaixo dos valores gerais correspondentes a seu grupo nacional (tal comparação, entre PFJ e P, tende a produzir resultados que poderiam ser classificados como ‘próximos entre si’).

---

*Figura 23: Valores atribuídos a cada guise, por ouvintes argentinos divididos por sexo.*

F1-B - mulheres 1.43; homens 1.13

F1-P - mulheres 0.9; homens 0.65

F2-B - mulheres 1.48; homens 1.03

F2-A - mulheres 1.4; homens 0.5

M1-B - mulheres 1.06; homens 0.76

M1-P - mulheres 0.95; homens 0.13

M2-B - mulheres -0.5; homens -0.06

M2-A - mulheres 0.33; homens 0.25

---

Vemos então como, tanto entre os sujeitos argentinos como os paraguaios, os grupos F demonstram fortíssima tendência a avaliar *todos* os *guises* mais positivamente, havendo apenas uma exceção a essa regra (o estímulo M2-B na avaliação de argentinos); e são os grupos MI (*i.e.*, de sexo masculino e de maior idade) que ‘puxam’ todos os valores para baixo, sem demonstrar preferência negativa pelas qualidades de gênero ou de idioma (grupo etnolinguístico) presentes nos estímulos. Entre os sujeitos brasileiros MI verificamos tendência semelhante a abaixar os resultados gerais dentro de seu grupo nacional.

---

*Figura 24: Valores atribuídos a cada guise, por ouvintes paraguaios divididos por sexo.*

F1-B - mulheres 1.31; homens 0.66

F1-P - mulheres 1.43; homens 0.98

F2-B - mulheres 1.46; homens 0.83

F2-A - mulheres 0.9; homens 0.76

M1-B - mulheres 1.46; homens 0.81

M1-P - mulheres 0.75; homens 0.43

M2-B - mulheres 0.21; homens -0.06

M2-A - mulheres 0.51; homens -0.03

---

As presentes análises comparativas, referentes às figuras 21, 23 e 24, levaram em consideração principalmente as diferenças numéricas entre valores localizados em linhas iguais (*i.e.*, entre ouvintes femininos e masculinos na avaliação de um mesmo estímulo). Da mesma forma, e a esta altura com potencial de elucidar com maior clareza os pesos relativos de determinadas variáveis sociais nesse quadro, realizaremos comparações entre valores situados em linhas contíguas: ou seja, entre as atitudes quantificadas de sujeitos de um mesmo sexo (e de um mesmo grupo nacional) sobre um mesmo estímulo. Por exemplo: na passagem



de um *guise* brasileiro a um *guise* hispânico, o que ocorre com a voz F1, segundo sujeitos brasileiros do sexo feminino? O valor sobe (indicando melhor avaliação do último componente do par) ou desce? E segundo sujeitos argentinos do sexo masculino, e assim por diante? A tabela 9 (que, de certa forma, pode ser considerada como um desdobramento da figura 14) nos permitirá visualizar melhor estes fenômenos, que comentaremos a seguir.

*Tabela 9: Comparativo entre valores absolutos na passagem de guises brasileiros (B) a guises hispânicos (A, P — argentinos ou paraguaios), em divisão pelo sexo dos ouvintes.*

<i>guise/estímulo</i>	ouvintes brasileiros	ouvintes argentinos	ouvintes paraguaios
F1 (B→P)	♀ -0.31 ♂ -0.44	♀ -0.53 ♂ -0.48	♀ +0.12 ♂ +0.32
F2 (B→A)	♀ -0.36 ♂ -0.45	♀ -0.08 ♂ -0.53	♀ -0.56 ♂ -0.07
M1 (B→P)	♀ -0.4 ♂ -0.81	♀ -0.11 ♂ -0.63	♀ -0.71 ♂ -0.38
M2 (B→A)	♀ +0.02 ♂ -0.14	♀ +0.83 ♂ +0.31	♀ +0.3 ♂ +0.03

Novamente, estamos diante de uma tabela que se pode esquadrihar de várias formas; desde várias direções: verticalmente, horizontalmente ou de maneira pontual, dentro de alguma célula específica. Começamos pelo proposto no parágrafo anterior, concentrando-nos em eventuais diferenças de avaliação entre um *guise* brasileiro e um hispano provenientes de mesmo locutor, por parte de sujeitos masculinos e femininos.

Se tomarmos a coluna correspondente aos sujeitos brasileiros, veremos ali reproduzida sua forte tendência a valorizar guises ‘próprios’ sobre aqueles ‘estrangeiros’; no entanto, deverá ficar claro agora que são os *brasileiros do sexo masculino* que respondem com mais força pela configuração de tal tendência: os valores negativos são muito maiores entre esses sujeitos, indicando diferença mais acentuada entre o valor (quantificado) que atribuíram à voz em seu *guise* brasileiro, frente à mesma voz em seu *guise* hispânico. Ademais, a única regularidade encontrada entre os dados da tabela analisada está no comportamento avaliativo

desse grupo de sujeitos brasileiros, já que — sem exceção — avaliam melhor *guises* brasileiros frente a hispânicos. Os sujeitos brasileiros do sexo feminino seguem essa tendência de forma muito mais fraca, chegando a inverter a mesma em sua avaliação da voz M2, em que se observa a única instância de melhor avaliação (ainda que com diferença negligível) de um *guise* hispânico frente a um brasileiro na coluna em questão.

Entre os sujeitos argentinos, a situação observada é um pouco mais complexa: não se pode dizer, com base nestes dados, que sempre avaliarão melhor uma voz ‘própria’ frente a uma estrangeira. Note-se que, se a melhor avaliação do *guise* local frente a um *guise* brasileiro é decisiva no caso de M2, o mesmo não se reproduz no caso de F2. No caso do comparativo entre pares de *guises* brasileiros e paraguaios, os primeiros são melhor avaliados em todos os casos neste recorte.

Com relação aos sujeitos paraguaios, podemos notar que aqueles do sexo feminino avaliam todas as passagens de forma parecida aos sujeitos brasileiros do mesmo sexo (os sinais + ou - são quase todos os mesmos em ambos os recortes, exceção feita aos estímulos F1), inclusive com alguns intervalos maiores entre *guises* brasileiros e seus correspondentes hispânicos (*i.e.*, valorizando ainda mais os *guises* brasileiros). Os sujeitos paraguaios masculinos tendem a ficar no meio do caminho, mostrando uma preferência mais clara de F1-P sobre F1-B, mas, conversamente, uma preferência mais clara de M1-B sobre M1-P. As avaliações recebidas por M1-P, comparativamente a M1-B, já haviam chamado nossa atenção nas análises anteriores (seção 5.1); e agora, neste novo formato de análise, vemos com mais clareza a dimensão em que o estímulo M1-P é desvalorizado frente a M1-B. Tomaremos este dado como exemplar e, antes de abordarmos as dimensões de status e solidariedade, o descreveremos em mais detalhes junto a algumas outras situações específicas que, de forma semelhante, se destacam neste universo de análise:

1) *A voz masculina nos guises M1-B e M1-P*: Este par de estímulos se destaca por ser aquele que apresenta a maior distância numérica comparativamente a todos os demais pares aqui analisados. Embora não seja o único, no universo das gravações deste *matched-guise*, a produzir uma situação unânime de ‘preferência’ específica entre as nacionalidades representadas (já que a passagem de F2-B a F2-A também se caracteriza dessa forma), a ‘queda’ é a maior, ficando em -0.5 (contra, por exemplo, -0.34 no caso dos pares F2). Ao voltarmos nosso olhar para as figuras 26, 27 e 28, que por incluírem a variável ‘grupo de idade’ produzem doze células de sujeitos, vemos que desse total apenas *uma* (a de mulheres argentinas do grupo de menor idade) avalia P melhor do que B, e mesmo assim apenas

ligeiramente. Discorreremos mais a respeito desta situação geral ao incluirmos nas análises as dimensões de status e solidariedade, mais adiante.

2) *A voz feminina nos guises F2-B a F2-A*: Como mencionado imediatamente acima, também encontramos regularidade na preferência pelo guise brasileiro, cabendo destacar somente que, de maneira geral, estes estímulos foram avaliados de forma mais positiva que os estímulos M1 acima descritos.

3) *A voz masculina nos guises M2-B e M2-A*: De forma bastante semelhante ao outro par de estímulos de voz masculina, as comparações entre M2-B e M2-A apresentam enorme regularidade — no caso, a ‘preferência’ do *guise* A(rgentino) sobre o B(rasileiro). Aqui, no cruzamento de fatores que produz seis células de sujeitos (Figura 33), a única exceção aos sinais positivos que traduzem essa regra vem do grupo de homens brasileiros (que, aliás, será referido a seguir). Ao acrescentarmos aqui a variável ‘grupo de idade’, vemos que, entre as células de ouvintes hispânicos, somente a paraguaia MI avalia melhor o estímulo brasileiro sobre o argentino; e, no caso das células de ouvintes brasileiros, a exceção está por conta de BFI, que avalia melhor o estímulo argentino sobre o brasileiro. Tal como no caso anterior, a análise específica poderá ficar mais conclusiva ao ser acrescida das dimensões de status e solidariedade.

4) *As avaliações de sujeitos brasileiros do sexo masculino*: Tais sujeitos, como mencionamos anteriormente, se destacam pela regularidade com que avaliam estímulos B de forma sempre superior a estímulos A ou P. Embora outros grupos de sujeitos presentes na figura 33 demonstrem tendências a avaliar melhor determinadas representações etnolinguísticas frente a outras, é somente no caso dos homens brasileiros que encontramos regularidade total, sem admissão de exceções.

5) *Diferenças quantitativas de destaque*: Os maiores valores extremos encontrados na Figura 33 são +0.83 (proveniente de sujeitos argentinos do sexo feminino, na passagem de M2-B a M2-A) e -0.81 (proveniente de sujeitos brasileiros do sexo masculino, na passagem de M1-B a M1-P). Tais casos se destacam por terminarem consideravelmente mais distantes de 0 que qualquer outro valor encontrado na mesma Figura, evidenciando a forte (des)valoração atribuída por esses sujeitos a um dos componentes dos pares de estímulos em questão, em relação ao outro. Com respeito a valores atribuídos a estímulos tomados isoladamente, sem comparação entre *guises* de um mesmo locutor, destacam-se as avaliações de sujeitos brasileiros sobre F2-B (1.4) e F1-B (1.25), bem como as avaliações de sujeitos argentinos sobre F1-B (1.28) e F2-B (1.25), sendo estes os três valores absolutos mais altos encontrados neste recorte. Do lado negativo, destacam-se as avaliações de argentinos sobre M2-B (-0.28) e

de brasileiros sobre M2-A (-0.12). Finalmente, ao analisarmos as células menores, compostas por grupos de cinco sujeitos, registramos os seguintes valores mais altos: 1.66, na avaliação de BFI sobre F2-B; 1.63, na avaliação de PFI sobre M1-B, e 1.56, na avaliação de AFJ sobre F2-B (em que chama a atenção o fato de serem todas células ‘F’ — compostas por sujeitos do sexo feminino — e recaírem todas sobre guises brasileiros); e os seguintes valores mais baixos: -0.83 na avaliação de AFJ sobre M2-B; -0.56, na avaliação de BFI sobre M2-B, e -0.5, na avaliação de PMJ sobre M2-B (todos, portanto, recaindo sobre o mesmo guise brasileiro).

Voltaremos agora nossa atenção às dimensões de status e de solidariedade, em cujo processo renovaremos os olhares a algumas das figuras aqui apresentadas.

### **5.3 - Dimensões de status e solidariedade**

Na apresentação da metodologia do *matched-guise* (ver seção 3.5), discorreremos acerca das dimensões de status e solidariedade como espaços de análise fundamentais neste contexto. Neste momento, verificaremos como operam e em que medida respondem pelas tendências, regularidades e exceções que identificamos nas análises anteriores.

Tal como fizemos até este ponto, abordaremos o tema, de início, por meio de recortes de ordem etnolinguística/nacional. Vejamos o que ocorre entre sujeitos brasileiros na passagem de *guises* brasileiros a *guises* hispânicos de um mesmo locutor, tomando comparativamente os valores quantificados para status e solidariedade em cada caso (Figura 25):

Figura 25: Comparativo entre valores absolutos de status (*stt*) e solidariedade (*sol*) na passagem de guises brasileiros (B) a guises hispânicos (A, P – argentinos ou paraguaios), dentre ouvintes brasileiros.

FB → FP	FB → FA
stt 1.06 ↘ 0.71 (-0.35)	stt 1.36 ↘ 1.18 (-0.18)
sol 1.45 ↘ 1.05 (-0.4)	sol 1.45 ↘ 0.81 (-0.64)
MB → MP	MB → MA
stt 0.68 ↘ 0.26 (-0.42)	stt 0.15 ↘ -0.05 (-0.2)
sol 1.13 ↘ 0.33 (-0.8)	sol 0 ↘ -0.2 (-0.2)

Em um primeiro olhar, deve ficar evidente a tendência descendente em *ambas* as dimensões, não parecendo que a introdução desses fatores tenha aqui muita relevância. No entanto, verificamos que a queda é sistematicamente mais acentuada dentro da dimensão de solidariedade: no caso de FB→FP, o status cai 0.35 ponto na passagem, sendo que a solidariedade cai 0.4; em FB→FA, a queda no status é de 0.18, e na solidariedade é de 0.64; em MB→MP, encontramos queda de 0.42 no status e de 0.8 na solidariedade; e, finalmente, no caso excepcional de MB→MA, há um empate no valor da queda. Em todos os casos, excetuando-se este último, *é a dimensão de solidariedade que coordena com mais força o que ocorre na comparação entre pares de estímulos*. Este dado aponta para uma hipótese específica a respeito daquilo que parece ser mais importante ou mais saliente aos sujeitos brasileiros em seus contatos comunicativos intergrupais — algo que formularemos mais adiante, nas conclusões parciais deste trabalho. Notemos também, em outra frente comparativa, que o status atribuído a *guises* brasileiros, por todo este grupo em geral, tem valor quantificado de 0.82, sendo que a solidariedade, no mesmo contexto, alcança 1; e no caso dos *guises* hispânicos, o status tem valor 0.52, e a solidariedade 0.49. Na dimensão de status, portanto, os brasileiros atribuem aos *guises* ‘próprios’ um valor quantificado 0.3 superior ao dos *guises* ‘estrangeiros’; e na dimensão de solidariedade, tal superioridade passa a ser de 0.51. Vejamos agora o que ocorre quando tomamos os sujeitos argentinos.

Figura 26: Comparativo entre valores absolutos de status (*stt*) e solidariedade (*sol*) na passagem de guises brasileiros (B) a guises hispânicos (A, P — argentinos ou paraguaios), dentre ouvintes argentinos.

FB → FP	FB → FA
stt 1.1 ↘ 0.61 (-0.5)	stt 1.11 ≈ 1.1 (-0.01)
sol 1.46 ↘ 0.93 (-0.53)	sol 1.4 ↘ 0.8 (-0.6)
MB → MP	MB → MA
stt 1 ↘ 0.58 (-0.42)	stt -0.06 ↗ 0.55 (+0.61)
sol 0.83 ↘ 0.5 (-0.33)	sol -0.5 ↗ 0.03 (+0.53)

Conforme visto em outras dimensões de análise, as avaliações destes sujeitos não se pautam tão regularmente em fatores etnolinguísticos, como é o caso dos sujeitos brasileiros. Vemos (na Figura 26) que, se há uma tendência a valorizar guises brasileiros na dimensão da solidariedade (exceção ao comparativo MB → MA), a mesma se enfraquece na dimensão de status, especialmente nas comparações entre B e A. Quando se trata de *guises* especificamente argentinos, percebemos que a valorização do ‘próprio’ é decisiva no caso da voz masculina, o que não se reproduz no caso da voz feminina: se há ali um empate na dimensão de status, a direção é outra na dimensão de solidariedade, em que a voz feminina local é colocada pelos sujeitos em posição de inferioridade relativamente à voz feminina brasileira. Recorremos à Tabela 7f para constatar que tal resultado se deve especialmente às avaliações do grupo MI (sujeitos masculinos de maior idade), cujas atitudes sobre esse *guise* ‘próprio’ resultam em valores particularmente baixos na dimensão de solidariedade; sendo que, curiosamente, as atitudes do mesmo grupo sobre a mesma voz em seu *guise* brasileiro se quantificam em valores decisivamente altos na mesma dimensão, conforme indicado pela figura recém-citada. Cabe apontar ainda, antes de passar aos dados seguintes, que para todos os sujeitos argentinos o valor quantificado de status atribuído a *guises* brasileiros, no geral, é de 0.78, ficando em 0.79 — praticamente idêntico, portanto — o valor de solidariedade; e, no caso de *guises* hispânicos, temos valores de 0.71 para status e 0.56 para solidariedade. Vejamos agora os dados relativos aos sujeitos paraguaios.

Figura 27: Comparativo entre valores absolutos de status (*stt*) e solidariedade (*sol*) na passagem de guises brasileiros (B) a guises hispânicos (A, P — argentinos ou paraguaios), dentre ouvintes paraguaios.

FB → FP	FB → FA
stt 1.01 ↘ 0.81 (-0.2)	stt 1.15 ↘ 0.86 (-0.29)
sol 0.96 ↗ 1.6 (+0.64)	sol 1.15 ↘ 0.8 (-0.35)
MB → MP	MB → MA
stt 1.16 ↘ 0.53 (-0.63)	stt 0.31 ≈ 0.38 (+0.07)
sol 1.11 ↘ 0.65 (-0.46)	sol -0.16 ↗ 0.1 (+0.26)

Neste recorte, vemos que a valorização do ‘próprio’ frente ao estrangeiro não encontra muito espaço: a voz masculina paraguaia é consideravelmente desvalorizada em relação à mesma voz brasileira, especialmente na dimensão de status; e, com respeito à voz feminina, vemos que há desvalorização com respeito ao status, mas — como exceção a este caso — considerável valorização dentro da solidariedade (sendo 0.64, aliás, o maior valor encontrado nas diferenças entre status ou solidariedade nas três últimas tabelas que fazem tal recorte). Nas figuras 8c e 8d vemos que o *guise* MP recebe um valor relativamente alto em solidariedade por parte do grupo de sujeitos femininos de maior idade; porém, esse mesmo grupo avalia ainda melhor o *guise* MB — em ambas as dimensões. O valor final de status para MP acaba sendo rebaixado com especial força pelo grupo de sujeitos masculinos de maior idade, que, segundo nosso processo de quantificação, avalia com valor próximo de zero essa dimensão do *guise* enfocado. Nenhuma das células de 5 sujeitos paraguaios avalia MP melhor que MB em qualquer instância, mesmo na divisão entre as dimensões que aqui enfocamos. O mesmo conjunto de tabelas nos traz mais detalhes relativos às avaliações sobre a voz feminina local: em 8b, vemos que os valores de solidariedade atribuídos a FP são invariavelmente altos (*i.e.*, na casa de +1), sendo que é aqui que encontramos o maior valor absoluto dentro deste formato de divisão: +1.93, por parte dos sujeitos femininos de maior idade — o que significa uma avaliação *quase que unânime* de +2 (o máximo possível dentro do formulário de teste) por parte desse grupo de ouvintes com respeito a atributos de solidariedade sobre esse *guise* local feminino. Na comparação entre *guises* brasileiros e argentinos, há ligeira valorização de FB sobre FA, sendo que, na mesma proporção ao inverso, há valorização do argentino sobre o

brasileiro no caso da voz masculina. Finalmente, trazemos os valores gerais, neste recorte etnolinguístico, para status e solidariedade na divisão entre *guises* brasileiros e hispanos: aos brasileiros, são atribuídos os valores 0.9 para status e 0.76 para solidariedade; e aos hispanos, 0.64 para status e 0.78 para solidariedade.

Encerrando aqui as análises sobre recortes específicos, apresentaremos a seguir uma visão mais ampla sobre todo o conjunto de dados, tecendo comentários mais aprofundados e, desde já, algumas conclusões a que chegamos.

#### **5.4 Interpretação dos resultados**

Este percurso investigativo se encerrou, da forma que presentemente o concebemos, com análises de dados provenientes de uma metodologia indireta de coleta de atitudes linguísticas: tecnicamente, o *matched-guise* é um teste de reações a estímulos, que — desde que bem elaborado e corretamente interpretado — tem o potencial de trazer à luz as atitudes não explicitadas dos sujeitos — atitudes que, conforme defendemos aqui, se constituem como fortes indicativos de suas ideologias linguísticas. O trabalho de se chegar a estas através de pistas, de evidências, não deixa de assemelhar-se àquele de um detetive forense que consegue montar a narrativa de uma ocorrência, traçando todos caminhos da trama até formular sua conclusão, sem o apoio das declarações explícitas daqueles que foram atores ativos ou testemunhas dessa ocorrência; e em muitos casos, se seguirmos a mesma analogia, observaremos como as evidências costumam indicar a verdade dos fatos com maior exatidão que as declarações explícitas dos envolvidos nos mesmos.

Como, pelas razões contextuais aqui mencionadas anteriormente, nos limitamos a tais pistas fornecidas pela interpretação das atitudes dos sujeitos participantes, nossa análise das mesmas teve que ser o mais ampla e detalhada possível, cobrindo os diversos cruzamentos de fatores e variáveis presentes no formato escolhido.

Nosso percurso pessoal na Tríplice Fronteira (descrito no Capítulo 1 deste texto) nos trouxe algumas hipóteses a respeito do que poderia estar ocorrendo nos intercâmbios entre falantes brasileiros, argentinos e paraguaios na região; ou, mais especificamente, sobre que forças (sociopsicológicas) poderiam estar por trás do quadro sociolinguístico que parecia indicar uma assimetria nos conhecimentos e/ou usos compartilhados de dois dos principais idiomas locais: o Espanhol e o Português. Tais hipóteses foram confirmadas ao menos em



seus *sintomas* (*i.e.*, a assimetria em si foi empiricamente comprovada) em um estudo de campo sobre acomodação linguística, aqui descrito na Seção 2.2: os brasileiros da TF demonstraram comportar-se, comunicativamente, como membros da comunidade que não viam a necessidade (e/ou não tinham a capacidade, porque em seu grupo não se via razão para fomentar tal capacidade) de utilizar uma das variedades linguísticas locais, em interações cujo contexto pragmático suporia tal uso em convergência. Ao mesmo tempo, falantes argentinos e paraguaios — sobretudo estes últimos — demonstraram seus conhecimentos mais amplos nessa dimensão ao fazerem uso dos mesmos, nas mesmas situações interativas com papéis pragmáticos reversos. Seria tal comportamento assimétrico uma das consequências visíveis de atitudes linguísticas (negativas) por parte dos falantes brasileiros, com relação aos falantes hispanos da TF?

Para responder com suporte empírico a essa pergunta, procedemos à aplicação do presente *matched-guise*; e, como visto na interpretação dos dados produzidos por tal metodologia, de fato os sujeitos brasileiros da TF demonstraram a tendência a colocar a si mesmos em patamares consideravelmente mais positivos do que aqueles atribuídos a seus vizinhos nacionais e co-participantes das práticas interativas que constróem, que costumam — na concepção que defendemos — a comunidade da TF. Neste ponto, como propusemos no capítulo introdutório, será interessante comparar mais diretamente os resultados da pesquisa nas ruas e comércios/serviços aos obtidos por meio da atual aplicação do teste de atitudes — já que certas reações a estímulos específicos poderão, com reservas, levar a certos comportamentos acomodativos em face às mesmas especificidades linguísticas.

No quadro comparativo abaixo (Figura 28), colocamos lado a lado alguns desses resultados: aqueles na coluna da ‘acomodação’ fazem referência à Tabela 1 (seção 2.2), e, através de sinais matemáticos, indicam convergência (+), resultado parcial (=) ou divergência (-) à ‘outra’ língua (*i.e.*, ao Espanhol, no caso de brasileiros; ou ao Português, no caso de argentinos e paraguaios); e, na coluna ao lado, sob o título ‘atitudes’, distribuimos entre os mesmos sinais os resultados obtidos por meio do *matched-guise*, fazendo referência às figuras 34, 35 e 36: neste caso, tomamos os comparativos entre os quatro pares de *guises*, sendo que os sinais refletem se houve avaliação mais positiva (+) ou negativa (-) na passagem comparativa do estímulo ‘próprio’ para o alheio, considerando-se como igual (=) uma diferença inferior a 0.1 em referida passagem.

Figura 28: Comparativo entre acomodação comunicativa (2013) e atitudes linguísticas (2022) entre sujeitos nacionais da Tríplice Fronteira.

grupo etnolinguístico	acomodação	atitudes
brasileiros	+3 =3 -24	+1 =0 -7
argentinos	+9 =11 -10	+5 =1 -2
paraguaios	+28 =1 -1	+5 =1 -2

Embora não pretendamos traçar um paralelo totalmente exato entre as duas metodologias e entre as duas questões que investigam, não deixa de chamar a atenção o caso específico dos brasileiros, em que a menor acomodação ao Espanhol parece corresponder bastante às atitudes mais negativas a essa língua que, indiretamente, revelaram ter por meio do teste aqui aplicado. Na verdade, conforme argumentamos e como seria lógico supor, a relação de causa-consequência seria compreendida no sentido oposto: porque há uma atitude mais/menos positiva, há uma acomodação que tende mais/menos à convergência. É claro que, por diversos motivos — como discutimos na seção 3.4 —, é possível que se realize uma convergência linguística em direção a um falante por cujo grupo se tenha uma atitude negativa; e, mais além, o primeiro estudo se realizou dentro de contextos pragmáticos que fomentariam o comportamento de convergência. De qualquer forma, a correspondência entre as colunas parece corroborar pelo menos parcialmente a relação causa-efeito formulada. No caso dos sujeitos paraguaios, se tomarmos somente os *guises* paraguaios (destacados dos argentinos) em comparação aos brasileiros, o resultado das atitudes corresponderá de forma ainda mais direta ao da convergência, já que em três das quatro passagens comparativas o *guise* brasileiro foi melhor avaliado que o local.

Neste ponto, vale a pena lembrar que, na consideração geral dos dados, os sujeitos brasileiros cujas atitudes foram aferidas indiretamente pelo *matched-guise* não colocaram os estímulos ‘alheios’, de uma forma geral, do lado negativo da escala: estes, tal como os estímulos ‘próprios’, também foram avaliados *acima* do ponto zero (ou seja, positivamente), segundo a metodologia de quantificação que seguimos. Os dois pontos de análise que

chamam a atenção para diferenças entre os brasileiros e os grupos hispanos radicam, primeiramente, no valor comparativamente mais alto que os primeiros atribuem às representações próprias, e, além disso, no valor comparativamente mais baixo que atribuem às representações hispanas (Figura 29):

*Figura 29: valores gerais atribuídos a guises brasileiros e hispanos, por grupos nacionais.*

Brasileiros	Argentinos	Paraguaios
<i>guises</i> brasileiros: .91	<i>guises</i> brasileiros: .79	<i>guises</i> brasileiros: .83
<i>guises</i> hispanos: .51	<i>guises</i> hispanos: .63	<i>guises</i> hispanos: .71

Acreditamos que o que está em jogo, principalmente, é a relativa diferença de ‘altura’ entre os dois grupos de estímulos dentro do recorte brasileiro — cujo intervalo é o maior dentre todos os grupos nacionais: 0.4 a favor dos *guises* brasileiros, contra 0.16 no recorte argentino e 0.12 no recorte paraguaio. Mesmo assim, como todos os valores da figura acima se situam dentro de uma margem que consideramos como ‘positividade fraca’ (*i.e.*, entre 0 e +1), é possível que o não-uso do Espanhol, na situação investigada em 2013, se deva mais por desconhecimento do universo cultural do ‘outro’ do que por um rechaço decisivo a esse universo, e/ou a falantes desse universo. Defendemos que o desconhecimento, o alheamento e a expectativa de que o esforço comunicativo seja efetuado em direção a si, devem sim ser produto de certo nível de rechaço; mas, considerando conjuntamente nosso percurso local e alguns conhecimentos mais gerais acerca das dinâmicas do Cone Sul, diríamos que tal rechaço parece fluir mais perceptivelmente de cima para baixo sobre os sujeitos brasileiros: ou seja, parece ser o resultado de processos históricos e relações políticas internacionais que podem vir de longa data, coordenando certas instituições — como a escola ou os meios de comunicação, por exemplo — que, por sua vez, poderão predispor membros das comunidades a certos *habitus* (no conceito de Bourdieu, 1977) passíveis de serem captados em análises como as que realizamos. Também defendemos<sup>69</sup> que as atitudes linguísticas, por sua vez, estão muito mais atreladas a um conjunto de ideologias linguísticas ao qual, forçosamente, *devem* se referir; de fato, acreditamos que a atitude é a expressão indireta da ideologia — pelo menos quando se reduz esta última a ‘positiva’ ou ‘negativa’ (ou ‘neutra’, caso assim se deseje). Temos dificuldades em conceber, por exemplo, uma situação na qual certo grupo expresse

<sup>69</sup> De forma mais completa, tal argumentação pode ser vista nas seções 2.2 e 2.3.

*genuinamente*, a respeito de uma língua, que a mesma é “limitada, primitiva, incapaz de expressar adequadamente conteúdos científicos ou artísticos”, e que ao mesmo tempo demonstre atitudes linguísticas positivas sobre a mesma em uma metodologia indireta como a do teste que utilizamos: ao menos nos parece impossível que isso ocorra dentro da dimensão de ‘status’ compreendida pelo *matched-guise*.

Voltando às questões mais específicas investigadas neste trabalho, vimos que os resultados obtidos por meio da análise primária apresentada na seção 5.1 — que demonstraram como os sujeitos argentinos e paraguaios replicaram o quadro atitudinal dos sujeitos brasileiros, em uma consideração mais geral (figura 18) — se mantêm apenas a essa maior distância, que não permite distinguir diversas nuances específicas. Conforme avançamos na subdivisão dos dados, ao levarmos em conta certas variáveis sociais e cruzamentos entre estas (ver, por exemplo, figura 19 e algumas das subsequentes), vemos que, no entanto, a ‘positividade’ atribuída pelos outros grupos etnolinguísticos aos brasileiros, representados pelo estímulo auditivo dos *guises* em Português, pode encontrar alguns poréns a depender do caso.

Quando deixamos de falar em *guises* ou estímulos ‘hispanos’ e passamos a considerar as representações de variedades especificamente argentinas e paraguaias, encontramos os primeiros poréns: se não exatamente para os sujeitos brasileiros, certamente para os dois outros grupos. Vemos (cf. Figura 19) como os sujeitos argentinos, por exemplo, avaliam os *guises* ‘próprios’ de forma mais positiva que os *guises* brasileiros, com uma diferença de 0.14 ponto. Quando os mesmos sujeitos são levados a comparar vozes brasileiras a paraguaias, no entanto, o resultado é substancialmente favorável às primeiras (diferença de 0.44), e é somente por essa razão que, no cômputo geral da figura 18, se sustenta a formulação de que “sujeitos argentinos favorecem estímulos brasileiros frente a estímulos hispanos”. Vimos também como, no caso dos sujeitos paraguaios, de forma mais ou menos surpreendente, a atitude argentina de “valorizar o próprio grupo (hispano) frente aos brasileiros e valorizar os mesmos brasileiros frente ao outro grupo (hispano)” não é seguida, mas invertida: os *guises* ‘próprios’ são desvalorizados frente aos brasileiros (0.17 ponto), ainda mais fortemente do que os *guises* argentinos frente aos mesmos estímulos (cuja diferença é de apenas 0.08 ponto). Quando, além disso, percebemos que a valorização dada por sujeitos brasileiros aos *guises* ‘próprios’ frente aos *guises* argentinos é consideravelmente menor que a mesma frente aos *guises* paraguaios (0.29 e 0.44 respectivamente), parece que estamos frente a certos

entendimentos comuns aos participantes das práticas interativas da Tríplice Fronteira, que poderíamos formular da seguinte maneira:

- i) “Brasileiros são avaliados mais positivamente que paraguaios” — corroborado pelos três grupos de sujeitos nacionais.
- ii) “Brasileiros são, em parte, avaliados mais positivamente que argentinos” — corroborado por brasileiros, com menor força do que na situação anterior; corroborado de forma muito ligeira por paraguaios, mas *negado* ligeiramente por argentinos.

O formato do teste — devido às dificuldades contextuais explicadas na seção 4.1, e também a algumas considerações de ordem metodológica — não contemplou a dimensão comparativa direta entre *guises* argentinos e paraguaios, sendo esta uma de suas principais limitações. Se em algum momento futuro tal dimensão for investigada, por meio de um *matched-guise* específico, será possível ter mais clareza sobre certas questões: por exemplo, se sujeitos paraguaios também avaliarão melhor este ‘outro’ grupo frente ao próprio (como, neste teste, fizeram frente aos brasileiros), e qual será a medida da (hipotética) valorização dos *guises* próprios nesse contexto, por parte dos sujeitos argentinos. Da mesma forma, não deixaria de ser de interesse a aplicação de tal teste a ouvintes brasileiros da TF — talvez acrescido de uma questão que permitisse a tais sujeitos assinalar se percebem cada um dos estímulos como ‘argentino’, ‘paraguaio’, ‘outro’ ou ‘desconhecido’, tanto para verificar se são capazes de identificar as diferenças entre as variedades transfronteiriças (como parece ser o caso, com base nos presentes resultados), quanto para que se possa estabelecer com mais segurança a medida de suas atitudes sobre os dois grupos a serem representados em contraposição direta.

Nossa análise, como visto, desdobrou-se na consideração de variáveis sociais mais específicas, como o sexo e o grupo etário dos sujeitos, bem como o gênero das vozes avaliadas. Dentre as várias questões identificadas dentro de tais enfoques mais específicos e descritas principalmente na seção 5.2, sintetizaremos aqui as mais relevantes para a formulação de conclusões gerais, dando sequência à numeração iniciada acima:

- iii) Os sujeitos femininos do Brasil e do Paraguai tendem a ser consideravelmente menos ‘protecionistas’ que os sujeitos masculinos de ambos países no que diz respeito à avaliação

dos estímulos ‘próprios’, sendo que tal abertura ao ‘alheio’ diminui um pouco no caso de sujeitos femininos da Argentina em comparação aos sujeitos masculinos do país.

iv) Os sujeitos masculinos do Brasil formam o grupo da TF que mais valoriza os estímulos ‘próprios’ frente aos ‘alheios’, avaliando de forma mais positiva os *guises* brasileiros, sem exceção, nas quatro instâncias comparativas possíveis (cf. Figura 33).

v) Os sujeitos femininos do Paraguai, em contraponto, parecem tender a valorizar mais estímulos ‘alheios’ frente aos ‘próprios’, levando em conta que a valorização da voz feminina ‘própria’ que dão frente à voz brasileira pode ser considerada apenas ligeira (0.12 ponto).

Se tomarmos a figura 33, poderemos ter uma medida de como as representações de seis personagens tríplice-fronteiriços — a mulher e o homem brasileiros; a mulher e o homem argentinos; a mulher e o homem paraguaios — se colocam em um quadro comparativo geral: faremos isso por meio de uma somatória de todos os intervalos (positivos ou negativos) resultantes do maior ou menor valor quantificado que essas representações possam ter recebido, em separado, frente ao *guise* ‘estrangeiro’ com que formam um par. Estamos apresentando estes dados somente a título de curiosidade, e como um exemplo do que poderia ser feito com o aproveitamento de dados obtidos em metodologias similares. Enfatizamos que os mesmos não devem ser tomados como categóricos, já que, devido ao formato do presente teste de *matched-guise*, as representações argentinas e as paraguaias foram sempre contrapostas uma única vez a uma representação brasileira, enquanto que as representações brasileiras, tomadas no sentido ‘homem’ e ‘mulher’, foram contrapostas ora a uma representação argentina, ora a uma paraguaia. Não perdendo de vista as limitações do teste — como a mencionada ausência da instância de comparação direta entre *guises* argentinos e paraguaios — temos, de qualquer forma, os seguintes resultados em ordem decrescente:

*mulher brasileira: +3.37;*

*homem brasileiro: +1.69;*

*homem argentino: +1.35;*

*mulher paraguaia: -1.32;*

*mulher argentina: -2.05;*

*homem paraguaio: -3.04.*

A observação da cautela metodológica já mencionada desautorizaria a formulação de conclusões muito sólidas a partir desta equação de soma final zero; porém, em casos nos quais

o ‘ranqueamento’ acima está em consonância com as inclinações demonstradas por todas ou quase todas as subdivisões de sujeitos participantes da pesquisa, é possível enxergar uma tendência ideológica a respeito: por exemplo, parece que, ao redor de toda a TF, os falantes têm uma imagem menos positiva do homem paraguaio — que não é menor no próprio Paraguai, sobretudo entre os sujeitos do sexo feminino. Acreditamos, inclusive, que é por ter sido contrastado a essa representação que o ‘homem brasileiro’ aqui representado termina com um valor positivo — que não sustenta frente à representação do ‘homem argentino’ em comparativo direto. Um quadro mais real deste ranqueamento seria obtido, mais uma vez, com o acréscimo de pares argentinos-paraguaios de *guises*: um par de voz feminina, outro de voz masculina. Possivelmente, assim, os números e as posições acima mudariam. Por exemplo, em um comparativo direto ‘voz masculina argentina — voz masculina paraguaia’, com possível tendência de maior valorização da primeira, os valores presentes atribuídos à caracterização ‘homem argentino’ tenderiam a subir consideravelmente. Para dar a devida profundidade a esta e a muitas outras questões que nascem daquilo que aponta um teste de *matched-guise*, resta-nos dar a devida atenção ao que poderia ser descrito como um dos trunfos principais dessa metodologia, na medida em que nos permite compreender melhor as diferentes forças socioculturais que atuam na construção de uma atitude positiva ou negativa; no prestígio ou no desprestígio atribuído a um determinado grupo etnolinguístico.

As dimensões de status e solidariedade, descritas na seção 3.5, nos trouxeram alguns entendimentos interessantes sobre a que, exatamente, certos grupos da TF parecem dar mais atenção em suas interações e observações integrupos, e que culmina no estabelecimento de uma atitude positiva ou negativa. Recordamos que, por exemplo, uma atitude final ‘positiva’ pode se desdobrar em alta valorização dentro da dimensão de status e ligeira desvalorização dentro da dimensão de solidariedade, entre outras possibilidades.

Vimos, na discussão pertinente, qual costuma ser o quadro mais típico associado a contatos entre um grupo que exerça domínio político e/ou socioeconômico e outro que detenha uma menor força nessas áreas: as atitudes do grupo dominante frente ao outro, em comparação ao próprio, tendem a ser mais negativas tanto em status como em solidariedade, se bem que haja destaque para a primeira das dimensões; e quanto ao outro grupo, é comum que coloquem a si mesmos abaixo do grupo dominante na dimensão de status, mas muitas vezes acima deste na dimensão de solidariedade. Foi assim nos vários estudos pioneiros da metodologia, desenvolvidos no âmbito mais característico da Psicologia Social e com o envolvimento de franco-canadenses e anglo-canadenses na província do Québec nos anos de

1960. Nossa hipótese inicial a respeito do que ocorreria na TF, envolvendo essa mesma problemática, colocava os brasileiros na posição aproximada de tais anglo-canadenses, e os vizinhos na posição dos franco-canadenses dos mesmos estudos. Os dados revelaram que isso se comprova até certo ponto; não de forma categórica se levarmos em conta as distinções entre sujeitos nacionais: em nossa quantificação, os brasileiros atribuem aos *guises* ‘próprios’ os valores de 0.82 para status e 1 para solidariedade, e aos hispanos em geral 0.52 para status e 0.49 para solidariedade, colocando-se, portanto, em níveis mais altos em ambas as dimensões; e, quando se tomam também os hispanos em geral para a verificação do contraponto, vemos o mesmo padrão de favorecimento em ambas as dimensões, se bem que com força proporcionalmente menor: estes atribuem aos *guises* brasileiros 0.84 de status e 0.77 de solidariedade, e aos *guises* próprios 0.67 de status e igualmente 0.67 de solidariedade. Mais uma vez ao longo deste trabalho, comprovamos que, se o agrupamento de argentinos e paraguaios como ‘hispanos’ pode ser mais ou menos funcional quando analisamos comportamentos e atitudes de sujeitos *brasileiros* no contexto local, é quase sempre necessário tomar argentinos e paraguaios como grupos devidamente separados pelo critério de nacionalidade quando se deseja lançar a mirada do sentido oposto. Vejamos, então, o que ocorre a partir dessa separação.

Os sujeitos paraguaios dão às representações brasileiras 0.91 para status (maior que o valor atribuído pelos próprios brasileiros) e 0.76 para solidariedade, e às próprias 0.67 para status e 1.13 para solidariedade, o que faz com que tenhamos, nesta relação binacional específica, a confirmação perfeita da hipótese inicial recém-mencionada, com destaque para a alta solidariedade atribuída às representações ‘próprias’. Quando tomamos os sujeitos argentinos, no entanto, algo diferente ocorre: estes dão às representações brasileiras 0.78 para status e 0.79 para solidariedade, e às próprias 0.83 para status e 0.41 para solidariedade (a mais baixa ‘autoatribuição’ nessa dimensão — que se poderia explicar, em parte, pelo fato de uma das duas representações argentinas ter uma qualidade de voz ‘ruim’). Neste caso, o grupo não se coloca como os franco-canadenses do contexto mencionado: na verdade, em sua própria visão implícita, se aproximam mais da posição dos anglo-canadenses — a mesma que os brasileiros atribuem indiretamente a si mesmos — com as ressalvas de que a diferença nos valores de status intergrupos neste comparativo é negligível, e de que o valor de solidariedade atribuído às próprias representações é consideravelmente baixo. Neste aspecto, portanto, temos a conclusão de que:



vi) As visões sobre as relativas posições de status e de solidariedade (nos termos da metodologia do *matched-guise*) ocupadas pelos três grupos nacionais da Tríplice Fronteira, e que poderiam caracterizar um ‘grupo dominante’ local, não são totalmente homogêneas através dos mesmos grupos, já que os sujeitos argentinos atribuem a si próprios uma posição ligeiramente mais elevada em status frente aos brasileiros, sendo esta a única exceção dentro do que seria um acordo geral implícito sobre essa consideração.

A esta altura, vale a pena retomar as caracterizações de Reid (2012) que citamos anteriormente acerca de quatro ‘estereótipos’ que seriam produzidos por combinações de + ou - status e solidariedade, nas avaliações entre diferentes grupos.

Segundo o autor, grupos dominantes recebem estereótipos ‘invejosos’, *i.e.*, valores altos em status (competência) e baixos em solidariedade (cordialidade); grupos subordinados que não são ameaçadores recebem estereótipos ‘paternalistas’, *i.e.*, baixos em status e altos em solidariedade; grupos subordinados que são ameaçadores recebem estereótipos ‘desdenhosos’, *i.e.*, baixos em status e em solidariedade; e, finalmente, pessoas do mesmo grupo ou “aliados próximos” recebem estereótipos ‘admiráveis’, *i.e.*, altos em status e em solidariedade. Encaixaríamos com sucesso os nossos grupos dentro de tais caracterizações?

Uma das questões a serem levadas em conta, aqui, é a relatividade dos termos ‘alto’ e ‘baixo’. Conforme vimos, todas as avaliações listadas nos parágrafos anteriores se situam entre as margens numéricas daquilo que caracterizamos como uma ‘positividade fraca’, que aqui poderia ser traduzida como ‘altura moderada’ (valores entre 0 e 1), com a notável exceção de 1.13 em solidariedade atribuída às representações paraguaias por ouvintes paraguaios. Sendo assim, os adjetivos de relevo que aqui se colocam em questão funcionam melhor em uma análise contrastiva. Dito isso, poderíamos argumentar que os brasileiros se atribuem estereótipos ‘admiráveis’, aproximando um pouco os vizinhos hispanos de um estereótipo ‘desdenhoso’ — sem, no entanto, chegar lá em definitivo: mais uma vez, é importante lembrar que, se os brasileiros subtraem valores de status e de solidariedade na avaliação dos guises ‘alheios’, estes ainda assim terminam dentro do espectro positivo. Outros resultados dignos de nota são os estereótipos ‘paternalistas’ recebidos pelas representações paraguaias, e corroborados de forma especial pelos próprios paraguaios; e os valores relativamente altos em status e baixos em solidariedade, que os argentinos atribuem às representações próprias, correspondem, curiosamente, ao estereótipo ‘invejoso’.

Vejamos, também, alguns detalhes da questão da representação de homens/mulheres dos três países, acima abordada, à luz das dimensões de status e de solidariedade.

Descrevemos anteriormente o caso emblemático do *guise* M1-P frente a seu *match* M1-B: de como foi unanimemente mal avaliado nesse contexto comparativo, revelando um provável índice das atitudes tríplice-fronteiriças compartilhadas sobre a figura do homem paraguaio. Nesse aspecto, é possível verificar em mais detalhes o que estaria mais diretamente em jogo: percebemos que é a dimensão de *status* a maior responsável pela diferença negativa com respeito ao *guise* brasileiro. Com exceção dos próprios sujeitos brasileiros (que abordaremos em breve, a respeito desta questão específica), as quedas na passagem de M1-B a M1-P são muitíssimo mais acentuadas em *status* do que em *solidariedade*. Curiosamente, se tomarmos a representação da mulher paraguaia através do *guise* F1-P, contraposto a seu *match* F1-B, veremos que esta é ligeiramente desvalorizada por sujeitos brasileiros e argentinos; mas, entre os sujeitos paraguaios, embora haja queda na dimensão de *status* frente à contraparte brasileira, observa-se uma *forte subida* a seu favor na dimensão de *solidariedade*. Especificamente entre os sujeitos paraguaios, portanto, vê-se um quadro em que desprestigiam sua representação masculina em valores associados a *status*, ao mesmo tempo em que valorizam — defendem, talvez também se possa dizer — sua representação feminina em valores associados a *solidariedade*.

No caso dos sujeitos brasileiros e argentinos, o que a análise nos permitiu observar é que os primeiros se veem implicitamente como o grupo mais prestigioso da TF, enquanto que os segundos fazem isso em parte — na dimensão do *status*, desvalorizando-se frente aos brasileiros na dimensão da *solidariedade*. As dimensões às quais estes grupos dão mais importância — ou das quais saem com mais frequência os materiais ideológicos para a construção desse prestígio simbólico — são diferentes em cada caso. Por exemplo, os valores mais altos que os sujeitos brasileiros atribuem às próprias representações estão na dimensão de *solidariedade*, e é essa também a dimensão que apresenta queda mais acentuada quando avaliam as representações hispanas em comparação; e os sujeitos argentinos, conversamente, colocam o *status* como a dimensão mais alta para as próprias representações, e, na passagem de um *guise* argentino para um brasileiro, é essa mesma dimensão que termina com uma diferença positiva (ainda que ligeira). Mais claramente, então:

vii) Os brasileiros da Tríplice Fronteira indicam que o conjunto de valores associado à dimensão de *solidariedade* (nos termos da Psicologia Social) é aquele pelo qual estabelecem com mais segurança as dinâmicas ascendentes ou descendentes de prestígio relativo entre diferentes grupos sociais.

viii) Os argentinos da Tríplice Fronteira indicam que o conjunto de valores associado à dimensão de *status* (nos termos da metodologia do *matched-guise*) é aquele pelo qual estabelecem com mais segurança as dinâmicas ascendentes ou descendentes de prestígio relativo entre diferentes grupos sociais.

O que estes dados podem dizer? Recordemos que, entre os atributos pessoais positivos que se localizam na dimensão de status, poderíamos ter ‘estudioso’, ‘culto’, ‘inteligente’, ‘rico’, ‘profissional’, ‘trabalhador’, entre outros. Se o sujeito argentino da TF constrói o prestígio e a distinção com maior força a partir da referência a esse conjunto, provavelmente a contraparte brasileira faça o mesmo enfocando atributos como ‘bonito’, ‘simpático’, ‘generoso’, ‘limpo’, ‘honesto’, ‘bem-humorado’, entre outros. Ou seja, talvez um preconceito ‘à brasileira’ possa envolver com mais força uma formulação do tipo “eles são sujos” ou “eles são feios” do que “eles são pobres” ou “eles são ignorantes”, valendo mais o oposto em um preconceito ‘à argentina’. Recordemo-nos do trabalho de El-Dash e Busnardo (2001, apresentado aqui na seção 2.5), que se surpreenderam ao constatar que jovens brasileiros que jamais haviam tido contato pessoal com falantes estadunidenses colocavam os *guises* representativos desse grupo a aproximadamente a mesma altura que os *guises* ‘próprios’ na dimensão de solidariedade. Entre aqueles sujeitos-estudantes, a atitude positiva sobre a língua inglesa — ou, mais acertadamente, sobre o *aprender* a língua inglesa — caminhava de mãos dadas com a atribuição de valores altos de solidariedade a representações de falantes dessa língua. Provavelmente, então, a ‘queda’ mais abrupta que aqui se registra na dimensão de solidariedade quando comparamos os valores de um *guise* brasileiro aos de seu *match* hispano, dentro das avaliações dos sujeitos brasileiros tríplice-fronteiriços, pode ser um índice de sua relativa resistência em adquirir o idioma Espanhol.

Finalizaremos aqui esta sequência de análises, acreditando haver extraído dos dados um suficiente material para permitir a elaboração de algumas conclusões importantes.

## 6. ALGUMAS CONCLUSÕES

Esperamos ter apresentado, aqui, um retrato satisfatório das atitudes linguísticas — que, por sua vez, nos dão as direções ideológicas linguísticas — que circulam na Tríplice Fronteira a respeito de seus três grandes grupos nacionais. Temos uma comunidade que se pode defender como ‘linguística’ dentro de certas considerações, cujos membros têm as mesmas expectativas sobre os lugares e a utilização da(s) língua(s) local/is: O paraguaio sabe falar Português, e na grande maioria dos casos é o que faz na interação com um brasileiro, porque provavelmente o contexto torna isso conveniente, e provavelmente porque acredita ser natural e, quem sabe, até agradável fazê-lo. O argentino tem, comparativamente, um conhecimento menor do Português, mas mesmo assim suficiente para fazer-se entender em um nível básico pelos brasileiros, e se o faz em uma interação com estes é provavelmente porque haverá uma vantagem funcional nessa ação. Estes dois grupos nacionais *sabem* que muito provavelmente o brasileiro não irá falar Espanhol consigo, e os brasileiros “*sabem que isso é sabido*”: esperam a convergência em sua direção por parte de argentinos e paraguaios como um fato natural. Ao mesmo tempo em que atestamos a existência desse saber compartilhado, temos, curiosamente, uma Tríplice Fronteira algo desigual e discorde em ao menos um aspecto simbólico importante quando notamos que as percepções dos grupos locais sobre seus relativos lugares de prestígio *não são unanimemente as mesmas*.

Dito isso, deveremos revisitar a caracterização da Tríplice Fronteira como comunidade de fala, sobre a que discorreremos na seção 2.4 deste texto. Dentro de que concepções ela se sustentaria? Onde é que encontraria maiores problemas?

Como vimos, para Labov (1972) a definição passa pela existência de um conjunto de normas sociolinguísticas que possam ser observadas nos usos da pretendida comunidade. Mais além, deve haver um entendimento comum, entre os membros, acerca da avaliação dessas normas. Em outras palavras, deve-se compartilhar um conjunto de atitudes linguísticas. Dentro dessa definição, vemos que o fato de estarmos tratando de cidades localizadas em três países diferentes, falantes oficiais de três línguas diferentes (duas das quais são aqui enfocadas), não seria impeditivo para que argumentássemos a favor de sua caracterização como comunidade de fala. A defesa de uma avaliação comum, no entanto, pode encontrar desafios frente aos dados que coletamos nesta oportunidade. Como dissemos nesta seção, compreendemos que existe um entendimento comum, na região enfocada, acerca de como se desenrolará um diálogo que envolva, por exemplo, um brasileiro e um paraguaio ou argentino: o primeiro tenderá a utilizar o Português, e os segundos deverão (ou buscarão) acomodar-se

nesse sentido, igualmente utilizando o Português. Tal entendimento, como vimos, não impede que haja pontos de divergência com respeito às atitudes de sujeitos paraguaios, brasileiros e argentinos frente ao Português e ao Espanhol — principalmente entre os dois últimos grupos nacionais. Talvez possamos argumentar, de posse de tais dados e trabalhando dentro dessa perspectiva, que os laços de comunidade estejam mais bem costurados entre Ciudad del Este e Foz do Iguaçu, ficando o vértice argentino um pouco mais solto. De fato, recordamos que a ponte que cruza o rio Paraná (que une o Brasil ao Paraguai) costuma ser intensamente cruzada a pé, em ambas as direções, por sujeitos que transitam sem grandes dificuldades entre regiões centrais de Foz do Iguaçu e Ciudad del Este, sem que sua ‘saída’ ou sua ‘entrada’ sejam registradas; e, em contraste, a ponte sobre o rio Iguaçu (que une o Brasil à Argentina) se encontra mais isolada das aglomerações urbanas centrais, sendo percorrida quase que unicamente por veículos motorizados, cujos ocupantes terão seu trânsito invariavelmente registrado. De qualquer forma, as “atitudes compartilhadas”, nos moldes labovianos, sempre disseram respeito a certos usos linguísticos — a centralização de ditongos, a pronúncia variável de um fonema — e não a atitudes linguísticas como as que investigamos aqui.

Gumperz (1968), conforme analisamos, colocou um foco maior sobre a questão da interação como a principal constituinte do que seria uma “comunidade de fala”; ou seja, a frequência dos contatos entre os membros é essencial, já que é por esse meio que se difundem, por exemplo, variedades linguísticas. Nesse aspecto, é mais fácil enxergar a Tríplice Fronteira como uma entidade ‘própria’: é inegável que, entre as três principais cidades (e talvez algumas de suas vizinhas imediatas), as redes de interações ‘internacionais’ e ‘interlinguísticas’ existam de forma incomparavelmente mais intensa do que seria o caso com relação a cidades localizadas a cem quilômetros de distância — para dentro do Brasil, do Paraguai ou da Argentina. Aliás, poderíamos tomar o termo ‘enxergar’ de forma literal: se em Foz do Iguaçu são vistos, de forma cotidiana, automóveis dos três países e anúncios de comércio e serviços que façam referência às outras margens dos rios, em Cascavel (cidade paranaense distante cerca de 125km da anterior) a paisagem linguística/referencial muda radicalmente: estamos firmemente no interior do Brasil, e não no Brasil da Fronteira. O mesmo vale com relação a Puerto Iguazú e Montecarlo (cidade argentina na província de Misiones, a cerca de 125km da aduana brasileira): nesta última, o Brasil e o Português já são entidades distantes, quase que completamente alheias ao cotidiano local.

Acreditamos que a noção de uma comunidade como construção (no rumo da proposta de Duranti, 1997), *em* construção, pode ser aplicada de forma mais segura à região geográfica e aos grupos nacionais e linguísticos que englobamos neste trabalho. Os produtos dos diversos

fenômenos que analisamos ou simplesmente contemplamos neste espaço não são estáticos ou imutáveis: os padrões de comportamentos linguísticos; os acordos e os desacordos em algumas das avaliações internas sobre as línguas e os falantes que interagem localmente, entre outros, estão fadadas a variar — principalmente porque, no contexto específico, as relações entre os falantes deverão variar de acordo com relações mais amplas, que não levarão em conta apenas o imediatismo dos três vértices do triângulo tríplice-fronteiriço, mas estarão permeadas por forças de caráter mais geral, mais nacional: relações de poder político, econômico e cultural que estarão às costas dos três personagens locais, puxando-os ou empurrando-os quando estes se entreolharem através dos rios e interagirem (e o fato é que interagem consideravelmente, dentro de uma comunidade que tem características especiais e talvez um tanto paradoxais: se por um lado podem ser vistos como os representantes de seus países, por outro não são *apenas* esses países em si, mas a fronteira dos mesmos, como lugar onde há contato com outros). Tais dinâmicas flutuam ao sabor da História.

Este trabalho, em seus oito anos de realização, atravessou panoramas políticos radicalmente diferentes no Brasil: teve início em uma época na qual o país ainda colhia os últimos frutos de um período de grande projeção mundial e liderança regional, e, acompanhando depois alguns anos de incerteza interna, veio a cair em um contexto em que começava a inspirar cada vez mais perplexidade e desconfiança internacional — cenário no qual os dados aqui analisados foram coletados. Por quanto tempo devem permanecer em cena certas disposições políticas e estados de relações internacionais até que seus efeitos possam ser captados em um estudo que enfoque fenômenos como os que aqui abordamos? Eis aí uma pergunta que gostaríamos de saber responder. Como a situação sombria vivida pelo Brasil foi deixada para trás após as eleições presidenciais de 2022, acreditamos que, em algum momento, deverá haver mudanças no quadro atitudinal que aqui descrevemos. Sejam quais forem os rumos que tomarem Brasil, Argentina e Paraguai, deveremos esperar tais mudanças.

Que não escapem à atenção de um futuro estudo.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALTENHOFEN, C. V. **Hunsrückish in Rio Grande do Sul. Ein Betrag zur Beschreibung einer deutschbrasilianischen Dialektvarietät im Kontakt mit dem Portugiesischen.** Stuttgart: F. Steiner, 1996.

\_\_\_\_\_. Migrações e contatos linguísticos na perspectiva da geolinguística pluridimensional e contatual. **Revista de Letras Noroeste.** Cuiabá, MT: UNEMAT, vol. 6, n. 12, p. 31-52, 2013.

AMÂNCIO, R. G. **As "cidades trigêmeas": um estudo sobre atitudes linguístico-sociais e identidade.** Dissertação de Mestrado. Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.

AMBROSETTI, J. B. **Os índios Kaingang de San Pedro (Misiones), com um vocabulário.** Campinas, SP: Curt Nimuendajú, 2006.

APPEL, R; MUYSKEN, P. **Language contact and bilingualism.** Amsterdam: University Press, 2005.

BARCELLOS, M. E. M. **O falar paulistano e os significados sociais de (AN): correlações entre origem do ouvinte e percepção.** Dissertação de Mestrado em Linguística. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020.

BARRIOS, G. Discursos hegemônicos y representaciones lingüísticas sobre lenguas en contacto y de contacto: Español, Portugués y Portuñol fronterizos. *in* DA HORA, D.; De LUCENA, R. M. (Orgs.). **Política linguística na América Latina.** João Pessoa: Ideia, 2008.

BLOM, J. P.; GUMPERZ, J. J. Social meaning in linguistic structure: code-switching in Norway. *in* GUMPERZ, J. J.; HYMES, D. (eds.). **Directions in Sociolinguistics.** New York: Holt, Rinehart e Winston, 1972.

BOLIVAR, T. Formas de tratamento no comércio rio-grandense. *in* **Anais do 8º Encontro do CELSUL - Círculo de Linguísticos do Sul,** Porto Alegre, RS, 2008.

\_\_\_\_\_. **A forma 'você' em interações comerciais em Porto Alegre, RS.** Dissertação de Mestrado. Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, 2008.

\_\_\_\_\_. Espaços do Português e do Espanhol na Tríplice Fronteira - análises preliminares. **Língua e Literatura,** Frederico Westphalen, v. 15, n. 25, p. 267-283, 2013.

BOURDIEU, P. **A economia das trocas linguísticas - o que falar quer dizer.** São Paulo: Edusp, 2008.

BOURDIEU, P.; NICE, R. **Outline of a Theory of Practice.** Cambridge: University Press, 1977.

BOURHIS, R. Y.; GILES, H.; LAMBERT, W. E. Social consequences of accommodating one's style of speech: a cross-national investigation. **International Journal of the Sociology of Language**, 6, pp. 55–72, 1975.

BROWN, P; LEVINSON, S. C. **Politeness: some universals in language usage**. Cambridge: University Press, 1987.

BROWN, R.; GILMAN, A. 'The pronouns of power and solidarity'. **Style in Language**. Cambridge, MA: MIT Press, 1960. p. 253-276.

CANEVER, F. **Infinitivo flexionado em português brasileiro: frequência e percepções sociolinguísticas**. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

CENTRAL INTELLIGENCE AGENCY. **The World Factbook. Country comparison - GDP per capita (PPP)**. Disponível em: <https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/rankorder/2004rank.html>. Acesso em: 22 jul. 2019.

CHOMSKY, N. **Aspects of the theory of syntax**. Cambridge, MA: MIT Press, 1965.

CORBARI, C. C. Crenças e atitudes linguísticas de falantes de Irati. **Signum**, Londrina, n. 15/1, p. 111-127, jun. 2012

DURANTI, A. **Linguistic Anthropology**. New York: Cambridge University Press, 1997.

ECKERT, P. Variation and the indexical field. **Journal of Sociolinguistics**, 12/4, 2008. p. 453–476.

EL DASH, L. G.; BUSNARDO, J. Brazilian Attitudes toward English: Dimensions of Status and Solidarity. **International Journal Of Applied Linguistics**, Oxford - Inglaterra, v. 11, n.1, p. 57-74, 2001.

FASOLD, R. **The sociolinguistics of society**. Oxford: University Press, 1984, *apud* APPEL, R; MUYSKEN, P. **Language contact and bilingualism**. Amsterdam: University Press, 2005.

GERMANO, M. M. **O Português e o Espanhol em uma universidade bilíngue: análise de fenômenos linguísticos em interações orais**. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Foz do Iguaçu, 2014.

GILES, H.; TAYLOR, D.; BOURHIS, R. Towards a theory of interpersonal accommodation through language - some Canadian data. **Language in Society**, v. 2. p. 177-192. Cambridge: University Press, 1973.

GILES, H. Prestige speech styles: the imposed norm and inherent value hypothesis. *in* McCORMACK, W. C.; WURM, S. A. (eds.). **Language and Society. Anthropological issues**. La Haya: Mouton, 1979.



GILES, H.; OGAY, T. Communication accommodation theory. *in* WHALEY, B. B; SAMTER, W. (eds). **Explaining communication - contemporary theories and exemplars**. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum, 2007.

GUMPERZ, J. J. Types of linguistic communities. *in* FISHMAN, J. A. (ed.). **Readings in the sociology of language**. The Hague: Mouton, 1968, p. 460-472.

HAITIANO é vítima de agressão no Centro de Foz do Iguaçu. **G1 Paraná**. 16 maio 2016. Disponível em: <http://g1.globo.com/pr/oeste-sudoeste/noticia/2016/05/haitiano-e-vitima-de-agressao-no-centro-de-foz-do-iguacu-no-parana.html>. Acesso em: 31 jul. 2019.

HAUBERT, M. **Índios e jesuítas no tempo das missões**. São Paulo, Companhia das Letras, 1990.

HONNA, N.; HOFFER, B. (eds.). **An English dictionary of Japanese ways of thinking**. Tokyo: Yuuhikaku Publishing, 1989.

IRVINE, J. T.; GAL, S. Language ideology and linguistic differentiation. *in* P. V. KROSKRITY, P. V. (Ed.). **Regimes of language: Ideologies, politics and identities**. Santa Fe: School of American Research Press, 2000, p. 35-84.

JACQUEMET, M. Transidiomatic practices: Language and power in the age of globalization. **Language & Communication** 25, p. 257–277. San Francisco: University of San Francisco, 2005.

KOCHMAN, T. **Black and White Styles in Conflict**. Chicago: University of Chicago Press, 1981.

LABOV, W. The notion of ‘system’ in Creole Studies. *in* Hymes, D. (ed.). **Pidginization and creolization of languages**. Cambridge: University Press, 1971.

\_\_\_\_\_. **Sociolinguistic Patterns**. Philadelphia: University Press, 1972.

\_\_\_\_\_. Field methods of the project on linguistic change and variation *in* BAUGH, J.; SHERZER, J. (eds.). **Language in use: readings in sociolinguistics**. Englewood Cliffs, NJ: Prentice Hall, 1984.

LAMBERT, W. E. et al. Evaluational reactions to spoken language. **Journal of Abnormal and Social Psychology**, 60(1), p. 44–51. 1960.

\_\_\_\_\_. A Social Psychology of Bilingualism. **Journal of Social Issues**, v. 23, p. 91-108, 1967.

LAWSON, S.; SACHDEV, I. Codeswitching in Tunisia: Attitudinal and behavioural dimensions. **Journal of Pragmatics**, 32 (9), Agosto de 2000.

LEECH G. **Principles of pragmatics**. London: Longman, 1983.

LOPES, A. C.; SILVA, D. N. Todos nós semos de fronteira: ideologias linguísticas e a construção de uma pedagogia translíngua. **Linguagem em (Dis)curso** v. 18, n. 3, p. 695-713, Tubarão, SC, 2018.

LÓPEZ MORALES, H. **Sociolingüística**. Madrid: Gredos, 2004.

LUSTIG, W. Mba'éichapa oiko la guarani? - Guaraní y jopara en el Paraguay. **PAPIA: Revista Brasileira de Estudos do Contato Linguístico** v. 4, n. 2, 1996. Disponível em: <http://revistas.fflch.usp.br/papia/article/view/1792>. Acesso em: 18 ago. 2020.

MENDES, R. B. **Percepção e performance de masculinidades: efeitos da concordância nominal de número e da pronúncia de /e/ nasal**. Tese (Livre Docência). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

MIZUTANI, O.; MIZUTANI, M. **How to be polite in Japanese**. Tokyo: Japan Times, 1987.

MORENO FERNÁNDEZ, F. **Principios de sociolingüística y sociología del lenguaje**. Barcelona: Ariel, 2005.

NÚÑEZ CABEZA DE VACA, A. **Naufragios y Comentarios**. Madrid: Espasa-Calpe, 2005 [1555].

ONLINE TONE GENERATOR. Disponível em: <http://onlinetonegenerator.com/pitch-shifter.html>. Múltiplos acessos.

OSGOOD C. E.; SUCI, G.; TANNEMBAUM, P. **The measurement of meaning**. Urbana, IL: University of Illinois Press, 1957.

OUSHIRO, L. **Identidade na pluralidade - avaliação, produção e percepção linguística na cidade de São Paulo**. Tese de Doutorado em Linguística. Universidade Estadual de São Paulo, 2015.

PERRAULT, C. **The complete fairy tales in verse and prose**. Mineola, NY: Dover, 2002.

PNUD Argentina. ¿Cómo están la Argentina y las provincias en los rankings de desarrollo?. 12 maio 2017. Disponível em: <http://www.ar.undp.org/content/argentina/es/home/presscenter/articles/2017/05/12/-c-mo-est-n-la-argentina-y-las-provincias-en-los-rankings-de-desarrollo-.html>. Acesso em: 22 jul. 2019.

PNUD Brasil. **Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil 2013**. Disponível em: <http://www.atlasbrasil.org.br/2013/consulta/>. Acesso em: 22 jul. 2019.

REID, S. A. Social Psychological approaches to Intergroup communication. *in* GILES, H. (ed.) **The handbook of intergroup communication**. Oxon: Routledge, 2012.

RHI-SAUSI, J. L.; ODDONE, N. Cooperación e integración transfronteriza en el Mercosur. *in* MAIRA, L. (org.). **La política internacional subnacional en América Latina**. Buenos Aires: Libros del Zorzal, 2010.

ROSSI-LANDI, F. **Il linguaggio come lavoro e come mercato**. Milan: Bompiani, 1973, *apud* DURANTI, A. **Linguistic Anthropology**. New York: Cambridge University Press, 1997.

SCHIEFFELIN, B. B. *et. al.* (orgs). **Language Ideologies: Practice and Theory**. New York: Oxford, 1998.

SENE, M. G. **A percepção sociolinguística de gênero e sexualidade: efeitos da duração de /s/ e do pitch médio**. Tese de Doutorado - Linguística e Língua Portuguesa. UNESP, 2022. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/235779>. Acesso: 28 jun. 2023.

SEVERO, F. **Viralata**. Montevideo: Rumbo Editorial, 2015.

\_\_\_\_\_. **Noite nu Norte: Versión anoitesida**. Montevideo: Kapparazón Ediciones, 2017.

SILVEIRA, G. C. P. Efeitos do abaixamento na frequência do terceiro formante na pronúncia aproximante do /r/ em coda sobre a percepção social de falantes em São Bernardo do Campo. **Domínios de Lingu@gem**, v. 16, n. 3, p. 928–952, 17 jun. 2022.

SILVERSTEIN, M. Language structure and linguistic ideology. *in* CLYNE, P.; HANKS, W.; HOFBAUER, C. (orgs.). **The elements: a parasession on linguistic units and levels**. Chicago: Chicago Linguistic Society, 1979. p.193-247.

STATISTICS Canada. **Linguistic Characteristics of Canadians**. Disponível em: <https://www12.statcan.gc.ca/census-recensement/2011/as-sa/98-314-x/98-314-x2011001-eng.cfm#a3>. 2018. Acesso em: 30 set. 2019.

STEWART, A. Jopara and the Spanish-Guarani language continuum in Paraguay - considerations in linguistics, education and literature. *in* ESTIGARRIBIA, B.; PINTA, J. **Guarani linguistics in the 21st century**. Leiden: Koninklijke Brill, 2017. p. 379-416.

TRUDGILL, P. Sex, covert prestige and linguistic change in the urban British English of Norwich. **Language in Society**, v. 1, n. 2, p. 179 - 195, 1972.

\_\_\_\_\_. **The social differentiation of English in Norwich**. Cambridge: University Press, 1974.

UNIVERSIDADE Federal da Integração Latino-Americana. **Estatuto**. Disponível em: <https://unila.edu.br/sites/default/files/files/ESTATUTO%20UNILA%20de%2026%20DE%2009%282%29%281%29%281%29.pdf>. Foz do Iguaçu, PR. Acesso: 23 dez. 2019.

\_\_\_\_\_. Levantamento mostra como jornais da Argentina, Brasil e Paraguai relacionam a Tríplice Fronteira ao terrorismo. **Notícias**, 5 jun. 2019. Disponível em: <https://portal.unila.edu.br/noticias/levantamento-mostra-como-jornais-da-argentina-brasil-e-paraguai-r-elacionam-a-triplice-fronteira-ao-terrorismo-1>. Acesso em: 1 jul. 2019.

VERSCHUEREN, J. **Ideology in Language Use - Pragmatic Guidelines for Empirical Research**. Cambridge: University Press, 2012.

WEIL, P; TOMPAKOV, R. **O corpo fala - a linguagem silenciosa da comunicação não-verbal**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1973.

WEINREICH, U. **Languages in contact - findings and problems**. The Hague, Mouton Publishers, 1968.

WIERZBICKA, A. **Cross-cultural pragmatics - the semantics of human interaction**. Berlin: Mouton de Gruyter, 2003.

ZAJÍCOVÁ, L. **El bilingüismo paraguayo - usos y actitudes hacia el guarani y el castellano**. Frankfurt: Vervuert, 2009.

## ANEXOS

Aqui apresentaremos em sequência todas as tabelas com o total de dados quantificados desta pesquisa. Note-se que cada tabela faz referência a um dos oito *guises* ou estímulos do teste, sob a avaliação de todas as células de sujeitos ouvintes de um mesmo grupo nacional. A fim de facilitar a comparação, apresentaremos em sequência os *guises* produzidos por um mesmo locutor. A Tabela 10, por exemplo, faz portanto par com a Tabela 11; a 12, com a 13, e assim por diante. Serão apresentadas todas as tabelas em que constam os dados dos sujeitos brasileiros, seguidas daquelas com os dados dos sujeitos argentinos; e, finalmente, as tabelas com os dados dos sujeitos paraguaios encerram o corpus.

*Tabela 10: Estímulo F1-P avaliado por sujeitos brasileiros.*

atributo \ grupo	amistosa	atraente	honestas	inteligente	rica	competente	sol	stt	total
BFJ	1	0.4	1.6	0.6	0	1.6	<b>1</b>	<b>0.73</b>	<b>0.86</b>
BMJ	1.8	1	1.4	1.4	-0.2	1	<b>1.4</b>	<b>0.73</b>	<b>1.06</b>
BFI	1.4	-0.4	1	1.4	-0.4	1.4	<b>0.66</b>	<b>0.8</b>	<b>0.73</b>
BMI	1.8	0.8	0.8	0.4	0.4	1	<b>1.13</b>	<b>0.6</b>	<b>0.86</b>
						<b>TOTAIS</b>	<b>1.05</b>	<b>0.71</b>	<b>0.88</b>

*Tabela 11: Estímulo F1-B avaliado por sujeitos brasileiros.*

atributo grupo	amistosa	atraente	honestas	inteligente	rica	competente	sol	stt	total
BFJ	1.6	0.8	1.8	1.4	0.4	1.2	<b>1.4</b>	<b>1</b>	<b>1.2</b>
BMJ	1	1.6	1.4	1.6	0.4	1.8	<b>1.33</b>	<b>1.26</b>	<b>1.3</b>
BFI	1.8	1.2	1	1.6	-1	1.6	<b>1.33</b>	<b>0.73</b>	<b>1.03</b>
BMI	1.8	1.8	1.6	1.2	1.4	1.2	<b>1.73</b>	<b>1.26</b>	<b>1.5</b>
						<b>TOTAIS</b>	<b>1.45</b>	<b>1.06</b>	<b>1.25</b>

*Tabela 12: Estímulo M1-B avaliado por sujeitos brasileiros.*

atributo grupo	amistosa	atraente	honestas	inteligente	rica	competente	sol	stt	total
BFJ	1.6	0.2	1.6	1.4	0	1.4	<b>1.13</b>	<b>0.93</b>	<b>1.03</b>
BMJ	1.8	0.4	1.4	1	-0.2	1	<b>1.2</b>	<b>0.6</b>	<b>0.9</b>
BFI	1.6	1.2	1.8	1.2	-0.4	1	<b>1.53</b>	<b>0.6</b>	<b>1.06</b>
BMI	1.4	-1	1.6	1	0.6	0.2	<b>0.66</b>	<b>0.6</b>	<b>0.63</b>
						<b>TOTAIS</b>	<b>1.13</b>	<b>0.68</b>	<b>0.9</b>



*Tabela 13: Estímulo MI-P avaliado por sujeitos brasileiros.*

atributo \ grupo	amistosa	atraente	honestas	inteligente	rica	competente	sol	stt	total
BFJ	1.6	0	1	1.8	-1.2	0.8	<b>0.86</b>	<b>0.76</b>	<b>0.66</b>
BMJ	0.6	-0.4	0.2	1	-0.2	1	<b>0.13</b>	<b>0.6</b>	<b>0.36</b>
BFI	1.2	0.8	0	1.4	-0.4	1	<b>0.66</b>	<b>0.6</b>	<b>0.36</b>
BMI	1.2	-1.4	-0.8	-0.2	-1.2	-0.4	<b>-0.33</b>	<b>-0.6</b>	<b>-0.46</b>
						<b>TOTAIS</b>	<b>1.13</b>	<b>0.68</b>	<b>0.9</b>

Tabela 14: Estímulo F2-A avaliado por sujeitos brasileiros.

atributo \ grupo	amistosa	atraente	honestas	inteligente	rica	competente	sol	stt	total
BFJ	0.2	0.2	1.8	1.4	-0.2	0.8	<b>0.73</b>	<b>0.93</b>	<b>0.83</b>
BMJ	0.4	-0.4	1.6	1.4	0.4	1.8	<b>0.53</b>	<b>1.2</b>	<b>0.86</b>
BFI	1.6	0.4	1.6	1.8	0.8	2	<b>1.2</b>	<b>1.53</b>	<b>1.36</b>
BMI	0.8	0.2	1.4	1.4	0.6	1.2	<b>0.8</b>	<b>1.06</b>	<b>0.93</b>
						<b>TOTAIS</b>	<b>0.81</b>	<b>1.18</b>	<b>1</b>

*Tabela 15: Estímulo F2-B avaliado por sujeitos brasileiros.*

atributo grupo	amistosa	atraente	honestas	inteligente	rica	competente	sol	stt	total
BFJ	1.6	1.2	1.6	1.4	0.2	1.6	<b>1.46</b>	<b>1.06</b>	<b>1.26</b>
BMJ	1.6	1.4	1.6	1.6	0.4	1.6	<b>1.53</b>	<b>1.2</b>	<b>1.36</b>
BFI	1.8	1.4	1.8	2	1	2	<b>1.66</b>	<b>1.66</b>	<b>1.66</b>
BMI	0.6	1.2	1.6	1.8	1	1.8	<b>1.13</b>	<b>1.53</b>	<b>1.33</b>
						<b>TOTAIS</b>	<b>1.45</b>	<b>1.36</b>	<b>1.4</b>

Tabela 16: Estímulo M2-A avaliado por sujeitos brasileiros.

atributo \ grupo	amistosa	atraente	honestas	inteligente	rica	competente	sol	stt	total
BFJ	0.2	-0.6	1.6	0.8	-0.2	0.6	<b>0.4</b>	<b>0.4</b>	<b>0.4</b>
BMJ	0	-1.2	0.6	-0.2	-1.4	0.6	<b>-0.2</b>	<b>-0.33</b>	<b>-0.26</b>
BFI	-0.2	-1.6	0.6	0.8	-1.6	0.2	<b>-0.4</b>	<b>-0.2</b>	<b>-0.3</b>
BMI	-0.6	-1.6	0.4	0.2	-0.2	-0.2	<b>-0.6</b>	<b>-0.06</b>	<b>-0.33</b>
						<b>TOTAIS</b>	<b>-0.2</b>	<b>-0.05</b>	<b>-0.12</b>

*Tabela 17: Estímulo M2-B avaliado por sujeitos brasileiros.*

atributo grupo	amistosa	atraente	honestas	inteligente	rica	competente	sol	stt	total
BFJ	1.2	-1	1.4	1.4	0	0.8	<b>0.53</b>	<b>0.73</b>	<b>0.636</b>
BMJ	0	-0.6	1.2	0.6	-0.2	0	<b>0.2</b>	<b>0.13</b>	<b>-0.26</b>
BFI	-0.4	-1.2	-0.2	-0.2	-0.8	-0.6	<b>-0.66</b>	<b>-0.53</b>	<b>-0.3</b>
BMI	0.2	-1.4	0.8	0.4	0.2	0.2	<b>-0.13</b>	<b>0.26</b>	<b>0.063</b>
						<b>TOTAIS</b>	<b>0</b>	<b>0.5</b>	<b>0.07</b>

*Tabela 18: Estímulo F1-P avaliado por sujeitos argentinos.*

atributo grupo	amistosa	atraente	honestas	inteligente	rica	competente	sol	stt	total
AFJ	1.4	-0.2	1.4	1.6	-1.2	1.2	<b>0.86</b>	<b>0.53</b>	<b>0.7</b>
AMJ	1.6	0.4	1.4	1.8	-1	1.6	<b>1.13</b>	<b>0.8</b>	<b>0.96</b>
AFI	0.6	1.2	1.6	1.2	0.4	1.6	<b>1.13</b>	<b>1.06</b>	<b>1.1</b>
AMI	0.2	0.6	1	0.8	-1	0.4	<b>0.6</b>	<b>0.06</b>	<b>0.33</b>
						<b>TOTAIS</b>	<b>0.93</b>	<b>0.61</b>	<b>0.77</b>

*Tabela 19: Estímulo F1-B avaliado por sujeitos argentinos.*

atributo grupo	amistosa	atraente	honestas	inteligente	rica	competente	sol	stt	total
AFJ	1.6	1.2	1.4	1.8	1.2	1.6	<b>1.4</b>	<b>1.53</b>	<b>1.46</b>
AMJ	1.8	1.4	1.6	1	1	1	<b>1.6</b>	<b>1</b>	<b>1.3</b>
AFI	0.8	1.4	1.6	1.2	1.2	1.4	<b>1.53</b>	<b>1.26</b>	<b>1.4</b>
AMI	1.4	1.6	1	1.4	0.2	0.2	<b>1.33</b>	<b>0.6</b>	<b>0.96</b>
						<b>TOTAIS</b>	<b>1.46</b>	<b>1.1</b>	<b>1.28</b>

*Tabela 20: Estímulo M1-B avaliado por sujeitos argentinos.*

atributo grupo	amistosa	atraente	honestas	inteligente	rica	competente	sol	stt	total
AFJ	1.2	-0.4	1.4	1.8	-0.2	1	<b>0.73</b>	<b>0.86</b>	<b>0.6</b>
AMJ	1.6	-0.4	1.4	1.6	0.2	1.8	<b>0.86</b>	<b>1.13</b>	<b>1</b>
AFI	1.8	0.8	1.4	1	1.4	1.6	<b>1.33</b>	<b>1.33</b>	<b>1.06</b>
AMI	0.8	-0.8	1.2	1.2	-0.4	1.2	<b>0.4</b>	<b>0.66</b>	<b>0.53</b>
						<b>TOTAIS</b>	<b>0.83</b>	<b>1</b>	<b>0.91</b>



*Tabela 21: Estímulo M1-P avaliado por sujeitos argentinos.*

atributo \ grupo	amistosa	atraente	honestas	inteligente	rica	competente	sol	stt	total
AFJ	1	-0.2	0.8	1.4	0.4	1.4	<b>0.53</b>	<b>1.06</b>	<b>0.8</b>
AMJ	1.4	-0.8	1	1	0.4	0.2	<b>0.53</b>	<b>0.53</b>	<b>0.53</b>
AFI	1.2	1.2	1	1	1	1.2	<b>1.13</b>	<b>1.06</b>	<b>1.1</b>
AMI	0.6	-1.8	0.6	0.6	-0.8	-0.8	<b>-0.2</b>	<b>-0.33</b>	<b>-0.26</b>
						<b>TOTAIS</b>	<b>0.5</b>	<b>0.58</b>	<b>0.54</b>

*Tabela 22: Estímulo F2-A avaliado por sujeitos argentinos.*

atributo grupo	amistosa	atraente	honestas	inteligente	rica	competente	sol	stt	total
AFJ	1.6	0.6	1.8	1.8	0.6	1.8	<b>1.33</b>	<b>1.4</b>	<b>0.83</b>
AMJ	1	-0.8	1.4	1.8	-1.4	1.6	<b>0.53</b>	<b>0.66</b>	<b>0.86</b>
AFI	1.6	0.2	2	1.8	1.2	1.8	<b>1.26</b>	<b>1.6</b>	<b>1.36</b>
AMI	0	-0.2	0.4	1	0.4	0.8	<b>0.06</b>	<b>0.73</b>	<b>0.93</b>
						<b>TOTAIS</b>	<b>0.8</b>	<b>1.1</b>	<b>0.95</b>

*Tabela 23: Estímulo F2-B avaliado por sujeitos argentinos.*

atributo grupo	amistosa	atraente	honestas	inteligente	rica	competente	sol	stt	total
AFJ	1.6	1.2	1.6	2	1.2	1.8	<b>1.46</b>	<b>1.66</b>	<b>1.56</b>
AMJ	1.8	0.8	1.2	1	0	1.2	<b>1.26</b>	<b>0.73</b>	<b>1</b>
AFI	1.6	1.6	1.2	1.2	1.4	1.4	<b>1.46</b>	<b>1.33</b>	<b>1.4</b>
AMI	1.6	1.2	1.4	1.2	0.4	0.6	<b>1.4</b>	<b>0.73</b>	<b>1.06</b>
						<b>TOTAIS</b>	<b>1.4</b>	<b>1.11</b>	<b>1.25</b>

*Tabela 24: Estímulo M2-A avaliado por sujeitos argentinos.*

atributo grupo	amistosa	atraente	honestas	inteligente	rica	competente	sol	stt	total
AFJ	0	-1	0.8	0.6	-0.4	0.4	<b>-0.06</b>	<b>0.2</b>	<b>0.06</b>
AMJ	0.4	-1.6	1	1	0.2	1.6	<b>-0.06</b>	<b>0.93</b>	<b>0.43</b>
AFI	0	-1.4	0.6	0.8	-0.2	0.4	<b>-0.2</b>	<b>0.33</b>	<b>0.06</b>
AMI	0.2	-1.4	0.6	0.8	-0.2	0.4	<b>-0.2</b>	<b>0.33</b>	<b>0.06</b>
						<b>TOTAIS</b>	<b>0.03</b>	<b>0.55</b>	<b>0.29</b>

*Tabela 25: Estímulo M2-B avaliado por sujeitos argentinos.*

atributo \ grupo	amistosa	atraente	honestas	inteligente	rica	competente	sol	stt	total
AFJ	-1.6	-1	0.2	-0.2	-1	-1.4	<b>-0.8</b>	<b>-0.86</b>	<b>-0.83</b>
AMJ	-0.2	-0.4	0.6	0.8	-0.6	-0.2	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>0</b>
AFI	-1	-1	0.2	0.8	-0.2	0.2	<b>-0.6</b>	<b>0.26</b>	<b>-0.16</b>
AMI	0	-1.6	0.2	0.4	-0.2	0.8	<b>-0.6</b>	<b>0.33</b>	<b>-0.13</b>
						<b>TOTAIS</b>	<b>-0.5</b>	<b>-0.06</b>	<b>-0.28</b>

*Tabela 26: Estímulo F1-P avaliado por sujeitos paraguaios.*

atributo \ grupo	amistosa	atraente	honestas	inteligente	rica	competente	sol	stt	total
PFJ	2	1.4	2	1.6	-0.2	1.8	<b>1.8</b>	<b>1.06</b>	<b>1.43</b>
PMJ	1.6	1	1.6	1.2	0	0.8	<b>1.4</b>	<b>0.66</b>	<b>1.03</b>
PFI	2	1.8	2	1.6	0.2	1	<b>1.93</b>	<b>0.93</b>	<b>1.43</b>
PMI	1.6	0.4	1.8	1.2	-0.4	1	<b>1.26</b>	<b>0.6</b>	<b>0.93</b>
						<b>TOTAIS</b>	<b>1.6</b>	<b>0.81</b>	<b>1.2</b>

*Tabela 27: Estímulo F1-B avaliado por sujeitos paraguaios.*

atributo \ grupo	amistosa	atraente	honestas	inteligente	rica	competente	sol	stt	total
PFJ	1.4	1	1.6	2	0.2	1.6	<b>1.33</b>	<b>1.26</b>	<b>1.3</b>
PMJ	0.8	0.6	1	1.2	0.8	1.6	<b>0.8</b>	<b>1.2</b>	<b>1</b>
PFI	1.4	0.8	1.8	1.2	1.6	1.2	<b>1.33</b>	<b>1.33</b>	<b>1.33</b>
PMI	0.2	-0.2	1.2	0.4	0	0.4	<b>0.4</b>	<b>0.26</b>	<b>0.33</b>
						<b>TOTAIS</b>	<b>0.96</b>	<b>1.01</b>	<b>0.99</b>

*Tabela 28: Estímulo M1-B avaliado por sujeitos paraguaios.*

atributo \ grupo	amistosa	atraente	honestas	inteligente	rica	competente	sol	stt	total
PFJ	1.6	0.6	1.8	1.4	0.6	1.8	<b>0.73</b>	<b>0.86</b>	<b>0.8</b>
PMJ	1.2	-0.8	1.4	1	0.2	1.2	<b>0.86</b>	<b>1.13</b>	<b>1</b>
PFI	1.8	1.2	1.6	2	1.4	1.8	<b>1.33</b>	<b>1.33</b>	<b>1.06</b>
PMI	1.4	-0.2	1.8	1	0.8	0.8	<b>0.4</b>	<b>0.66</b>	<b>0.53</b>
						<b>TOTAIS</b>	<b>1.11</b>	<b>1.16</b>	<b>1.14</b>



*Tabela 29: Estímulo M1-P avaliado por sujeitos paraguaios.*

atributo grupo	amistosa	atraente	honestas	inteligente	rica	competente	sol	stt	total
PFJ	1.2	-0.2	0.4	0.6	-0.2	1.2	<b>0.46</b>	<b>0.53</b>	<b>0.5</b>
PMJ	0.6	-0.2	1	1.4	-0.2	1.2	<b>0.46</b>	<b>0.8</b>	<b>0.63</b>
PFI	1.8	1.2	1	1	0.2	0.8	<b>1.33</b>	<b>0.66</b>	<b>1</b>
PMI	1.2	-0.8	0.6	0.8	-0.8	0.4	<b>0.33</b>	<b>0.13</b>	<b>0.23</b>
						<b>TOTAIS</b>	<b>0.65</b>	<b>0.53</b>	<b>0.59</b>

Tabela 30: Estímulo F2-A avaliado por sujeitos paraguaios.

atributo \ grupo	amistosa	atraente	honestas	inteligente	rica	competente	sol	stt	total
PFJ	1.2	-0.2	1.6	1.8	-0.6	1.8	<b>0.86</b>	<b>1</b>	<b>0.93</b>
PMJ	0.8	0.6	1	1.2	0.2	1	<b>0.8</b>	<b>0.8</b>	<b>0.8</b>
PFI	0.8	0.2	1.4	1.6	0.2	1	<b>0.8</b>	<b>0.93</b>	<b>0.86</b>
PMI	0.6	0.2	1.4	1.4	-0.2	1	<b>0.73</b>	<b>0.73</b>	<b>0.73</b>
						<b>TOTAIS</b>	<b>0.8</b>	<b>0.86</b>	<b>0.83</b>

*Tabela 31: Estímulo F2-B avaliado por sujeitos paraguaios.*

atributo grupo	amistosa	atraente	honestas	inteligente	rica	competente	sol	stt	total
PFJ	1.2	0.8	1.4	1.8	1	1.4	<b>1.13</b>	<b>1.4</b>	<b>1.26</b>
PMJ	0.8	0.8	0.6	1.2	0.2	1.4	<b>0.73</b>	<b>0.93</b>	<b>0.83</b>
PFI	1.8	1.4	1.6	2	1.2	2	<b>1.6</b>	<b>1.73</b>	<b>1.66</b>
PMI	1	1	1.4	1	0	0.6	<b>1.13</b>	<b>0.53</b>	<b>0.83</b>
						<b>TOTAIS</b>	<b>1.15</b>	<b>1.15</b>	<b>1.15</b>

*Tabela 32: Estímulo M2-A avaliado por sujeitos paraguaios.*

atributo \ grupo	amistosa	atraente	honestas	inteligente	rica	competente	sol	stt	total
PFJ	0.6	-1.2	0.8	1	-1	0.6	<b>0.06</b>	<b>0.2</b>	<b>0.13</b>
PMJ	-0.6	-0.8	0.2	0.6	-0.2	0.8	<b>-0.4</b>	<b>0.4</b>	<b>0</b>
PFI	1.2	0	1.2	1.8	0.8	0.4	<b>0.8</b>	<b>1</b>	<b>0.9</b>
PMI	-0.2	-0.4	0.4	1.2	-0.4	-1	<b>-0.06</b>	<b>-0.06</b>	<b>-0.06</b>
						<b>TOTAIS</b>	<b>1.6</b>	<b>0.81</b>	<b>1.2</b>

*Tabela 33: Estímulo M2-B avaliado por sujeitos paraguaios.*

atributo \ grupo	amistosa	atraente	honestas	inteligente	rica	competente	sol	stt	total
PFJ	-0.6	-1	0.8	0.2	0.2	1.2	<b>-0.26</b>	<b>0.53</b>	<b>0.13</b>
PMJ	-0.8	-1.4	0	-0.2	-0.4	-0.2	<b>-0.73</b>	<b>-0.26</b>	<b>-0.5</b>
PFI	0.8	-1	1.4	0.6	-0.4	0.4	<b>0.4</b>	<b>0.2</b>	<b>0.3</b>
PMI	-0.4	-1	1.2	0.8	0.8	0.8	<b>-0.06</b>	<b>0.8</b>	<b>0.36</b>
						<b>TOTAIS</b>	<b>-0.16</b>	<b>0.31</b>	<b>0.07</b>